

RELATÓRIO FINAL
ESTUDO DE REFERÊNCIA “AGRICULTURA DE MANGAL”



Projeto Ianda Guiné Arrus

Marta Alves

Vanda Medeiros

Yannick Le Page

ÍNDICE

1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	7
1.1. Enquadramento e objetivos do estudo.....	7
1.2. Equipa.....	7
1.3. Âmbito do estudo.....	8
1.4. Etapas e metodologia.....	8
2. MEMÓRIA DESCRITIVA DAS TABANKAS ESTUDADAS.....	10
3. ANÁLISE DEMOGRÁFICA.....	21
4. ANÁLISE SOCIAL	23
4.1. Estrutura administrativa e tomada de decisões	23
4.2. Recursos naturais acessíveis	24
4.3. Gestão dos recursos	24
4.4. Bolanhas abandonadas	26
4.5. Bolanhas lavradas.....	27
4.6. Relações entre as <i>tabankas</i>	27
4.7. Êxodo rural	28
4.8. Género - áreas em que a mulher tem poder de decisão	30
5. ANÁLISE ECONÓMICA.....	31
5.1. Principal atividade económica de consumo.....	32
5.2. Outros cultivos produzidos essencialmente para consumo	33
5.3. Principal atividade económica de rendimento	33
5.4. Outros produtos e atividades económicas de rendimento	34
5.5. Produção de sal	36
5.6. Criação de animais	37
5.7. Utilização de pesticidas no cultivo de arroz.....	38
5.8. Principais dificuldades na realização das atividades económicas agrícolas	39
5.9. Pessoas que contratam para trabalhos agrícolas	44
5.10. Duração do consumo do arroz produzido.....	44
5.11. Número médio de pessoas por fogão	46
5.12. Arroz guardado para cerimónias.....	46
5.13. Melhoria das condições de vida.....	47

6. ANÁLISE NUTRICIONAL.....	47
6.1. Acesso a cuidados básicos de saúde	48
6.2. Quem cuida das crianças na ausência da mãe.....	48
6.3. Número de refeições por dia	49
6.4. Diversidade Alimentar.....	50
7. ANÁLISE AMBIENTAL.....	52
8. ANÁLISE TERRITORIAL - CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA.....	57
9. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	58
10. PROPOSTA DE INDICADORES E VALORES DE REFERÊNCIA.....	59
ANEXOS.....	61

INDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Recursos naturais acessíveis nas tabankas.....	24
Gráfico 2 - Motivos apresentados para o abandono de bolanhas nas tabankas.....	27
Gráfico 3 - Nº médio de homens e mulheres com idades dos 18 aos 35 anos por fogão.....	29
Gráfico 4 - Produção de arroz (toneladas) na Guiné-Bissau nos ultimos 30 anos	31
Gráfico 5 - Nº médio de sacos de arroz produzidos por fogão no ano passado.....	32
Gráfico 6 - Estimativa de produção média de feijão e milhos por tabanka	33
Gráfico 7 - Nº médio de sacos de castanha de caju produzidos por fogão, na última colheita	34
Gráfico 8 - Produtos de rendimento produzidos, em percentagem, por tabanka.....	35
Gráfico 9 - Percentagem estimada na produção de sal, por tabanka	36
Gráfico 10 - Percentagem estimada na venda de sal, por tabanka	37
Gráfico 11 - Nº médio de animais por fogão (todas as tabankas).....	37
Gráfico 12 - Utilização de pesticidas nas tabankas consideradas.....	38
Gráfico 13 - Altura em que são aplicados pesticidas.....	38
Gráfico 14 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (arroz de bolanha) ..	41
Gráfico 15 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (feijão)	41
Gráfico 16 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (amendoim)	42
Gráfico 17 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (milhos)	42
Gráfico 18 - Local de armazenamento do arroz	43

Gráfico 19 - Pessoas que contratam para trabalhos agrícolas, média de todas as tabankas....	44
Gráfico 20 - Duração (em intervalo de meses) do consumo de arroz produzido.....	45
Gráfico 21 - Nº médio de pessoas no fogão, por tabanka	46
Gráfico 22 e Gráfico 23 - Reserva de arroz para cerimónias.....	47
Gráfico 24 - Média do tempo de caminho até ao Centro de Saúde mais próximo.....	48
Gráfico 25 - Quem cuida das crianças na ausência da mãe	49
Gráfico 26 - Percentagem do nº de refeições realizadas num dia (média todas tabankas).....	49
Gráfico 27 - Percentagem do consumo de carne (média de todas as tabankas)	50
Gráfico 28 - Percentagem do consumo de peixe (média de todas as tabankas)	51
Gráfico 29 - Percentagem do consumo de frutas (média de todas as tabankas)	51
Gráfico 30 - Percentagem do consumo de legumes (média de todas as tabankas)	52
Gráfico 31 - Percentagem de pessoas que cortam o mangal.....	55
Gráfico 32 - Média de todas as tabankas acerca do período em que o mangal é cortado	56

INDICE DE FIGURAS

Figura 1. Localização das <i>tabankas</i> estudadas e dos seus limites aproximativos.	11
Figura 2. Mapa das relações entre as tabankas inferidas pelos inquéritos.....	28
Figura 3. Esquerda: Precipitação anual média na Guiné Bissau. Fonte: Worldclim (ver texto) ..	52
Figura 4. Direita: Precipitação e temperatura na zona de estudo. Fonte: GPCC (ver texto)	52
Figura 5. Áreas de mangal na zona de Encheia, digitalizadas a partir de imagens de alta resolução.	53
Figura 6. Esquerda: Aptidão dos solos para o cultivo do arroz de mangal.....	54
Figura 7. Direita: fator mais limitante para o cultivo do arroz de mangal.....	54
Figura 8. Dados históricos de precipitação.	55
Figura 9. Cartografia do uso do mangal.	56

SUMÁRIO EXECUTIVO

O presente relatório preliminar apresenta os primeiros dados consolidados e tratados para o Estudo de Referência – Agricultura de Mangal – realizado de acordo com os Termos de Referência (TdR) em anexo.

Tal como solicitado nos TdR, o estudo de referência centrou-se na análise do contexto territorial da zona de Encheia, com a finalidade de fornecer informações qualitativas e quantitativas necessárias para melhor o compreender, facilitando a tomada de decisões e a construção do dispositivo de monitoria e avaliação do projeto. Para entender e seguir o contexto da área de estudo, foram feitas as seguintes análises: demográfica, social, económica, nutricional, ambiental e territorial.

O estudo foi realizado no Sector de Encheia, em treze *tabankas* (aldeias) prioritárias e três não prioritárias, fazendo um total de dezasseis *tabankas* estudadas, sendo elas: Blaftchur, Boda Quintanhili, Cajaque, Catche, Claque N'quinteda, Clonque, Corren-ghé, Impasse, Infaidi, Insanha, Tchalé, N'tchangue e Uncur; e Biambi, Late e Quere.

Foram realizados trezentos e onze inquéritos a *fogões* de *moranças* das treze *tabankas* em estudo, segundo uma *metodologia aleatória simples*, e três grupos focais nas *tabankas* não prioritárias.

Análise Demográfica

De acordo com estes dados e tendo por referência os Censos 2009, nos últimos dez anos verificou-se uma diminuição de cerca de 10% na população total das treze *tabankas* estudadas.

Em todas as *tabankas* a população afirmou que os jovens saem cada vez mais para as cidades para estudar e procurar melhores condições de vida. O êxodo rural é proporcionado e intensificado pela ausência de escolas a partir do 6^a ano de escolaridade.

Análise Social

De um modo geral a estrutura organizacional e hierárquica das *tabankas* abrangidas pelo estudo é uma estrutura horizontal em que as decisões são tomadas pela comunidade, com algumas pessoas-chave que coordenam assuntos específicos. Dependendo do assunto em questão, o debate e a tomada de decisões é normalmente liderado por grupos, que estão diretamente envolvidos no assunto, e a comunidade.

Foram identificados pelos inquiridos, em todas as *tabankas*, os seguintes recursos naturais: água potável, terra, mangal e floresta. Em traços gerais, a gestão dos recursos naturais é feita pela comunidade ou pelos proprietários dos recursos, quando é o caso. Esta gestão foi descrita com sendo feita de forma pacífica, não levantando conflitos significativos.

As relações entre as *tabankas* estudadas parecem ser maioritariamente sociais, isto é, as pessoas conhecem-se, visitam-se, sentam-se e divertem-se juntas. Existem também relações de carácter económico, demarcadas pela venda ou troca de produtos alimentares como (galinhas, porcos ou cabras, amendoim, farroba etc), para a construção de diques comuns nas bolanhas e para a contratação de mão-de-obra composta por grupos de jovens que se organizam para os trabalhos agrícolas.

Apesar de o “chefe de família” ser o homem, ao nível da casa as mulheres das comunidades estudadas assumem normalmente um papel central e decisivo na economia e organização familiar, dedicando-se a uma série de atividades económicas que, por um lado, contribuem para a entrada de dinheiro no agregado familiar, e que por outro permitem a satisfação de necessidades básicas da família, como ir buscar água,

cozinhar, cuidar das crianças etc. As áreas referidas como aquelas em que as mulheres têm poder de decisão foram as seguintes: organização da casa; vacinação das crianças; escola das crianças; gestão do dinheiro que ganham com a venda dos produtos hortícolas.

Análise Económica

A produção de arroz alagado é a principal atividade agrícola de subsistência na zona em estudo. O número médio de sacos de arroz de bolanha salgada que foram produzidos no último ano de produção por fogão inquirido, varia entre os cinco e os vinte e dois sacos, sendo a *tabanka* de Uncur aquela que teve a maior produção e a de Claque a que teve a menor produção. A maioria dos agricultores da zona de Encheia armazena o seu arroz produzido em *Bembas de terra*.

No setor de Encheia, assim como em todas as regiões da Guiné-Bissau, é praticada a agricultura designada “de rendimento” e é representada pela produção de castanha de caju, sendo esta a principal atividade económica agrícola geradora de rendimento para as famílias guineenses.

Os agricultores praticam ainda outras atividades agrícolas de rendimento como a produção de amendoim (*mancarra*) que, apesar de ser também consumido, verificou-se que a maioria vende a maior parte do amendoim que produz. Outra atividade económica referida é a colheita e preparação da *mampufna*. A produção de sal é também uma atividade económica geradora de rendimento.

As principais dificuldades na realização das atividades económicas agrícolas anunciadas pelos inquiridos são: a falta de mão-de-obra, a reconstrução dos diques de cintura, as temperaturas altas, a falta de água, o armazenamento, os animais selvagens e a vedação insuficiente para proteger os cultivos dos animais.

Nas *tabankas* estudadas a maioria dos inquiridos consegue fazer um armazenamento de arroz durante 4 a 6 meses. Segundo as respostas dadas, o número médio de pessoas por fogão varia entre 7,3 e 12,7.

Análise Nutricional

Em cerca de metade dos *fogões* inquiridos afirmaram fazer duas refeições por dia à base de arroz. Além das refeições cozinhadas, toda a população come frutos e bagas silvestres, bem outros alimentos que colhem, e que se encontram na *tabanka* ou floresta, e que são sazonais. Foi transmitido que, independentemente de tudo o que se possa comer ao longo do dia, apenas o arroz é considerado refeição que sacia a fome.

De acordo com os inquéritos aplicados: o consumo de carne está intimamente relacionado com as cerimónias tradicionais; o consumo de peixe e de crustáceos (caranguejo, camarão) é bastante mais regular do que o consumo da carne; o consumo de frutas é sazonal e a quantidade consumida depende da sua disponibilidade anual; o consumo de legumes depende da autoprodução de hortaliças na *tabanka* ou do poder de compra para os adquirir nas feiras.

Análise Ambiental

Os principais problemas ambientais encontrados na valorização dos recursos referidos nos inquéritos (água, terra, mangais e floresta) são: a falta de água; a falta de chuva e a entrada súbita de água salgada, que destrói os diques e o cultivo de arroz alagado.

Foram reportadas as seguintes atividades relacionadas com o mangal: corte para expansão das bolanhas; corte para produção de lenha; corte para produção de madeira de construção; pesca (peixe, caranguejo, camarão, etc.); produção de sal.

Análise Territorial

Todas as *tabankas* indicaram ter boas relações entre elas, incluindo a nível social (partilha de escolas, centro de saúde, poços de água) e a nível económico (troca e venda de produtos agrícolas, contratação de mão de obra, entreajuda). O único conflito referido envolveu Blaftchur e Uncur relativamente à abertura de um dique para a passagem da água das chuvas.

Conclusões, apreciações e recomendações

Apesar dos constrangimentos na obtenção de dados mais específicos e quantificáveis, acredita-se que os resultados do estudo são bastante fiáveis na medida em que estabelecem uma média aproximada e permitem obter um conhecimento aprofundado da área de intervenção do projeto, pelo que consideramos que foram alcançados os objetivos principais estabelecidos para a execução do estudo de referência. Foram encontradas algumas dificuldades na obtenção de dados demográficos (baseados apenas nos dados recolhidos pelos Agentes de Saúde Comunitária) e na obtenção de números exatos e fiáveis no que se refere às questões que solicitavam dados quantificáveis (idade, número exato de sacos ou quilos de produtos produzidos).

Numa perspetiva construtiva e de contribuição positiva para o decorrer do projeto *Ianda Guiné Arrus* recomenda -se:

- Estabelecer contato com os Agentes de Saúde Comunitária para obter dados demográficos atualizados;
- Selecionar dois ou três pontos focais ou pessoas de referência por *tabanka* para o projeto tendo em conta a divisão por grupos existente nas comunidades (*homens grandes*¹, jovens e mulheres);
- Trabalhar a questão do género junto dos homens e das mulheres;
- Sensibilizar para a proteção do mangal;
- Reconhecer e divulgar estratégias ancestrais para a proteção dos recursos naturais;
- Fomentar a participação e a união de *tabankas* para os trabalhos de recuperação dos diques;
- Implementar ações de formação para reconstrução de diques de forma durável e sustentável em termos de recursos disponíveis e materiais acessíveis;
- Criar estratégias de responsabilização junto dos beneficiários do projeto para a manutenção das estruturas concebidas, apoiando na implementação de sistemas de gestão de competências e fundos de manio;
- Implementar ações paralelas às ações do projeto para o aumento do acesso à água potável nas *tabankas*;
- Fazer uso de programas de rádio, ao nível das rádios comunitárias, para a divulgação, promoção e sensibilização em matérias relevantes para os objetivos do projeto.

¹ Expressão utilizada em crioulo para designar os homens mais velhos. É uma designação que mais do que expressar a idade propriamente dita, exalta a experiência de vida e sabedoria que lhes confere grande respeito e consideração por parte da população.

1. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

1.1. Enquadramento e objetivos do estudo

O presente relatório apresenta os dados, consolidados e tratados, recolhidos no âmbito do Estudo de Referência “Agricultura de Mangal”. Este estudo faz parte do *Projeto Ianda Guiné Arrus* e foi realizado de acordo com os Termos de Referência (TdR) em anexo (Anexo 1).

O objetivo específico da componente *Agricultura de Mangal* é “aumentar a resiliência, os rendimentos e os níveis de segurança alimentar e nutricional das famílias abrangidas pelo desenvolvimento durável da fileira do arroz de mangal em áreas selecionadas da Guiné-Bissau”.

Tal como solicitado nos TdR, o estudo de referência centrou-se na análise do contexto territorial da zona de Encheia, com a finalidade de fornecer os conhecimentos qualitativos e quantitativos necessários para compreender melhor o contexto territorial, facilitando a tomada de decisões e a construção do dispositivo de monitoria e avaliação do projeto.

Como descrito nos Termos de Referência, este estudo teve como objetivos:

- Aportar conhecimentos (demográficos, sociais, económicos, ambientais, espaciais e territoriais) da área de intervenção do projeto;
- Propor indicadores e seus valores de referência (T0) que permitam seguir a evolução do contexto e os principais resultados esperados do projeto.

Mais especificamente, para entender e seguir o contexto da área de estudo, foram feitas as seguintes análises:

- Análise Demográfica: estado atual e dinâmica;
- Análise Social: organização social, gestão da terra e gestão de água de cultivo;
- Análise Económica: ao nível da *Tabanka*, *Morança* e *Fogão*;
- Análise Nutricional: ao nível do *Fogão*;
- Análise Ambiental: Recursos Naturais e Mudanças Climáticas;
- Análise Espacial: uso da terra dentro e ao redor do território da *tabanka*;
- Análise Territorial da Área de Intervenção .

1.2. Equipa

O estudo de referência foi elaborado por uma equipa de três consultores internacionais:

- Marta Alves (Chefe de Equipa) – Engenheira Agrónoma, Especialista em Desenvolvimento Rural, com 10 anos de experiência na Guiné-Bissau;
- Vanda Medeiros – Técnica de Cooperação para o Desenvolvimento, com 10 anos de experiência de implementação de projetos na Guiné-Bissau;
- Yannick Le Page – Engenheiro Florestal – Especialista em Mapeamento e Cartografia com experiência num estudo similar na Guiné-Bissau, região de Tombali.

O estudo contou, ainda, com a colaboração de seis Inquiridores nacionais, recrutados localmente, com experiência em recolha e compilação de dados em diferentes pesquisas no país.

1.3. Âmbito do estudo

O estudo foi realizado no Sector de Encheia, em treze *tabankas*² prioritárias, onde foi realizado um estudo aprofundado, e três *tabankas* não prioritárias que foram alvo de um estudo superficial. As *tabankas* prioritárias são: Blaftchur, Boda Quintanhili, Cajaque, Catche, Claque N'quinteda, Clonque, Corren-ghé, Impasse, Infaidi, Insanha, Tchalé, N'tchangue e Uncur. As *tabankas não prioritárias* são Biambi, Late e Quere.

A área de estudo apresenta uma superfície de cerca de 24500 hectares e, de acordo com o Censos 2009, uma população de 6.391 habitantes.

1.4. Etapas e metodologia

O estudo foi desenvolvido ao longo das seguintes etapas:

- I. Elaboração das ferramentas de pesquisa (inquéritos, entrevistas, grupos focais) com base nos Termos de Referência, analisadas e validadas juntamente com a equipa de projeto.
- II. Seleção de seis inquiridores, mediante a divulgação de termos de referência específicos para esta função, a receção de candidaturas e a realização de entrevistas por *Skype* e *Whatsapp*.
- III. Formação dos inquiridores durante três dias, na sede LVIA em Bissorã: um dia de formação em sala e dois dias de testagem das ferramentas no terreno (Anexo 1. Plano de Formação).
- IV. Realização de uma reunião em Uncur com chefes/responsáveis das *tabankas* com o objetivo de apresentar o estudo e calendarizar as visitas. Estiveram presentes nesta reunião cerca de 45 pessoas (chefes de *tabanka*, pessoas de referência e outros) provenientes de Biambi II (8 pessoas), Blaftchur (1), Cajaque (3), Claque N'quinteda (4 Pessoas), Corren-ghé (1 pessoa), Impasse (10 pessoas), Infaidi (2 pessoas), Late (3 pessoas), Tchalé (2 pessoas), N'Tchangue (3 pessoas) e Uncur (15 pessoas).

² *Tabanka*, termo em crioulo para designar aldeia.



Foto 1 - Reunião em Uncur para calendarização do trabalho de terreno

- V. Recolha e compilação de dados terreno: doze dias de aplicação de inquéritos, entrevistas, grupos focais e cartografia participativa nas *tabankas* abrangidas pelo estudo aprofundado. A equipa foi dividida em duas equipas de quatro pessoas (um consultor internacional, como coordenador de equipa, e três inquiridores). Cada equipa visitou uma *tabanka* por dia, de acordo com o calendário apresentado na reunião em Uncur. De acordo com a necessidade do estudo, em algumas *tabankas* foram feitas mais do que uma visita. No final de cada dia de trabalho as duas equipas reuniam-se em Bissorã para partilha de dados, informações, resolução de problemas, entre outros. Após os primeiros dois dias de aplicação de inquéritos, considerou-se pertinente adicionar algumas questões que não estavam contempladas. Os dias de pesquisa no terreno foram intercalados por três dias de compilação de dados feita por toda a equipa.
- VI. Cartografia: numa primeira fase foram realizadas revisões bibliográficas de dados da região em estudo referentes a dados climáticos, edáficos e cartografia das áreas de mangal. Numa segunda fase, foram realizadas recolha de dados GPS (*tabankas* e pontos relevantes para o estudo) e elaboração de cartografia participativa com as pessoas de referência de cada *tabanka* (Comités e *homens grandes* importantes) que vieram complementar as análises territoriais e ambientais.
- VII. Atelier de Restituição e apresentação do Relatório Preliminar: apresentação de uma primeira síntese e análise dos dados recolhidos ao nível das *tabankas* do estudo aprofundado para a equipa de intervenientes do projeto. Registo de comentários e reflexões apresentados pelos participantes durante a sessão de restituição.
- VIII. Relatório final com a apresentação dos dados recolhidos ao nível das *tabankas* e dos *fogões*³ incluindo os comentários e reflexões apresentadas pela equipa de projeto ao relatório preliminar.

³ Designação tradicional de agregados familiares.

Tal como descrito nos termos de referência, para entender e fazer o seguimento do contexto da área de intervenção do projeto, foram conduzidas as seguintes análises: demográfica, social, económica, nutricional, ambiental e territorial.

As análises demográfica, ambiental e territorial foram conduzidas mediante a aplicação de entrevistas e cartografias participativas aos Comitês, chefes e/ou *homens grandes* das *tabankas* em estudo. As análises social, económica e nutricional foram conduzidas através da aplicação de inquéritos a homens e mulheres, ao nível do *fogão*, procurando manter um equilíbrio relativamente ao género dos inquiridos.

Todos os dados recolhidos foram compilados ao nível da *tabanka* e alguns também ao nível do *fogão*, sobretudo aqueles que têm uma relação direta com os indicadores do projeto e que permitem fazer o seu seguimento.

Nas treze *tabankas* prioritárias para o projeto foram realizados trezentos e onze inquéritos, a homens e mulheres de trezentos e onze *fogões*. A escolha dos *fogões* foi efetuada seguindo uma metodologia de *Amostragem Aleatória Simples*⁴.

De forma a obter uma amostra representativa da população de cada *tabanka*, foi considerada a inclusão do maior número possível de *moranças*⁵ por *tabanka*. Nas *tabankas* mais pequenas foi possível fazer inquéritos em todas as *moranças*. Nas *tabankas* de maior dimensão procurou-se atingir o máximo número de *moranças* possível, com o objetivo de alcançar pelo menos oitenta por cento das existentes. O número de inquéritos por *tabanka* é, portanto, baseado nesse objetivo.

Nas *tabankas* não prioritárias para o projeto (Biambi, Late e Queré) foram recolhidos dados gerais através da dinamização de um grupo focal por *tabanka*, o qual reuniu um grupo heterogéneo (homens, mulheres e jovens) e representativo da população.

2. MEMÓRIA DESCRITIVA DAS TABANKAS ESTUDADAS

A memória descritiva das *tabankas* onde foram recolhidos os dados para o Estudo de Referência é um resultado das entrevistas realizadas aos Comitês e *homens grandes* nas treze *tabankas* prioritárias para o projeto, e de três grupos focais, aplicados em três *tabankas* não prioritárias.

As entrevistas (disponíveis no Anexo 3) integravam as análises demográfica, ambiental e territorial e consistiam em questões acerca da história da *tabanka*, demografia, dinâmica populacional, clima, solos, cultivo de arroz e perspetivas pessoais acerca do território.

Os entrevistados tinham, por vezes, dificuldade em relatar acontecimentos ou factos históricos relacionados com a história da sua *tabanka*. Vários, sobretudo os mais velhos, nem sempre falavam crioulo e, nesses casos, foi necessário o recurso a tradutores locais.

⁴ Todos os elementos têm idêntica probabilidade de serem selecionados para a amostra.

⁵ Agrupamento familiar ou doméstico representado por um conjunto de *fogões* que não corresponde necessariamente ao número de casas.



Figura 1. Localização das *tabankas* estudadas e dos seus limites aproximativos.

Blaftchur

O *homem grande* (Togna Buala) e o Comité da *tabanka* de Blaftchur entrevistados afirmaram desconhecer a origem desta *tabanka*, no entanto sabiam que a população ali está há várias gerações. Apesar de alguns dos homens da aldeia terem emigrado ao longo dos tempos por diferentes motivos, tais como a guerra colonial, ou a busca de melhores condições de vida nos países vizinhos, segundo os entrevistados foram sempre regressando á aldeia.

Foi referido pelo *homem grande* que a *tabanka* sagrada de referência, na zona de Encheia, é Cadjaque, pois é lá que está a *baloba*⁶ principal onde, antigamente, todos iam fazer as cerimónias mais importantes para a comunidade, nomeadamente “pedir chuva”. Contaram, ainda, que Blaftchur também foi, em tempos, uma *tabanka* sagrada devido à existência de uma pedra, da qual jorrava água doce. Naquela pedra também se faziam e fazem ainda algumas cerimónias importantes relacionadas com o cultivo do arroz, nomeadamente o pedido de chuva.

Disseram que, no passado, Blaftchur era uma *tabanka* de produção abundante de arroz, que a área de bolanha cultivada era muito maior do que a atual, que chovia durante muito mais tempo e que as bolanhas não se danificavam. Cultivavam também bastante mancarra e feijão. A dedicação a estas culturas era muito mais intensa porque, por um lado, havia menos falta de água e, por outro lado, não existia o caju. Contaram que o caju foi uma cultura introduzida pelos estrangeiros (*colonos*) e que

⁶ Local sagrado onde são praticadas cerimónias animistas.

inicialmente os balantas não aceitaram bem e não entendiam para que servia, mas que, hoje em dia, todos desejam ter um cajual porque lhes dá rendimento.

Os principais factos históricos enumerados pelos entrevistados foram a *Guerra Colonial* e a *Guerra de 7 de Junho*, na qual participaram vários homens da *tabanka*. A primeira *morança*, dizem ter sido a *morança* de Ansegû, considerada importante pois é onde se encontra a *baloba* principal.

Na perspetiva dos *homens grandes* entrevistados, a natalidade está a aumentar e este aumento é justificado pelo facto de os jovens iniciarem a vida sexual muito mais cedo. Contam que no tempo antigo existiam várias cerimónias que os jovens tinham que realizar até poderem iniciar a vida sexual, mas atualmente as jovens já não esperam para realizar as cerimónias e começam a casar e a ter filhos mais cedo (14, 15 anos). Este facto é apontado sem crítica, os homens referem mesmo que sentem que os jovens são mais livres e corajosos atualmente.

Referem ainda que a maioria dos jovens sai, ou quer sair da *tabanka*, em busca de melhores condições de vida. Sendo que os que saem vão estudar principalmente para Bissorã e Bissau ou vão trabalhar na agricultura em pontas ou lugares na região, afastados da *tabanka*, mas regressando no tempo da lavoura para trabalhar no cultivo do arroz. Acrescentam ainda que os que vão estudar para Bissau, muitas vezes não voltam porque arranjam outros trabalhos por lá.

Exitem na *tabanka* três máquinas de descasque de arroz.

Boda Quintanhili

Em Boda Quintanhili não foi possível reunir com Comité nem com os *homens grandes* da *tabanka*. No período em que foram elaborados os inquéritos para este Estudo de Referência estava decorrer uma grande cerimónia de *Fanado*⁷ que desestabilizou a população desta aldeia. Ninguém esteve presente na reunião geral em Uncur, precisamente porque nesse fim de semana celebravam o *Fanado* do grupo de rapazes que tinha estado ausente da *tabanka* durante dois meses para realizar o ritual. Depois do fim de semana, muitas pessoas saíram de Boda Quintanhili para acompanhar os visitantes.

Segundo informações obtidas junto da população, a *tabanka* não tem nem chefe nem comité. O último Comité faleceu e ainda não foi substituído.

Cadjaque

Cadjaque foi apresentada pelos *homens grandes* entrevistados como tendo sido a primeira *tabanka* da história da etnia Balanta, *foi daqui que saíram para outras terras à procura de condições de vida*, relataram os homens grandes entrevistados.

Contaram que em Cadjaque existiu, no *tempo antigo*⁸, um sábio muito famoso e popular (Ghon Afnume) que fazia milagres e protegia todos os habitantes da aldeia. A maioria dos milagres contados em Cadjaque em Blaftchur estão relacionados com a água, a chuva e o cultivo do arroz. Várias *tabankas* confirmaram a importância de Cadjaque que, inclusivamente, perdura até hoje, no entanto foi referido que devido à falta de arroz e de dinheiro, as pessoas já não têm possibilidade de realizar tantas cerimónias como antigamente. Referiram que os níveis de produção agrícola de arroz, mancarra, feijão e milho, eram muito superiores aos atuais e relacionam esta abundância com condições meteorológicas mais propícias daquela altura (mais chuva e menor temperatura).

A primeira *morança*, afirmam ter sido AFNUME, a *morança* em que morava o sábio e que ainda hoje é aquela em que fazem as cerimónias e reuniões para decidir questões relacionadas com a cultura e a tradição.

⁷ Rito ou cerimónia animista que marca a entrada de um indivíduo na idade adulta.

⁸ Termo em crioulo para designar antigamente ou “há muitos anos atrás”.

Nesta *tabanka*, tanto o Comité (Blami Regna) como os homens mais velhos entrevistados referem que a natalidade tem vindo a aumentar e ao mesmo tempo a mortalidade infantil a diminuir, “graças aos centros de saúde”, afirmam. Referem também que as raparigas começam a ter filhos mais cedo pois iniciam a vida sexual mais cedo devido a um afastamento em relação às tradições e rituais antigos. Reconhecem também que há mais liberdade e que hoje em dia as raparigas não têm que esperar que os pais decidam quem será o seu marido, começam a namorar mais livremente e engravidam bastante jovens.

Também aqui os mais velhos declaram que muitos jovens saem para as cidades, sobretudo Bissau. Na sua perspectiva, o êxodo rural é desde cedo motivado pela falta de escola na *tabanka*, “os jovens saem para estudar e já não querem voltar”. Foi bastante clara, por parte dos jovens, a falta de reconhecimento e a falta de vontade em dar informações acerca do êxodo rural, aparentemente por haver algum receio que o projeto não intervisse nesta aldeia.

Existem na *tabanka* duas máquinas de descasque de arroz.

Catche

Em Catche a entrevista foi realizada ao Comité número dois (Augusto Cola), uma vez que o primeiro Comité estava ausente, e a um dos *homens grandes* da aldeia.

Ambos afirmaram desconhecer a história da criação desta *tabanka*, mas sabiam que a primeira *morança* foi a *morança* de Ablaté, que continua a ser o lugar onde fazem as cerimónias e reuniões ligadas à cultura e à tradição. Falaram da importância da baloba de Cadjaque e de como antigamente havia muito mais arroz, na sua perspectiva, porque “realizavam muito mais cerimónias e os espíritos estavam contentes”, atualmente declaram não ter poder económico para realizar tantas cerimónias e por este facto “os espíritos estão mais descontentes e conseqüentemente não chove”.

Na *tabanka* de Catche o mangal é um recurso muito escasso, segundo o Comité, o mangal danificou-se de forma irreparável devido à falta de água salgada. Os habitantes desta *tabanka*, quando precisam de madeira proveniente do mangal vão cortar às *tabankas* vizinhas. A escassez na produção de arroz está, na perspectiva do homem grande entrevistado, ligada à falta de mangal que já não cumpre a sua função de proteção do arroz. Mencionaram ainda uma grande onda (*maron*) em 2015 que danificou os diques e estragou toda a produção de arroz naquele ano.

Também aqui apontam a falta de escola como a principal causa para o êxodo rural, afirmando que depois de saírem da *tabanka* é muito difícil fazer com que os jovens regressem. Referiram também que muitas das pessoas que ultimamente têm saído, fazem-no porque possuem outros lugares de cultivo, *pontas*, onde cultivam o caju e outros produtos de rendimento.

Segundo o Comité, a *tabanka* mais importante é Encheia (ou N’Tchangue) que se desenvolveu devido à sua importância no tempo da guerra colonial (ali existiu uma base militar portuguesa) e que por isso continua a ser a *tabanka* mais importante da região.

Claque N’quinteda

A primeira *morança* que pertencia à família do atual Comité – Ata Una. Tanto o *homem grande* entrevistado como o Comité relataram como factos históricos importantes o tempo da guerra colonial quando todos os habitantes de Claque foram obrigados a deixar as suas casas para ir viver em abrigos em Biambi. Viveram cerca de 11 anos nos abrigos, até a guerra acabar.

Na visão do Comité de Claque a população está a aumentar porque os jovens casam e têm muitos filhos. Refere que a maioria dos jovens que saem da *tabanka* para as cidades voltam para a lavoura porque, como esta *tabanka* tem mato e, portanto, cajual, os jovens voltam para conseguirem receber algum dinheiro.

Em termos de produção de arroz o Comité refere que não tem estado muito bem devido a fatores climáticos e aos diques em mau estado. Em 2014 a *tabanka* de Claque juntou-se com a de Clonque para reconstruir o dique que faz a ligação com as duas *tabankas* e que limita as bolanhas de ambas. Referiu ainda que este dique não está muito bom de momento e por isso estavam a tratar de juntar esforços novamente com Clonque para reforçar o dique novamente, independentemente da ajuda de projetos.

O Comité de Claque refere que a população da *tabanka* sente alguma necessidade de proteger o mangal porque, estando do lado de fora do dique, as árvores de mangal poderão ajudar a proteger o dique e impedir (ou ajudar a impedir) a água salgada de entrar nas bolanhas. Por outro lado, os recursos que o mangal disponibiliza são bastantes, como o peixe, caranguejo e outros alimentos que são trazidos com a água do rio, e por isso as pessoas tentam preservar de algum modo para que não deixem de ter estes recursos.

Para o Comité a cidade mais importante é Bula e a *tabanka* mais importante de Encheia é Uncur. No entanto, tanto o Comité como o *homem grande* entrevistados disseram que a maior *tabanka* de Encheia é Cangha. Quando questionado sobre a importância da sua *tabanka* – Claque – respondeu não ter opinião sobre isso. Referiu ainda que as cidades para onde os jovens de Claque vão mais são Bissau e Bula.

Os poços em Claque não estão todos secos, no entanto, como apenas alguns têm água e como muitas pessoas se servem destes poços, as pessoas têm de esperar frequentemente pela água para conseguirem se abastecer. As relações referidas com outras *tabankas* para a agricultura resumem-se à união com Clonque para reconstrução dos diques comuns.

Clonque

Segundo os dois Comités, o primeiro Comité (Julio Aiobdi) e o segundo Comité (Kleik N’Faca), a primeira *morança* da *tabanka* é a *morança* onde o primeiro Comité vive agora, que era antes do *homem grande*.

Um dos principais acontecimentos marcantes de que se lembram bem, foi a destruição do dique de Impasse no ano de 2000, que causou grandes estragos nos cultivos do arroz das bolanhas de Clonque pela entrada da água salgada. Só há 3 anos atrás conseguiram recuperar o dique de Clonque.

Segundo o primeiro Comité, a população de Clonque diminuiu porque as pessoas morreram bastante e porque os jovens que saem para estudar só voltam na época das chuvas para ajudar na lavoura. Referiu que atualmente existem um menor número de *moranças*. Disse ainda que o número de jovens que atualmente vai estudar fora é maior. O Comité e a população de Clonque queriam ter escolas perto para que os jovens não tivessem de ir para Bissorã a partir do 6ºano de escolaridade.

Neste momento estão a construir uma escola primária no centro da *tabanka*, com o apoio de um projeto, que esperam que faça aumentar a escolaridade das crianças da *tabanka* e diminua a frequência nas escolas que estão longe, pois a escola mais próxima de Clonque atualmente fica a mais de uma hora de caminho.

Em termos ambientais o Comité refere que o clima atual é mau para os cultivos. Para os cajueiros nota que as flores têm secado muito rápido, a chuva tem começado mais tarde e este ano estava especialmente preocupado porque no fim de junho ainda nem tinha conseguido começar a lavar. O solo (terreno da *tabanka*), por sua vez, também está menos fértil, referiu, notando que quando fazem os viveiros das plantas de arroz perto da *tabanka* (que depois usa para transplantar na bolanha) as plântulas não são tão vigorosas.

A sua maior preocupação relaciona-se com a reconstrução dos diques uma vez que está ciente que por mais que reconstruam, a questão principal é a rapidez e facilidade com que estes se destroem. Ainda assim, a *tabanka* tem planos para continuar a reconstruir os diques, pois não têm outra alternativa.

O Comité de Clonque indicou que a *tabanka* foi anteriormente sensibilizada para as alterações climáticas por instituições do estado, que vieram falar sobre o assunto e distribuir sementes de variedades precoces

de arroz, para que as populações pudessem continuar a cultivar arroz num cenário de precipitação mais curta no tempo, uma vez que as suas previsões e últimos dados era de uma época das chuvas mais curta.

Para o Comité as árvores do mangal não protegem o arroz. Apenas no caso de queimar os troncos e espalhar as cinzas pelas bolanhas, nesse caso refere que é benéfico para o cultivo do arroz. Disse ainda que a zona de mangal tem aumentado porque as sementes de mangal que são trazidas com a corrente de água salgada e que ficam do lado de fora do dique de Clonque – zona das bolanhas de Impasse que ficaram estragadas desde o ano de 2000 e que até agora têm água salgada – proliferam rápido e por isso, nesta zona o mangal está a aumentar.

Refere que as maiores *tabankas* do setor de Encheia são Uncur e Impasse e que a mais importante é a Praça de Encheia. Disse que a *tabanka* de Clonque não é tão importante como outras porque “sente mais crise” do que as outras.

A *tabanka* de Clonque tem poços secos nesta altura do ano (referiu que o poço que têm seca em Abril) e que estão secos até agora e por isso as pessoas têm de se deslocar a Boda Quintanhili para se abastecerem de água.

Clonque tem ainda relações com outras *tabankas* no que respeita a entreatajuda para trabalhos agrícolas comuns, neste caso para reconstruírem um dique comum que beneficia as bolanhas de Biambi, Candja, Infaidi, Claque e N’bane, pelo que se juntaram todos para a sua reconstrução.

Corren-ghé

Em Corren-ghé, nenhum dos Comités se encontrava na *tabanka* no dia em que foi realizada a pesquisa. Foi entrevistado um *homem grande* (Ano Clode) que contou que esta *tabanka* surgiu porque os balantas vieram em busca de espaço de cultivo (bolanha) e ali começaram a construir as suas casas. Desde aqueles tempos que o cultivo de arroz era a atividade principal da população, seguido da pesca.

Os principais factos históricos relatados foram o conflito entre Mandingas e Balantas, vencido pelos guerreiros desta última etnia que mataram o líder dos Mandingas (Mamadu Tchernó). Outro facto apresentado como tendo sido marcante na história da *tabanka* foi uma epidemia de cólera em 1994.

Auana foi a *morança* referida como tendo sido a *morança* fundadora da *tabanka*. No entanto, a *morança* de Atchuck foi referida como sendo a mais importante atualmente, por se situar perto do centro da *tabanka*, onde são realizadas as principais reuniões e cerimónias.

Na perspetiva do entrevistado, a taxa de natalidade tem vindo a aumentar devido sobretudo ao casamento precoce, no entanto afirma que os jovens saem cedo da *tabanka* para ir estudar, devido à falta de escolas, e só voltam para ajudar na lavoura. Vão sobretudo para Bissorã e Bissau.

A falta de chuva foi o maior problema apontado para a produção agrícola e o ano de 2017 foi referido como um dos mais difíceis da última década devido ao facto de ter chovido durante apenas um mês. O *homem grande* entrevistado afirmou que a *tabanka* tem planos para se precaver contra os constrangimentos climáticos que se têm vindo a observar, nomeadamente através do cultivo de mandioca, manfafa e nhambe, espécies resistentes à seca.

A *tabanka* aqui referida como sendo a de maior importância foi Cadjaque, devido ao seu carácter sagrado pela existência da *baloba* mais importante onde, como já foi referido anteriormente, são feitas as cerimónias mais importantes relacionadas com o cultivo do arroz.

Impasse

Em Impasse, o Comité da *tabanka* (Bindiba Late) pediu que a entrevista fosse realizada a um homem que tem sido uma das pessoas de referência do Projeto (Insatu Nife). Apesar de ter sido observado que o

Comité é alguém respeitado pela comunidade⁹ este preferiu dar a palavra a Insatu Nife que também mostrou estar a assumir um papel de destaque e liderança junto da comunidade. De facto, todos os contactos efetuados em Impasse foram mediados por ele.

Tanto o Comité, como Insatu Nife afirmaram desconhecer a história da *tabanka* e os únicos factos históricos que relataram foi uma grande onda que destruiu os cultivos de arroz em 2015 e um ano de extrema seca em 2017.

A primeira *morança* de Impasse foi, segundo os entrevistados, Akumanhe, no entanto foi referido que as reuniões e cerimónias são feitas principalmente no centro da *tabanka*.

Afirmaram também que os jovens saem cada vez mais para ir estudar, sobretudo em Bissorã, Mansoa e Bula.

Existem na *tabanka* três máquinas de descasque de arroz.

Infaidi

Os factos históricos relatados nesta *tabanka* pelo Comité (Biafa) remontam à época da Guerra Colonial, em que os habitantes de Infaidi foram obrigados a abandonar a aldeia e a ir viver para Encheia. Depois da Guerra voltaram à *tabanka* e não houve qualquer outro facto histórico que os levasse a sair. Referem que cultivam arroz desde sempre e que nos tempos antigos havia muitas bolanhas cultivadas e uma grande produção de arroz.

A primeira *morança* foi Mbaka e é referida como continuando a ser a mais importante.

O comité refere que em Infaidi os agricultores estão muito ativos e que a área de bolanhas lavradas é maior do que a de bolanhas não lavradas, no entanto, as entradas de água do mar, sobretudo no mês de setembro, são o principal desafio para a produção de arroz.

Desde abril que os poços com água potável estão secos em Infaidi e as pessoas são obrigadas a deslocar-se até Boda Quintanhili para se abastecerem. No entanto para lavar roupa, tomar banho e cozinhar ainda têm alguns poços funcionais na *tabanka*.

Também aqui foi referido que os jovens saem cedo da *tabanka* para estudar e para procurar melhores condições de vida. Segundo os *homens grandes* cada vez há menos jovens a regressar para ajudar no cultivo das bolanhas.

Existem na *tabanka* duas máquinas de descasque de arroz.

Insanha

Em Insanha o Comité afirmou desconhecer a história da *tabanka*, sabendo apenas que as três primeiras *moranças* foram N'djam, Djess e Tabak.

Insanha foi descrita na entrevista como sendo uma *tabanka* com muito pouca população e pouca área de bolanha. Devido a este facto, uma grande parte da população migrou para as *tabankas* vizinhas. Insanha tem sete *moranças*, das quais apenas duas são “grandes”, com quatro casas, todas as outras têm uma a duas casas.

Quando questionado acerca de qual a *tabanka* mais importante, o Comité respondeu Uncur, por ser aquela que possui maior área de bolanha.

Tchalé

⁹ o seu fogão alberga 22 pessoas; junto da sua casa situa-se um poço onde todos vão buscar água; e, foi referido nos inquéritos que quando é necessário arranjar os diques é o Comité que orienta as operações.

A entrevista ocorreu a um dos principais *homens grandes* de Tchalé, no entanto foi traduzida pelo Comité (Manuel, que também é um Agente de Saúde Comunitária), quem também deu pareceres e opiniões próprias.

O *homem grande* entrevistado (Insiba Yala) indicou que na zona da *tabanka* de Tchalé chovia muito no “tempo antigo”, na altura dos avós dos seus avós, e que as pessoas vieram para a zona cultivar arroz e tinham abundância, pois conseguiam elevadas produções. A primeira *morança* de Tchalé era de um homem chamado Turé Palna que terá sido o primeiro homem que veio para esta zona, refere. Este homem teve um filho ao qual chamou Tchalé. Assim fundou a *tabanka* com o mesmo nome.

Relativamente a fatos históricos importantes, relatou que no tempo da guerra colonial as populações de Tchalé davam apoio às tropas do partido PAIGC e que muitas vezes tinham de ir à Guiné Conacri buscar armamento para as tropas. Muitas destas pessoas morreram no caminho pois era um caminho que percorriam durante mais de 6 meses. Além disso, também forneciam alimentação às tropas. Nessa altura as tropas portuguesas queimaram as casas de Tchalé e obrigaram as pessoas a deslocarem-se para os abrigos em Encheia para que as tropas do PAIGC não tivessem nada que comer. No entanto, as pessoas vinham às escondidas, de noite, entregar comida aos tropas e assim eles conseguiram vencer a guerra.

O *homem grande* e o Comité referem que a população de Tchalé está a aumentar. No entanto, quando questionados sobre o êxodo rural dos jovens ficam um pouco confusos. Primeiro referem que a maioria dos jovens que saem da *tabanka* para estudar volta. Depois de insistir na questão dizem que “os que vão e ficam [nas cidades] são mais do que aqueles que voltam para ajudar na lavoura”.

O *homem grande* juntamente com o Comité de Tchalé explicaram que no ano anterior houve uma chuva forte que durou três dias e que destruiu o dique que tinha sido construído durante dois anos. Este acontecimento fez estragar toda a produção de arroz. Por esse motivo referem que o maior problema para a produção de arroz nas bolanhas é a fragilidade dos diques. Por essa mesma razão explicaram que não permitem que a água salgada entre todos os anos na zona de cultivo do arroz (bolanhas), para a reposição da fertilidade do solo, porque não têm como reconstruir os diques todos os anos. Além disso, têm receio que não haja chuva suficiente (porque notam uma diminuição acentuada e crescente da época chuvosa) para “lavar” o solo das bolanhas do sal deixado pela água salgada¹⁰ e que não consigam cultivar arroz se deixarem a água salgada entrar nas bolanhas. Por isso, têm deixado a água salgada entrar nas bolanhas apenas de três em três anos. Antigamente, quando a chuva começava, de facto, em maio, começavam a lavar em julho. Atualmente só conseguem começar a lavar no fim de Agosto ou início de Setembro.

Na opinião do homem grande e Comité de Tchalé, a zona de mangal tem aumentado porque as bolanhas abandonadas também têm aumentado. Isto porque nas zonas onde as bolanhas foram abandonadas o mangal desenvolve-se e cresce rápido uma vez que a água salgada entra frequentemente. O problema dos diques (rápida destruição) tem feito com que o abandono das bolanhas aumentasse muito nos últimos anos.

O *homem grande* referiu também que as árvores de mangal não poderão proteger o cultivo do arroz, uma vez que aquelas se desenvolvem na água salgada e o arroz na água doce. No entanto, quando questionado diretamente sobre a proteção das bolanhas que se situam junto ao “ultimo dique” (o que antecede a primeira bolanha de cultivo e que separa, no fundo, a água salgada da água doce para cultivo), concorda que o mangal protege o dique e impede que a água salgada entre ou que se façam sentir marés vivas.

Tchalé tem uma bomba de água perto da nova escola primária que funciona todo o ano. No entanto esta bomba é insuficiente para fornecer água a toda a população, pois a *tabanka* é de grande dimensão. Existem outros poços na *tabanka*, mas que secam na época seca. Na altura em que decorreu o estudo

¹⁰ Fazem normalmente duas a três “lavagens” com a água da chuva, deixando a água sair das bolanhas a cada lavagem para lixiviação do sal.

(fim de junho) os referidos poços ainda estavam secos e as pessoas deslocavam-se à bomba para se abastecer.

A entreaajuda nos trabalhos agrícolas é realizada com a *tabanka* de Impasse para a reconstrução do dique que é partilhado com esta *tabanka* e que protege ambas as bolanhas.

N'Tchangue

Em N'Tchangue foram entrevistados o segundo Comité (Seco Soares), filho do primeiro Comité e muito jovem, e três *homens grandes*, nitidamente com elevada importância na comunidade, sobretudo graças aos seus conhecimentos relativamente ao cultivo de arroz de bolanha (Tukna Fissane, Rufna Inkada e Agostinho Fona).

Os *homens grandes* entrevistados lembram-se que antigamente chovia muito e havia muito arroz. Atualmente referem existir um enorme problema de falta de água, tanto para beber como para o cultivo. Contam que antigamente não compravam *arroz de loja*, só comiam o arroz da terra. Nos tempos antigos a lavoura de cereais começava em maio, com o *fundo*¹¹, depois cultivavam milho, o amendoim e, por fim, o arroz. Havia, nessa altura, menos pragas porque as águas salgadas e doces misturavam-se.

Segundo os entrevistados, a falta de chuva é causa principal de vários problemas e entraves aos trabalhos agrícolas, pois todos os anos há marés vivas que invadem as bolanhas e estragam os diques. Os agricultores são, assim, obrigados a fechar as bolanhas de água salgada, para impedir o mar de entrar, sabendo que com isto a produção é menor, mas não correndo o risco de não terem chuva suficiente para lixiviar os solos.

Também devido à falta de chuva, referem que o peixe é mais escasso no rio, comparado com os tempos antigos. Para além da falta de chuva, água é aqui referida como uma das maiores dificuldades da *tabanka* de N'Tchangue, que devido à distância relativamente às *tabankas* vizinhas, obriga ao aluguer de burros para se abastecerem de água. A *tabanka* tem uma área enorme de hortas que estavam, no momento em que foi realizado o Estudo, totalmente abandonadas devido à falta de água para a rega e também ao problema de não terem vedações resistentes aos animais.

A escola de N'Tchangue (Encheia) leciona os seis níveis do Ensino Básico, mas com apenas dois professores, sendo que um está reformado e trabalha como voluntário, e o outro é contratado pelo Estado. Foi referido que ambos trabalham com muito poucas condições, devido nomeadamente ao número de alunos por sala. Quando terminam a sexta classe, as crianças saem para estudar nas escolas de Mansoa, Bissorã e Bissau.

Existem na *tabanka* duas máquinas de pilar arroz, cujos proprietários alugam em troca de uma percentagem do arroz pilado.

Foi ainda afirmado durante a entrevista que N'Tchangue é conhecida por realizar campeonatos de futebol entre todas as *tabankas* do sector de Encheia, sendo vista como promotora da união e do convívio entre as diferentes aldeias.

Uncur

A entrevista foi realizada a Cabi, um homem que, apesar de não ser Comité, é uma figura relevante e com protagonismo não só em Uncur, mas também noutras *tabankas* e na praça de Encheia.

Cabi refere que a história da criação da *tabanka* está relacionada com o facto dos balantas se fixarem junto das zonas de mangal para cultivarem as bolanhas salgadas e que foi essa a principal razão de terem

¹¹ *Digitaria exilis* – o fundo é um cereal importante na alimentação de subsistência na Guiné-Bissau, principalmente no período onde há maior crise alimentar (setembro/outubro) que coincide com seu o período de colheita.

fundado Uncur. No início terão tido dificuldades em encontrar outros alimentos (farroba, mangas, etc.), mas depois quando perceberam que podiam cultivar esses alimentos na *tabanka*, se fixaram imediatamente.

Na entrevista realizada ao Comité de Uncur (Alguea Fona ou José Fona) este referiu que as pessoas antes viviam na zona de Encheia e tinham bolanhas que lavraram na zona de Uncur. Por essa razão se instalaram construindo as suas casas e fundando a *tabanka* de Uncur para poder estar mais perto das bolanhas.

Cabi indicou as *moranças* de Maba, Komoni e Abun N'na como sendo as primeiras 3 *moranças* a se fixarem em Uncur. O Comité indicou a *morança* de Andona como a primeira *morança* – a *morança* da sua família.

Historicamente, contou que se lembra que as tropas portuguesas queriam inicialmente fazer o centro de Encheia em Uncur mas a população pediu para não o fazerem para que não sofressem retaliações por parte dos seus “irmãos” das outras *tabankas*. Desta forma, fizeram o quartel em Encheia e todas as pessoas que viviam em Uncur tiveram de ir viver para os abrigos de Encheia. As populações das outras *tabankas* começaram a atacar as pessoas de Uncur por estas estarem a proteger as tropas portuguesas, chegando a matar alguns. Só quando a luta terminou é que os habitantes de Uncur puderam voltar para as suas casas.

Cabi é da opinião de que a população de Uncur está a aumentar porque diz que as mulheres têm muitos filhos. Quando questionado sobre a dinâmica demográfica explicou que as pessoas de Uncur começaram a ir embora para plantar cajuais na zona de floresta (mato) porque ali perto da *tabanka* não há floresta, pois queriam ter algum rendimento (para comprar arroz, colocar telhados de zinco e ter dinheiro). Disse ainda que os jovens têm ido estudar para fora e cada vez mais têm ficado nas cidades a viver. O Comité também indicou essa razão, referiu, no entanto, que a maioria dos jovens volta para a *tabanka* na altura da lavoura, ainda que tenha dito que nos últimos anos esse êxodo rural esteja a aumentar.

Os principais problemas referidos por Cabi e Comité de Uncur para a produção de arroz de bolanha salgada são: a falta de água para o cultivo (chuva), a salinidade e a ocorrência de marés vivas. O Comité lembra-se um ano particularmente difícil, em 2009, em que ocorreu um grande *maron*¹² que estragou toda a produção de arroz daquele ano. O filho do Comité ainda comentou que estaria particularmente preocupado com a produção deste ano (2019) pois referiu que de 10 em 10 anos ocorrem marés vivas fortes.

Para se precaverem destas ocorrências desastrosas, Cabi disse que têm intenção de construir uma estrada a rodear as bolanhas que as defenderá da água do rio, com pontes e tubos que permitirão a água passar dum lado para o outro, com a ajuda do projeto. Têm ainda ideia de melhorar a construção dos diques com troncos de poilão que diz melhorar a durabilidade e resistência dos diques.

Relativamente ao mangal, Cabi diz ter notado uma diminuição da área total nos últimos anos. O Comité tem opinião contrária e refere que se as árvores de mangal nascerem no dique o “do lado de fora” da bolanha, poderão proteger as bolanhas. Cabi diz que a proteção do mangal para o cultivo do arroz se relaciona com o aumento da fertilidade dos solos (se a água salgada entrar nas bolanhas tornará o solo *gordo*¹³).

Para Cabi a maior *tabanka* do setor de Encheia é Biambi. No entanto na sua opinião e do Comité, Uncur é a *tabanka* mais importante por ter a maior área nas bolanhas. Nenhum dos entrevistados referiu algum tipo de relação para a agricultura com outras *tabankas*. Explicaram que quando são precisos trabalhos forçados para a reconstrução dos diques, as pessoas de Uncur se juntam e trabalham para esse objetivo.

A maioria das pessoas inquiridas em Uncur referiu que as decisões na *tabanka* são tomadas por Cabi, que pode ser considerado chefe da *tabanka* (apesar de não o ser) e pelo Comité, em conjunto. Outra

¹² Marés vivas.

¹³ Fértil.

grande parte das pessoas referiu que as decisões são tomadas apenas pelo Comité. Também foi referido que a população toma parte nessas decisões, ainda que apenas 25% dos inquiridos o tenha referido.

De uma maneira geral nota-se que nesta *tabanka* a tomada de decisões seguem uma estrutura hierarquica marcada, dominada pelo (considerado) chefe de *tabanka* e pelo comité de Unkur. De uma forma geral todos os inquiridos responderam que não existem conflitos na tomada de decisões.

As *moranças* mais indicadas como importantes onde se concretizam cerimónias e onde se reúnem são N'tinda e N'dubala.

O Comité de Unkur e o Cabi referiram que não existe uma entidade que regule o corte do mangal. Explicaram que as pessoas cortam o mangal quando há necessidade, ou porque precisam de lenha ou porque pretendem cortar os ramos para suprimir os esconderijos dos passaros que comem o arroz ou para cultivar uma bolanha nova.

Parte da população de Unkur cultivam hortaliças, bananas e apanha de alfarroba. Na verdade, das *tabankas* estudadas, apenas em Unkur foi referido que cultivam bananas como atividade económica.

Biambi I

O grupo focal realizado em Biambi foi organizado pelo Comité da *tabanka*, que apesar de ter recebido instruções para a aquisição de um grupo heterogéneo de pessoas da comunidade, organizou o grupo na sua própria família. Pelo que as conclusões obtidas não podem ser consideradas representativas da comunidade em questão.

Das informações pertinentes recolhidas destaca-se o facto de que nesta *tabanka*, por estar localizada longe do rio, são cultivadas apenas bolanhas de água doce. Estas bolanhas são partilhadas com as da *tabanka* de Cangha.

Late

O público alvo previsto inicialmente para os grupos focais era de um total de treze pessoas, três homens, três mulheres, quatro jovens (dois homens e duas mulheres) e três homens/mulheres grandes. No entanto, em Late foi impossível restringir o grupo ao número de pessoas inicialmente estabelecido, pois a comunidade estava ansiosa pela visita da equipa de estudo e à espera desta reunião desde cedo no centro da *tabanka*. O grupo focal foi, assim, realizado com cerca de vinte e cinco pessoas, sete mulheres, doze homens e seis jovens, todos rapazes.

O Comité e homens presentes no grupo, afirmaram que a *tabanka* de Late beneficiou no passado de um projeto da LVIA no âmbito do qual receberam formação sobre diques e foi construído um armazém para os materiais de lavoura; e do apoio da Missão Católica de Mansoa que ajudou a criar um canal para escoar a água da bolanha. O armazém ainda existe, mas encontra-se inutilizado, segundo os inquiridos por falta de materiais para lá guardar. Foi referido que após estas intervenções os agricultores de Late criaram a Associação *Cabas di Biur*, da qual faziam parte quatro *tabankas* (Corren-ghé, Biur, Catche e Late) e com as quais se uniam para lavrar as bolanhas. Atualmente manifestam não ter condições para trabalhar, pois tudo o que foi introduzido pelas intervenções mencionadas não foi acompanhado nem mantido, acabando por se deteriorar, deixando de ser utilizado.



Foto 3: Armazém para materiais de trabalho agrícola, descrito como não tendo uso atualmente

A questão do êxodo rural foi debatida durante o grupo focal e foi consensual que os jovens procuram cada vez mais fazer vida nas grandes cidades, sendo Bissau aquela mais atraída. A falta de mão de obra é um problema apontado, no entanto os chefes de família presentes afirmaram que fazem pressão junto dos seus filhos quando estes vão estudar para fora para voltarem nas férias, sobretudo, para os períodos de lavoura e colheita. Foi referido que se encontram a estudar fora da *tabanka* cerca de trinta rapazes e vinte raparigas. Foi também debatida a questão da carga de trabalho das mulheres que referiram ser muito superior à dos homens.

Queré

O grupo focal de Queré contou com a presença de cerca de vinte pessoas, um grupo bastante heterogêneo em termos de género e faixa etária. Queré é uma *tabanka* que produz arroz de bolanha salgada, no entanto, devido à falta de chuva não têm deixado a água salgada entrar nas bolanhas.

Relatam que antigamente o cultivo de bolanhas segundo a técnica natural de reposição da fertilidade (entrada da água salgada) era muito maior, mas como a água da chuva não é suficiente para “lavar” os solos optam por cultivar o arroz com a bolanha “fechada” pois têm mais segurança na produção. Afirmam que nos últimos anos a água salgada estragou-lhes todo o arroz. E referem ainda a falta de sementes e de mão-de-obra como grandes entraves ao cultivo. As bolanhas que cultivam onde permitem a entrada da água salgada partilham-nas com a *tabanka* de Catche.

Lavram mancarra e feijão, este último vendem-no a senegaleses que vêm de propósito à *tabanka* para comprar. Nos períodos em que os poços têm água fazem hortas de legumes. A *tabanka* tem algumas fontes (bombas de água) que estão estragadas, mas que quando funcionavam possibilitavam o cultivo de muitos legumes e frutas, inclusivamente de melancia.

3. ANÁLISE DEMOGRÁFICA

Os dados da demografia existentes na zona em estudo, isto é, das 13 *tabankas* da zona de Encheia referidas, foram conseguidos com relativa dificuldade, e são, na verdade, muito incertos e apenas baseados nos dados recolhidos pelos Agentes de Saúde Comunitária (ASC), que são normalmente habitantes das *tabankas* e que sob a responsabilidade da Direção Geral de Saúde recolhem dados demográficos registando-os nos seguintes intervalos: número total de homens, número total de mulheres, número total de crianças dos zero aos cinco anos de idade e número total de mulheres em idade fértil (MIF).

As tabelas abaixo apresentam os dados recolhidos através dos ASC. A tabela 1 coloca os dados da população total registados pelos ASC em relação com os dados oficiais dos Censos 2009. Como já foi referido, estes dados não são totalmente fiáveis. No entanto, são interessantes pois possibilitam uma ideia talvez aproximada da realidade.

Tabela 1 - Dados demográficos Censos 2009 e Agentes de Saúde Comunitária 2019:

TABANKA	POP. TOTAL CENSO/ 2009	POP. TOTAL ASC / 2019
BLAFTCHUR	385	436
BODA QUINTANHILI	115	143
CAJAQUE	260	244
CATCHE	199	225
CLAQUE	518	476
CLONQUE	161	377
CORREN-GHÉ	101	128
IMPASSE	565	512
INFAIDI	272	142
INSANHA	89	134
TCHALE	944	640
N'TCHANGUE	652	440
UNCUR	746	617

De acordo com estes dados, nos últimos dez anos verificou-se uma diminuição de 9,8% (cerca de quinhentas pessoas) na população total das treze *tabankas* estudadas.

Apesar de os *homens grandes* e Comités inquiridos afirmarem que, na sua ótica, a população está a aumentar devido ao aumento da natalidade, foram consensuais no que respeita ao aumento do êxodo rural por parte dos jovens.

4. ANÁLISE SOCIAL

4.1. Estrutura administrativa e tomada de decisões

De um modo geral a estrutura organizacional e hierárquica das *tabankas* abrangidas pelo estudo é uma estrutura horizontal em que as decisões são tomadas pela comunidade, com algumas figuras chave que coordenam assuntos específicos.

Podemos distinguir dois focos principais na tomada das decisões:

- Aspectos relacionados com a tradição/cultura - como a calendarização das cerimónias e rituais tradicionais
- Aspectos administrativos, relacionados com a atividades da *tabanka* – como a reparação de diques nas bolanhas, a preparação das atividades de cultivo e colheita, a gestão e comunicação de intervenções externas à *tabanka*, como projetos, etc.

Dependendo do assunto em questão, o debate e a tomada de decisões é normalmente liderado por grupos, que estão diretamente envolvidos no assunto, e a comunidade. Por exemplo, se é necessário reabilitar um dique na bolanha os homens mais velhos reúnem-se com os jovens da *tabanka* e decidem como vão organizar essa atividade. Quando se trata de organizar cerimónias ou rituais sagrados, reúnem-se os *homens e mulheres grandes* e tomam essas decisões. Quando se trata de assuntos diretamente ligados às áreas de trabalhos das mulheres, estas reúnem-se e decidem. Quando são questões administrativas que envolvem toda a comunidade, como a intervenção de um projeto na *tabanka*, o Comité reúne com a comunidade e todos participam. Em todas as *tabankas* foi referida a existência de um grupo de *homens e mulheres grandes*, um grupo de jovens rapazes e um grupo de jovens mulheres, todos eles liderados por uma ou duas figuras particulares que depois fazem a ligação com a restante comunidade.

Destacamos, no entanto, duas *tabankas* onde se verificou uma estrutura mais vertical: Uncur e Impasse. Na primeira, o Comité e o Ponto Focal do Projeto (Cabi) representam as pessoas com maior poder de decisão. A ideia transmitida pelos inquiridos foi de que as decisões administrativas e de gestão são tomadas por Cabi e Comité e depois comunicadas à população. Em Impasse, pareceu-nos também que o representante/ponto focal do Projeto começa a assumir um papel de destaque e de liderança junto da comunidade. Ainda que tenha sido bastante evidente que o Comité é alguém respeitado pela comunidade, este solicitou que a entrevista fosse feita ao ponto focal do projeto ao invés de ser feita a si próprio e todos os contactos com a população foram mediados pelo ponto focal e não pelo Comité.

A estrutura social e de tomada de decisões, ainda que horizontal, é marcada por uma certa hierarquia ao nível das *moranças*, destacando-se em todas as *tabankas* uma *morança* mais importante, onde são realizadas as reuniões, cerimónias e rituais tradicionais. Esta *morança* foi referida muitas vezes também como tendo sido a primeira *morança* ou a *morança* fundadora da *tabanka*.

Uma *morança* compõe-se normalmente por várias casas, onde vivem vários agregados familiares que se denominam por *fogão*. Apesar de os homens mais velhos das *tabankas* referirem que antigamente cada *morança* tinha apenas um *fogão* onde se juntavam as várias famílias, afirmaram que, atualmente, há cada vez mais *fogões* por *morança* e que as famílias tendem a tornarem-se “unidades independentes”.

As questões que não estão ligadas à cultura e tradição são na maioria das vezes discutidas no centro da *tabanka* junto a uma árvore e por vezes perto da *morança* do Comité.

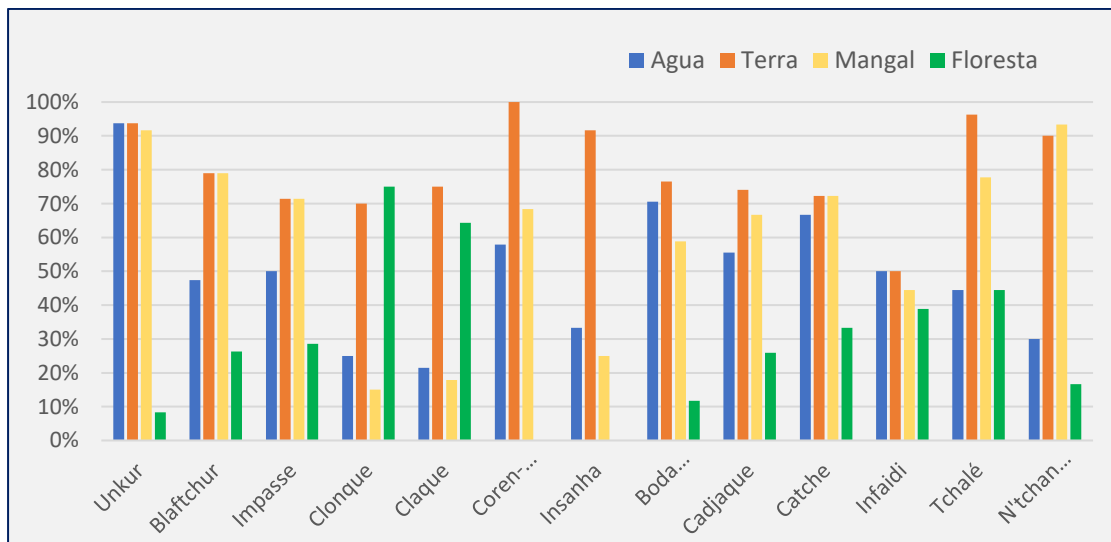
Na maioria das *tabankas* afirmaram não haver conflitos na tomada de decisões, no entanto algumas pessoas entrevistadas indicaram que nem sempre a tomada de decisões é simples e imediata por haver por vezes opiniões diferentes, no entanto referem que chegam sempre, de forma pacífica, a uma decisão final.

4.2. Recursos naturais acessíveis

Foram identificados pelos inquiridos, em todas as *tabankas*, os seguintes recursos naturais, existindo cada um em níveis de abundância diferentes: água potável, terra, mangal e floresta.

Foi, de um modo geral, consensual que a terra é o recurso natural acessível mais abundante em todas as *tabankas* estudadas. Seguiu-se o mangal que, apesar de estar a diminuir e estar bastante distante de algumas *tabankas* (Clonque, Claque e Insanha), foi bastante referido na maioria delas. A água potável e a floresta são os recursos menos acessíveis – apesar de existirem poços em todas as *tabankas*, nesta altura do ano (junho), por ser o final da época seca, a maioria destes poços estão secos, havendo *tabankas* que não têm acesso a água potável e que precisam de se deslocar às *tabankas* vizinhas para se abastecerem de água para as suas necessidades básicas. A floresta é um recurso que já é bastante escasso nesta zona do país. O gráfico abaixo apresenta a média de respostas dos inquiridos de cada *tabanka* acerca dos recursos naturais acessíveis no momento presente.

Gráfico 1 - Recursos naturais acessíveis nas tabankas



4.3. Gestão dos recursos

Segundo as entrevistas e inquéritos aplicados nas *tabankas* em estudo, os recursos naturais são vistos como dádivas da natureza, em sua essência não pertencem a um indivíduo, mas sim à comunidade. Há casos, porém, em que existe um proprietário, quando se trata da terra cultivável.

Podemos desta forma afirmar que, em traços gerais, a gestão dos recursos naturais é feita pela comunidade ou pelos proprietários dos recursos, quando se aplica, e que esta gestão é feita de forma pacífica, não levantando conflitos significativos.

Água potável

A água é considerada um bem universal e, como tal, não é negada a ninguém. Na própria *tabanka* as pessoas vão buscar água às fontes que a têm e quando estas secam vão às *tabankas* vizinhas e referiram não existirem conflitos significativos para aceder a este recurso. Nas alturas mais críticas, as *tabankas* proprietárias dos poços gerem a recolha da água em termos de prioridade relativamente às pessoas que vêm de outras *tabankas*, o que origina por vezes longas filas de espera para retirar a água. A falta de água é um grave problema que assola as *tabankas* da zona de Encheia nesta altura do ano – junho (fim da época seca) – e que os inquiridos afirmam ser recorrente nos últimos anos. Foi relatado que a grande maioria dos poços existentes seca no mês de março e que apenas em meados de julho (durante a estação da chuva) voltam a ter água.

A recolha de água é uma tarefa das mulheres e por vezes das crianças que, durante a época de secura dos poços, para o fazerem têm de percorrer longas distâncias a pé, esperar na fila e regressar carregadas com os baldes ou bidons. As mulheres inquiridas relataram que nesta altura o seu dia é praticamente dedicado à recolha da água, perdendo muitas horas para o fazer. A falta de água nas *tabankas* condiciona ainda o cultivo de produtos hortícolas uma vez que necessitam de água para rega, que por sua vez condiciona a possibilidade de gerar rendimento-extra através desta atividade.

Terra

Este recurso é normalmente tomado como propriedade. Se é propriedade privada é normalmente gerida pelo proprietário ou pessoa a quem delegaram a gestão. Se a propriedade que não tem proprietário, ou pertence ao estado, é gerida pela comunidade.

Floresta

A floresta, foi um recurso descrito como escasso nesta zona do país e sem um gestor particular. É gerida pela comunidade, que usa o espaço e corta a madeira para fazer cajuais, para lenha e construção das casas e vedações. Como mencionado, a maioria das *tabankas* não tem acesso a este recurso.

Mangal

Segundo os inquiridos, o mangal não tem um gestor particular, é gerido pela comunidade e os habitantes das *tabankas* utilizam-no consoante as suas necessidades. As *tabankas* que não têm acesso ao mangal, ou não o cortam (mais frequente) ou se precisam, vêm cortá-lo à zona de mangal de *tabankas* vizinhas. Todas as *tabankas* referiram que não é necessária autorização de ninguém para o fazer. Não foram, portanto, relatados problemas ou conflitos devido à gestão do mangal. O mangal é cortado sobretudo para fazer madeira, lenha para cozinhar e paus para colocar no telhado juntamente com a palha. Os ramos das árvores do mangal são, inúmeras vezes, cortados para diminuir os esconderijos dos pássaros que aproveitam os cultivos do arroz nas bolanhas para se alimentarem.

4.4. Bolanhas abandonadas

Todos os inquiridos afirmaram possuir terra na bolanha e praticarem o cultivo do arroz. A grande maioria referiu que a sua terra foi adquirida por herança. Todos responderam afirmativamente à questão sobre a existência de bolanhas abandonadas.

Existe de facto, em todas as *tabankas*, uma área bastante grande de bolanhas que deixaram de ser cultivadas.

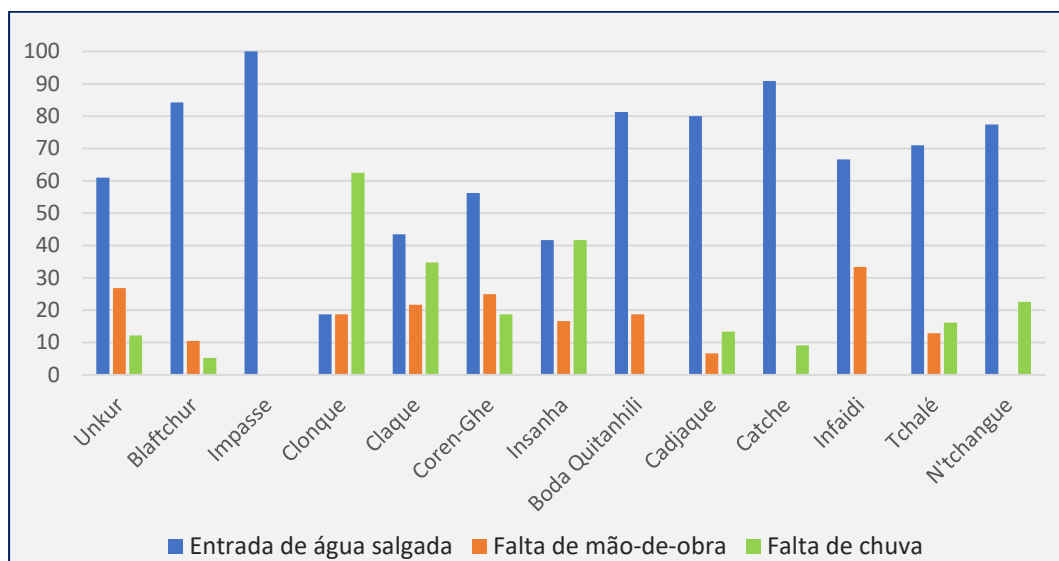
Os principais motivos apontados para o abandono das bolanhas são, por ordem:

1. Entrada de água salgada devido aos diques em mau estado
2. Falta de chuva
3. Falta de mão-de-obra (ou falta de meios para contratar) para ajudar no cultivo das bolanhas e na construção e reparação dos diques

A construção de diques de cintura nas bolanhas tem a função de impedir a passagem de água salgada para dentro das zonas de cultivo do arroz. Esta construção implica imenso esforço físico e um grande número de pessoas para a sua concretização e, no entanto, por ser uma construção com materiais rudimentares (areia, lama e troncos) são muito suscetíveis à destruição pela água da chuva ou pela água do rio quando o nível deste aumenta. Por esse motivo, a sua resistência a marés vivas ou chuvas torrenciais é baixa. Em Tchalé, por exemplo, foi relatado que estiveram na construção de um dique durante dois anos e que este mesmo dique foi depois destruído com uma chuva torrencial de três dias. Esta é, portanto, a principal razão que explica o abandono de bolanhas para o cultivo do arroz.

A falta de chuva foi também um motivo recorrentemente mencionado para o abandono das bolanhas. Esta questão está relacionada com a insuficiência na lixiviação do sal, isto é, quando a água salgada entra na bolanha e a chuva (água doce) não é suficiente para “lavar” o sal do solo. Para minimizar o risco de ocorrência desta situação, os agricultores têm optado por não abrir os diques das bolanhas durante alguns anos (dois, três ou mais) não permitindo a entrada de água salgada, uma vez que não querem correr o risco de não conseguirem cultivar arroz por não haver chuva suficiente para “lavar” o sal do solo impossibilitando o cultivo daquelas parcelas. Na generalidade os produtores de arroz reconhecem importância da água salgada para a reposição da fertilidade dos solos. O gráfico abaixo ilustra os motivos apresentados pelos inquiridos de todas as *tabankas* para o abandono das bolanhas:

Gráfico 2 - Motivos apresentados para o abandono de bolanhas nas tabankas



Segundo a população inquirida, as bolanhas abandonadas pertencem aos habitantes das respetivas *tabankas*.

4.5. Bolanhas lavradas

Todas as pessoas abrangidas pelo estudo afirmaram cultivar arroz. Dos agricultores inquiridos, 99% declarou ter adquirido as suas bolanhas por herança, *são bolanhas que já pertenciam aos nossos avós*, afirmaram. Foram registadas algumas, poucas, respostas em que a aquisição da terra foi feita por compra.

De um modo geral, toda a família trabalha na bolanha, cada um com as suas funções. Os homens dedicam-se a lavar a terra, construir os diques e assegurar as tarefas que exigem maior força física; as mulheres ocupam-se da transplantação, colheita, descasque, monda e transporte; e as crianças são responsáveis sobretudo por vigiar os campos de arroz, o que consiste sobretudo em afastar os pássaros e outros animais que ameacem a produção.

Quando é necessário realizar obras ou reparações nas bolanhas, todos os agricultores afirmaram que estas são feitas pelo proprietário e a respetiva família, quando a família tem possibilidade pode contratar jovens para ajudar nestas obras, em troca de dinheiro ou géneros, no entanto as famílias que afirmaram poder, por vezes, contratar, foram em média uma ou duas por *tabanka*.

4.6. Relações entre as *tabankas*

As relações entre as *tabankas* estudadas parecem ser maioritariamente sociais, isto é, as pessoas conhecem-se, visitam-se, sentam-se e divertem-se juntas. Foram citadas ainda algumas relações de carácter económico, demarcadas pela venda ou troca de produtos alimentares como: animais (galinhas, porcos ou cabras), amendoim, farroba etc.

É de salientar que estas transações de produtos alimentares são pontuais e que acontecem quando surge necessidade não sendo propriamente uma atividade económica geradora de lucro. A verdadeira

atividade económica de venda de produtos é realizada essencialmente nas feiras semanais (*lumos*) das cidades mais próximas das *tabankas* inquiridas (Bissorã ou Bula).

As relações entre as *tabankas* são também construídas em função da subsistência. Por exemplo, as *tabankas* que não têm poços funcionais durante todo o ano, são obrigadas a relacionar-se com determinadas *tabankas* vizinhas para o abastecimento de água durante o período em que o poço seca. Outro exemplo são as *tabankas* que não têm escola nem centro de saúde (15 das 16 estudadas), têm que, forçosamente, se relacionar com a *tabanka* onde estes serviços existem. Criam-se ainda relações entre as *tabankas* para a construção de diques comuns nas bolanhas (*tabankas* que estão ligadas pelas zonas de bolanha) e para a contratação de mão de obra composta por grupos de jovens que se organizam para os trabalhos agrícolas. O mapa abaixo apresenta as relações entre *tabankas*, sendo a maior incidência de respostas ilustrada pelo traço mais espesso. Só estão aqui representadas relações quando pelo menos 10% dos inquiridos das duas *tabankas* em questão disseram ter relação.

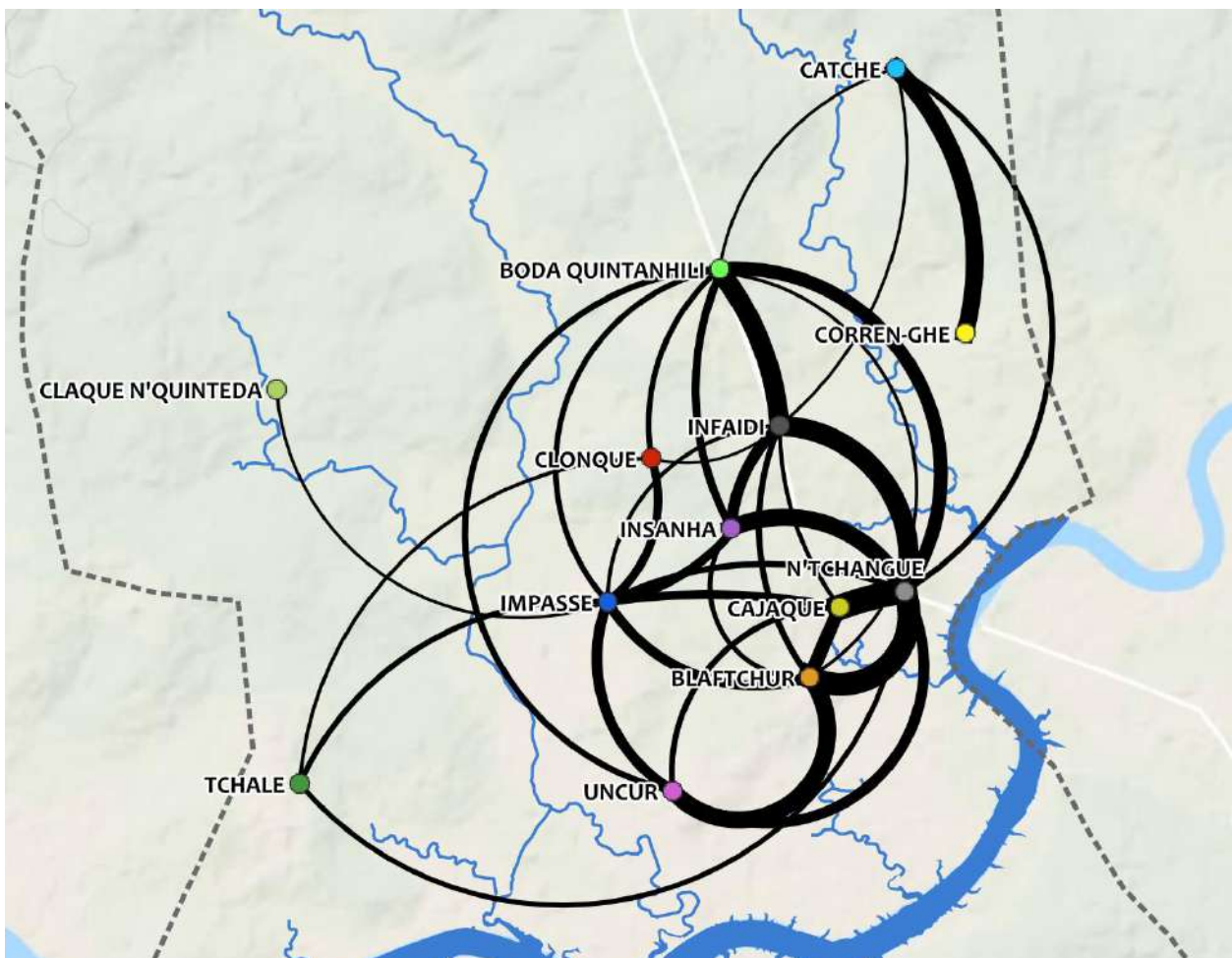


Figura 2. Mapa das relações entre as *tabankas* inferidas pelos inquiridos

4.7. Êxodo rural

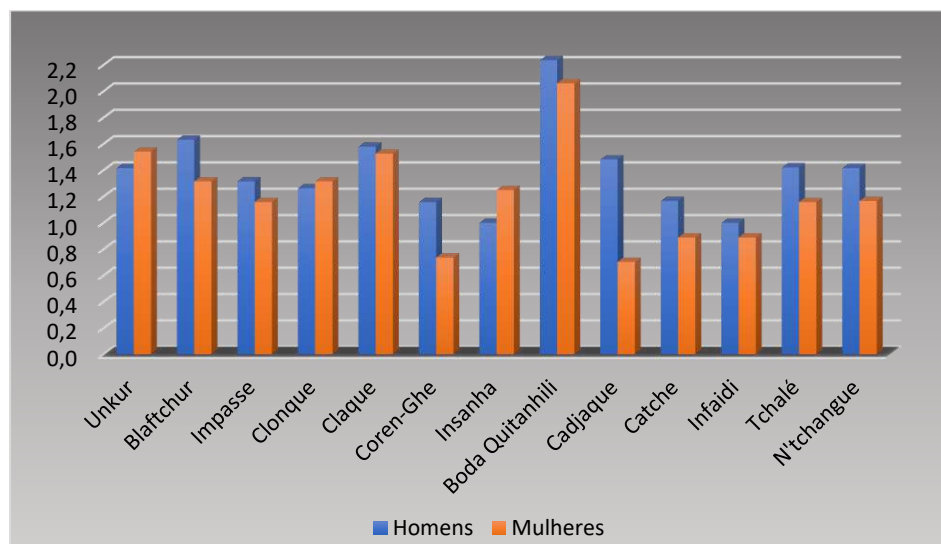
Em todas as *tabankas* a população afirmou que os jovens saem cada vez mais para as cidades para estudar e procurar melhores condições de vida. O êxodo rural poderá ter sido gerado, e aparentemente

terá se intensificado, pela ausência de escolas partir do 6º ano de escolaridade. A maioria das *tabankas* possuem escolas primárias (do 1º ao 4º ano), mas apenas a *tabanka* de N'tchanke (Encheia) disponibiliza escola até ao 6º ano. Por outro lado, esta não possui condições para receber os alunos de todas as *tabankas* vizinhas. A escola tem apenas duas salas de aula (que agrupam seis níveis escolares diferentes) e dois professores, um dos quais já reformado e trabalhando como voluntário. Por este motivo, os pais optam por mandar os seus filhos estudar nas cidades quando têm possibilidades de o fazer. Algumas crianças frequentam a escola em Bissorã e regressam ao final do dia, outras, quando os pais têm essa possibilidade, ficam com familiares durante a semana e regressam à *tabanka* no fim de semana. Outras ainda, vão para junto de familiares (Bissorã, Bula ou Bissau) e regressam nas férias. A maioria dos chefes de família inquiridos que tinha filhos a estudar fora da *tabanka* afirmou que estes regressam nas férias para ajudar nos trabalhos agrícolas.

Outro motivo referido para a saída das pessoas das *tabankas* é a necessidade de cultivo noutros lugares, as chamadas *pontas*, para onde alguns agricultores, e por vezes toda a família, optam por ir em busca de melhores condições para o cultivo na zona de floresta, sobretudo para permitir a plantação de cajuais.

Nos inquéritos foi questionado o número total de pessoas nos fogões e quantas delas eram homens, mulheres e crianças em diferentes intervalos de idades. No sentido de avaliar, de certa forma, o êxodo rural por parte dos jovens, foi analisado o número médio de homens e mulheres com idades dos 18 aos 35 anos que faziam parte dos fogões. O gráfico 3 traduz a média desta faixa etária por fogão, por *tabanka* estudada.

Gráfico 3 - Nº médio de homens e mulheres com idades dos 18 aos 35 anos por fogão



De acordo com os dados recolhidos, verifica-se que a *tabanka* de Boda Quintanhili apresenta o maior número de homens e mulheres na faixa etária dos 18 aos 35 anos. Este facto poderá estar relacionado com a maior proximidade da *tabanka* à estrada e à facilidade de acesso para transportes que vão e vêm das cidades. De um modo geral, os dados indicam que existe uma paridade no que refere ao número de homens e mulheres da faixa etária referida, ainda que o número médio de homens seja, quase sempre, ligeiramente superior. A média geral para as *tabankas* estudadas indica que em média tem-se 1,39 homens e 1,21 mulheres por fogão.

4.8. Género - áreas em que a mulher tem poder de decisão

Tal como já foi referido atrás, os inquéritos foram aplicados ao nível do *fogão* de forma aleatória, mas procurando respeitar um equilíbrio de género. O questionário da análise nutricional foi sempre feito à mulher da casa, ou àquela que cozinha no *fogão*. Foram também aplicados os questionários das análises social e económica a várias mulheres.

Os Comités de *tabanka* e *homens grandes* (idosos) indicados pela população como pessoas-chave na tomada de decisões, são todas do sexo masculino. Ainda que tenha sido referido que as mulheres também participam na tomada de decisões, inclusivamente as *mulheres grandes* (idosas), não foi generalizada a referência às mulheres na tomada de decisões importantes, nem destacados nomes femininos com peso na estrutura administrativa das *tabankas* em estudo.

Apesar ter sido sempre indicado o homem como “chefe de família”, ao nível da casa as mulheres assumem normalmente um papel central e decisivo na economia e organização familiar, dedicando-se a uma série de atividades económicas que, por um lado, contribuem para a entrada de dinheiro no agregado familiar e, por outro, permitem a satisfação de necessidades básicas da família, como a recolha de água, cozinhar, cuidar das crianças etc. É notório que o número de tarefas da mulher é geralmente muito superior às dos homens, no entanto, esta sobrecarga não parece ser reconhecida nem pelas próprias mulheres, nem pelos homens.

Com base nas análises realizadas podemos concluir que as mulheres se dedicam às seguintes funções:

- Cultivo do arroz: transplantar, arrancar, mondar, pilar, descascar e transportar;
- Cultivo de mancarra, milho, feijão e produtos hortícolas: semear, regar, colher e vender nos mercados semanais de Bula e Bissorã ou na estrada principal;
- Venda de frutos silvestres;
- Confeção de sal para uso doméstico;
- Apanha, produção venda de mampufna;
- Retirar água da fonte e carregá-la para casa;
- Cuidar das crianças e levar ao médico quando estão doentes;
- Cozinhar para toda a família.

Quando questionados acerca das tarefas do homem e da mulher no cultivo do arroz, na generalidade a resposta resumia-se a “o homem lava e a mulher transplanta”. No entanto após algumas questões mais específicas acerca do trabalho de ambos verificou-se que o homem se dedica principalmente às tarefas mais “pesadas”, a lavoura (na bolanha e nos cultivos do mato) e a construção dos diques e a mulher ocupa-se das tarefas vistas como mais leves, arranque do viveiro e transplantação do arroz nas bolanhas, monda, pila, descasca, e transporta o arroz das bolanhas para casa.

De um modo geral, a visão simplista para as tarefas dos homens e, principalmente, das mulheres levou-nos a pensar que existe um baixo reconhecimento da carga de trabalho das mulheres, bem como ao seu papel na vida das comunidades. Como exemplo disso, temos a dinâmica de grupo focal realizada na *tabanka* de Late onde foi abordada a questão da divisão de tarefas por género. As mulheres do grupo manifestaram sentir que a sua carga de trabalho é bastante superior à dos homens e acrescentaram ainda que para além de trabalharem muito eram muitas vezes vítimas de violência doméstica. Este assunto provocou bastante desconforto por parte dos homens que participavam no grupo focal e não foi aprofundado.

As áreas referidas como aquelas em que as mulheres têm poder de decisão foram as seguintes:

- Organização da casa
- Vacinação das crianças
- Escola das crianças
- Gestão do dinheiro que ganham com a venda dos produtos hortícolas.

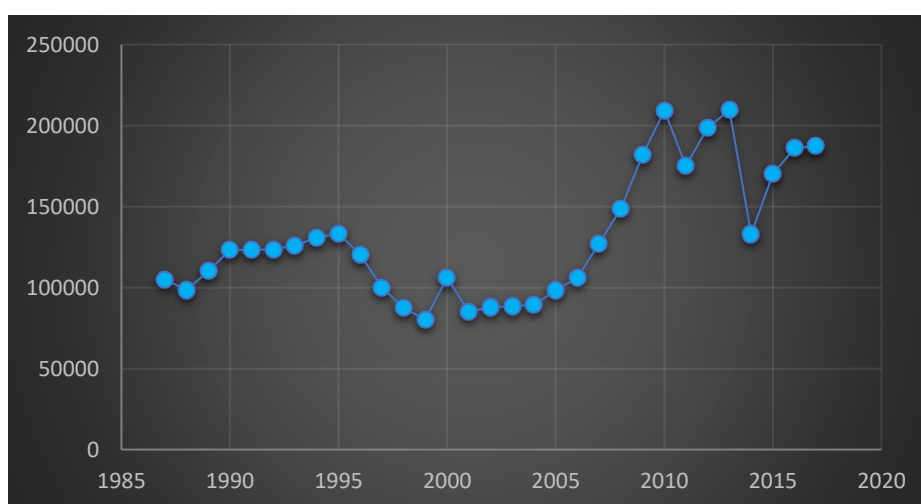
5. ANÁLISE ECONÓMICA

A economia familiar na Guiné-Bissau está estritamente ligada às atividades agrícolas da população rural. Uma parte da agricultura praticada pelos habitantes das *tabankas* destina-se ao consumo, referindo-se à agricultura de subsistência. Esta é representada maioritariamente pela produção de arroz alagado ou *de bolanha* e, em muito menor escala, arroz de sequeiro ou *de pam-pam*.

O cultivo de arroz na Guiné-Bissau é anterior à chegada dos primeiros povos europeus, em meados do séc. XV. Nessa altura, os povos locais já cultivavam arroz que já se assumia como um alimento de grande importância na alimentação da população local. As próprias características topográficas do país, marcado pelas suas vastas planícies e por uma zona costeira com cerca de 350 km, reúnem as condições ideais para a instalação da cultura do arroz alagado.

A cultura do arroz distingue-se, portanto, em três sistemas de cultivo distintos: *pam-pam*¹⁴, *bolanhas* de água salgada e *bolanhas* de água doce. O termo *bolanha* refere-se ao cultivo de arroz em zonas de planície ou vales situados junto à margem dos rios e que ficam alagados durante a estação das chuvas. As *bolanhas salgadas* distinguem-se das *bolanhas doces* pelo facto de se localizarem em terrenos de solos com origem aluvionar-marinha onde predominam os solos halo-hidromórficos, em terrenos sujeitos à influência da água das marés e recuperados ao mar pelos agricultores.

Gráfico 4 – Produção de arroz (toneladas) na Guiné-Bissau nos últimos 30 anos¹⁵



¹⁴ Arroz de sequeiro cultivado em zonas de floresta

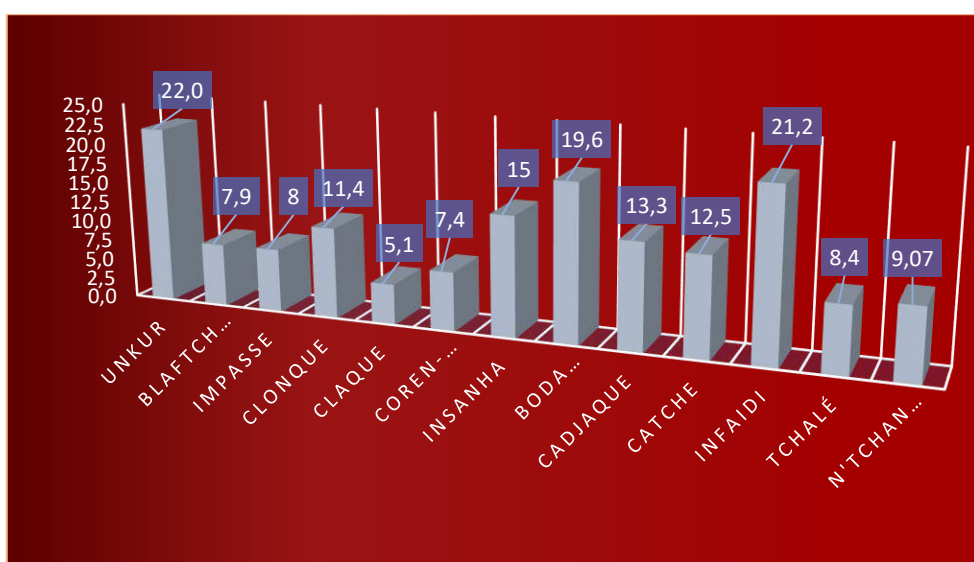
¹⁵ Fonte: dados FAOSTAT

De acordo com a FAO (FAOSTAT¹⁶), a produção anual de arroz era inferior a 50 mil toneladas na década de 1960 e aumentou, acentuadamente, durante as décadas de 1980/90 para valores superiores a 100 mil toneladas. Em 2010 chegou às 200 mil toneladas. Ainda que os dados sejam não oficiais desde 2014 e os valores oscilem um pouco, pode-se verificar que a produção de arroz na Guiné-Bissau variou sensivelmente entre as 150 e as 200 mil toneladas desde então.

5.1. Principal atividade económica de consumo

A produção de arroz alagado é a principal atividade agrícola de subsistência na zona em estudo. Por este motivo, foi questionado, em cada fogão inquirido, o número de sacos de arroz obtidos na última produção, como uma das formas de avaliar o rendimento familiar em termos de produção do alimento base.

Gráfico 5 - Nº médio de sacos¹⁷ de arroz produzidos por fogão no ano passado



No gráfico 5 está representada a produção média de arroz de bolanha medida em sacos de 50 kg (sacos de 50 kg de castanha de caju) que foram produzidos no último ano de produção por fogão inquirido. Trata-se de um valor baseado nas respostas dos inquiridos realizados aos representantes dos fogões. Apesar das dificuldades manifestadas pelos inquiridos em precisar o número exato de sacos produzidos, o número de sacos foi a medida encontrada para melhor medir a produção de arroz dos agricultores uma vez que o número de quilos seria bem mais difícil de calcular por parte dos inquiridos.

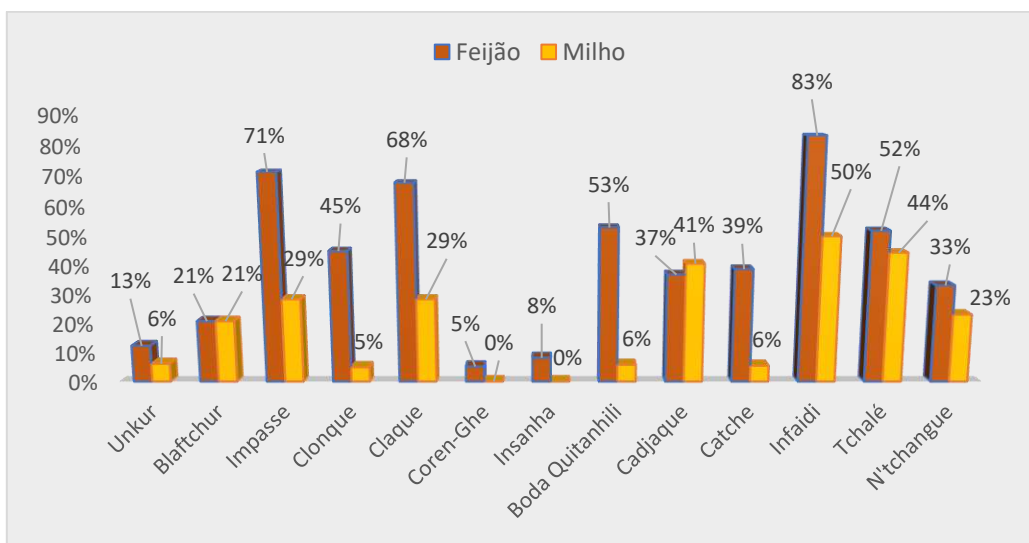
¹⁶ <http://www.fao.org/faostat/>

¹⁷ Sacos de 50 quilos de castanha de caju que são utilizados para colocar o arroz com casca para guardar. Foi referido no workshop de apresentação do relatório preliminar que estes sacos, que pesariam 50 kg com castanha de caju, pesam cerca de 35 kg com arroz, no entanto este dado não foi confirmado.

5.2. Outros cultivos produzidos essencialmente para consumo

A produção de leguminosas (feijão), alguns tubérculos e certos produtos hortícolas é uma importante fonte de variedade alimentar e, mediante capacidade de produção, uma fonte extra de rendimento. A produção de feijão e milhos foi questionada por representar, não só um aumento na qualidade alimentar e nutricional, mas também a melhoria de condições para a produção de alternativas ao arroz.

Gráfico 6 - Estimativa de produção média de feijão e milhos¹⁸ por tabanka



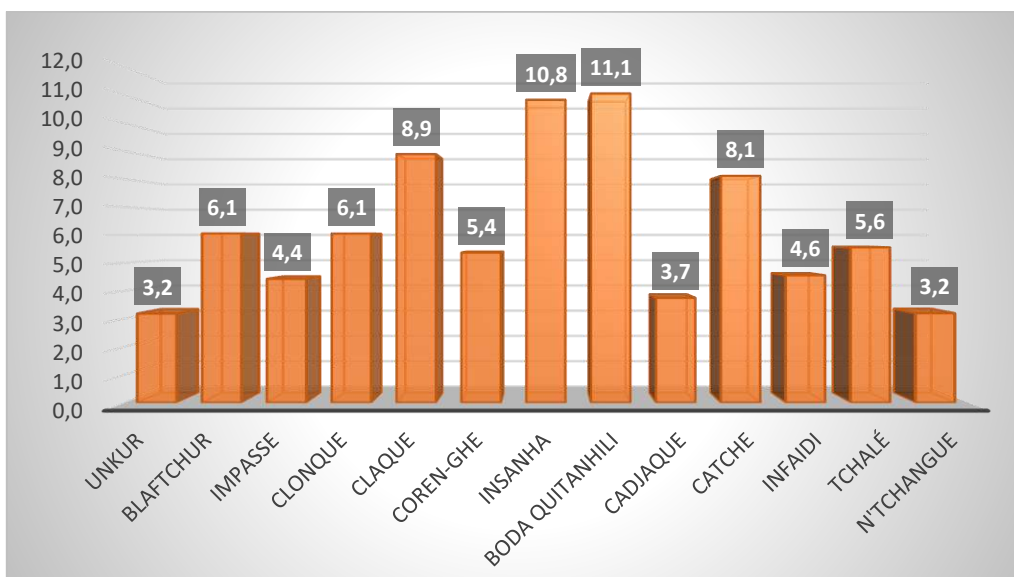
Apesar da notória diferenciação na produção de feijão e milhos entre *tabankas*, a maioria das pessoas inquiridas produzia alguma quantidade de feijão, que comem entre as refeições principais, sendo a finalidade principalmente para consumo. O milho basil e o milho miúdo também eram cultivados no entanto, no geral, em menor escala.

5.3. Principal atividade económica de rendimento

No setor de Encheia, assim como em todas as regiões da Guiné-Bissau, é praticada a agricultura designada “de rendimento” uma vez que a produção destina-se quase exclusivamente para a venda e obtenção de renda (dinheiro ou géneros). Esta agricultura está ligada à produção de castanha de caju, sendo esta a principal atividade económica agrícola geradora de rendimento para as famílias guineenses.

¹⁸ Inclui-se aqui as variedades de milho basil e milho miúdo.

Gráfico 7 – Nº médio de sacos de castanha de caju produzidos por fogão, na última colheita



O gráfico 7 representa a produção média de castanha de caju, medida em sacos de 50 kg, por fogão inquirido e pode-se verificar que as *tabankas* mais próximas da zona de floresta e também mais afastadas da zona de mangal têm, no geral, produções mais elevadas de castanha de caju e as *tabankas* mais afastadas (no entanto mais próximas do mangal) têm produções mais baixas de castanha. Ainda assim e por esse facto, foi verificado que muitos agricultores que não possuem floresta (mato) próximo da sua *tabanka*, opta por procurar outro local, afastado da *tabanka*, para instalar o seu cajual, uma vez que a produção de caju é, pois, uma alternativa para obtenção de rendimento.

5.4. Outros produtos e atividades económicas de rendimento

A castanha de caju é o principal produto de rendimento produzido, no entanto existem outros cultivos praticados cuja finalidade principal é a venda para obtenção de um rendimento extra. É o caso do amendoim ou *mancarra*¹⁹, das hortaliças (tomate, quiabo ou *candja*²⁰, cebola, *djagatu*²¹, *badjiki*²², beringela) e da produção de banana. A produção de amendoim apesar de ser consumido também, verificou-se que a larga maioria das pessoas inquiridas vende o amendoim que produz ou, se a produção for baixa, guarda para sementeira do ano seguinte.

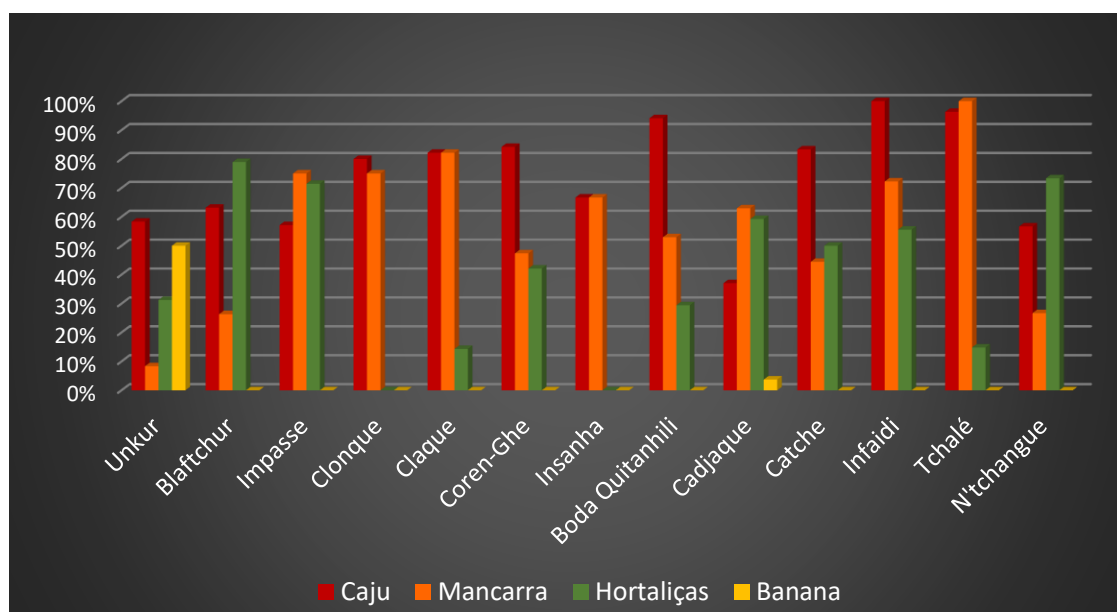
¹⁹ Termo em crioulo para o amendoim.

²⁰ *Abelmoschus esculentus*

²¹ *Solanum indicum*

²² *Hibiscus sabdariffa*

Gráfico 8 – Produtos de rendimento produzidos, em percentagem, por tabanka



Relativamente à produção de hortaliças, na maior parte dos casos estudados a venda não é realizada com frequência, pelo menos nos últimos meses, e referem como principal motivo a falta de água para rega. Outro motivo apontado para a baixa produção está relacionado com as vedações das hortas que dizem serem insuficientes para impedir os animais domésticos de entrar nas hortas e estragarem ou comerem os produtos. Outra atividade económica referida, ainda que apenas nas *tabankas* de Claque e Impasse, é a colheita e preparação da mampufna. A mampufna é uma erva que cresce no meio dos arrozais (erva infestante).



Esta é uma planta monocotiledónea que apresenta raízes fasciculadas com nódulos radiculares. Estes nódulos são extremamente aromáticos e, depois de secos e assados, são isolados para venda. Segundo as mulheres que praticavam esta atividade, o mercado da *mampufna* deve-se ao interesse por parte dos senegaleses que compram para a preparação de perfumes e cheiros (incensos e outros).

Foi ainda referido que um quilo de mampufna rende cerca de 900 francos CFA.

Foto 2 – Raiz de mampufna (nódulos separados em baixo)

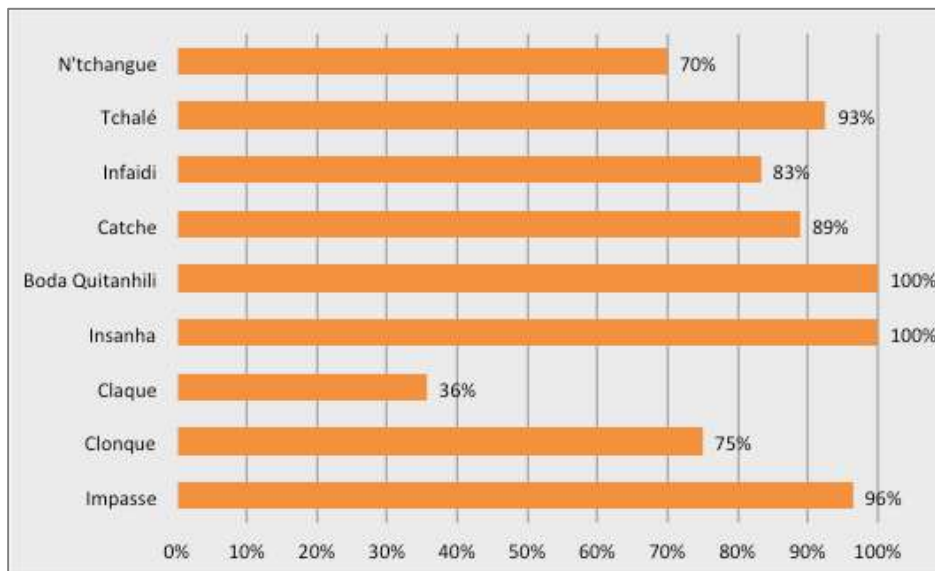
5.5. Produção de sal



Foto 3 – Preparação de sal

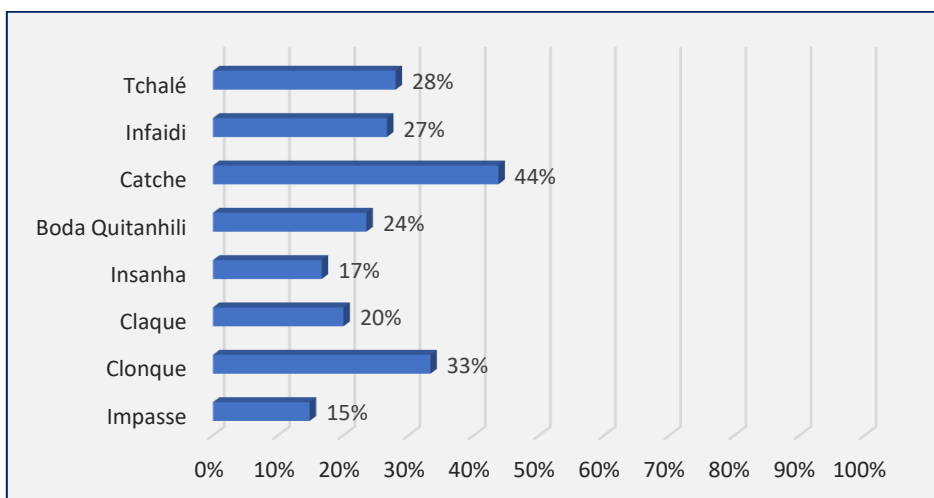
A produção de sal é também uma atividade económica geradora de rendimento, ainda que baixo. Não obstante, a maioria dos inquiridos referiu que, pelas dificuldades que representa a atividade no que respeita à recolha de terra e de água para a preparação do sal, a principal finalidade seja apenas o consumo. Estas dificuldades estão essencialmente relacionadas com a distância das *tabankas* ao mangal e à água potável. A questão da produção de sal não estava contemplada na primeira versão dos inquéritos aplicados. Por este motivo as *tabankas* inquiridas durante os primeiros dois dias – Uncur, Blaftchur, Cadjaque e Corren-ghe – não foram incluídas nesta análise.

Gráfico 9 - Percentagem estimada na produção de sal, por *tabanka*



Em todas as *tabankas* abrangidas pelo estudo a maioria das famílias afirmou produzir sal. Uma atividade desempenhada maioritariamente pelas mulheres, cuja produção é sempre utilizada para consumo e em alguns casos também para venda.

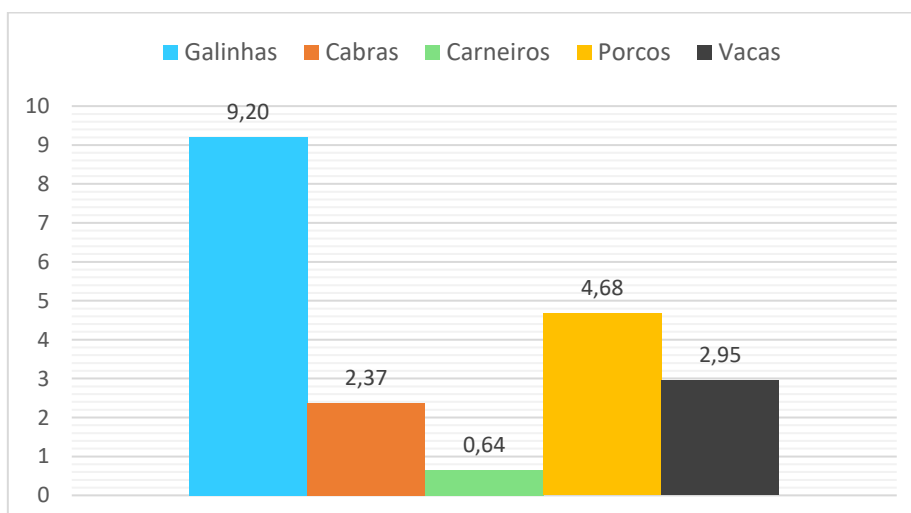
Gráfico 10 - Percentagem estimada na venda de sal, por tabanka



5.6. Criação de animais

A criação de animais é uma atividade económica praticada e verificada na realização dos inquéritos aos fogões. Porém, ainda que a venda direta ou indireta (sob a forma de pagamento de cerimónias ou troca por trabalhos remunerados) tenha sido indicada como esporádica e não frequente, foi referido por parte dos intervenientes do projeto, durante a apresentação do relatório preliminar, que esta seria uma atividade regular que gera rendimentos extra. No gráfico 11 é apresentado o número médio de animais por fogão de todas as *tabankas* prioritárias estudadas. A estimativa apresentada para o número médio de galinhas, cabras, carneiros e porcos foi obtida dos inquéritos realizados às *tabankas* prioritárias exceto as *tabankas* de Uncur, Blaftchur, Coren-Ghe e Cadjaque por esta questão não estar contemplada na primeira versão dos inqueritos realizados. A estimativa realizada para a obtenção do número médio de vacas contempla os inquéritos de todas as 13 *tabankas* prioritárias.

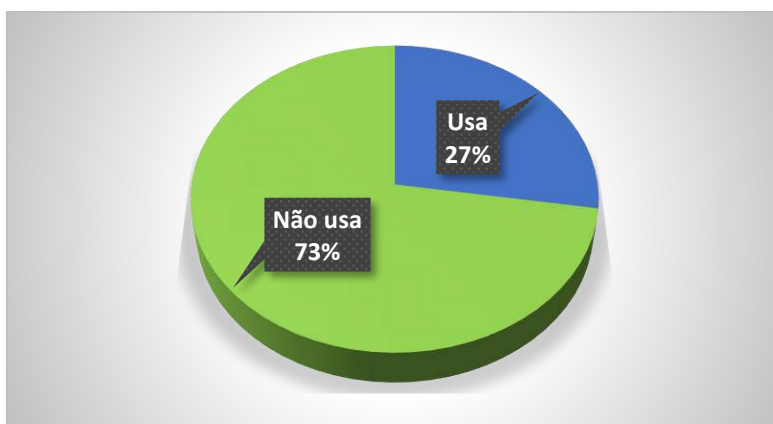
Gráfico 11 - Nº médio de animais por fogão (todas as tabankas)



5.7. Utilização de pesticidas no cultivo de arroz

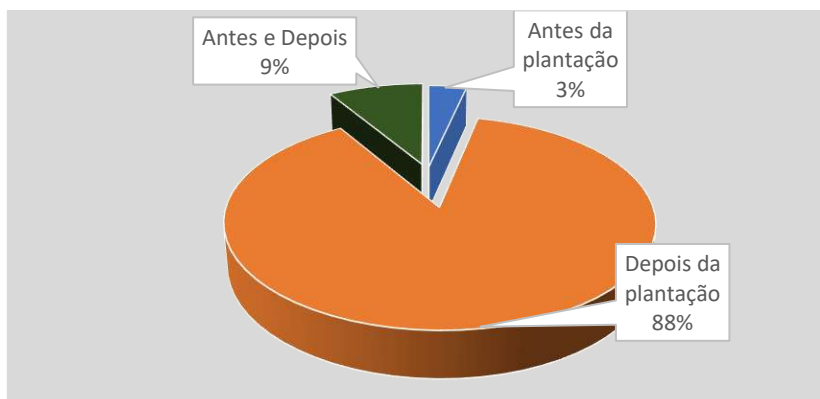
A questão da aplicação de pesticidas no cultivo do arroz não estava inicialmente contemplada nos questionários, no entanto, como esta temática surgiu em vários dos inquéritos aplicados nos primeiros dois dias de trabalho de campo, foi então adicionada uma questão acerca do uso de pesticidas e, nos casos afirmativos, em que momento do cultivo são estes usados. Por ter sido uma questão adicionada posteriormente, quatro das *tabankas* estudadas não foram contempladas na análise, a saber, Uncur, Blaftchur, Cadjaque e Corren-ghe. O gráfico abaixo representa a percentagem de inquiridos que usam e que não usam pesticidas durante o cultivo de arroz.

Gráfico 12 - Utilização de pesticidas nas tabankas consideradas



As *tabankas* em que o maior número de inquiridos afirmou utilizar pesticidas foram: N'Tchangue e Boda Quintanhili, que são também *tabankas* mais próximas de centros urbanos como Encheia e Bissorã. As *tabankas* que apresentaram menos pessoas a utilizar este tipo de produtos foram: Clonque e Claque. A maioria dos agricultores inquiridos que afirmaram usar pesticidas, fazem-no depois da plantação quando o arroz começa a crescer, sendo que alguns (9%) também aplicam antes da plantação, como se pode verificar pelos dados apresentados nos gráfico 13 abaixo.

Gráfico 13 - Altura em que são aplicados pesticidas



5.8. Principais dificuldades na realização das atividades económicas agrícolas

5.8.1 Problemas na produção

Os cultivos regularmente praticados pela população das *tabankas* estudadas, ora para consumo, ora para rendimento, estão normalmente muito dependentes de fatores externos e a intensidade agrícola é fortemente influenciada por alguns deles. Neste sentido, foi questionado quais os principais fatores que limitam a produção destas culturas. Nos quadros seguinte apresentam-se os principais motivos que explicam as dificuldades e baixas produções das cultivares referidas – arroz, milhos, feijão, amendoim, hortaliças e caju:

Arroz de bolanha

CULTIVO	COLHEITA	CONSERVAÇÃO
Entrada de água salgada	Falta de mão-de-obra	Pragas: bichos e ratos
Falta de água / chuva	Problemas com pássaros	
Falta de mão-de-obra	Transporte	
Diques destruídos pela água		
Falta de materiais de lavoura		
Pragas		
Falta de meios financeiros		

Milhos

CULTIVO	CONSERVAÇÃO	VENDA
Falta de água / chuva	Pragas: bichos e ratos	Falta de meios de transporte
Pragas: bichos e pássaros		
Falta de mão-de-obra		

Amendoim e feijão

CULTIVO	CONSERVAÇÃO	VENDA
Problemas com animais selvagens (macacos e passáros)	Pragas: bichos e ratos	Falta de meios de transporte
Falta de água / chuva	Humidade	Preço de venda baixo
Falta de mão-de-obra		
Falta de espaço (mato)		
Pragas e ervas infestantes		
Solo infértil		

Castanha de caju

CULTIVO e COLHEITA	CONSERVAÇÃO	VENDA
Altas temperaturas	<i>Baga-baga</i> ²³	Falta de meios de transporte
Falta de água / chuva	Humidade	Preço de venda estabelecido
Falta de mão-de-obra		

Hortícolas

CULTIVO	CONSERVAÇÃO	VENDA
Falta de água	Pragas: bichos e ratos	Falta de meios de transporte
Problemas com animais domésticos	Produtos perecíveis	Preço de venda baixo
Falta de materiais (vedação)		
Pragas e ervas infestantes		

²³ Térmitas.

5.8.2. Perdas no pós-colheita e armazenamento

Os gráficos seguintes mostram a percentagem de perdas nas produções das principais culturas tomadas como referência, em termos de valor incidência na perda – Pouco (até 25%), cerca de metade (50%), bastante (mais de 50%). Nos inqueritos realizados foi ainda considerado o valor percentual das respostas em que não referiram ter perdas na produção obtida. Os valores foram estimados através da média das respostas em todas as *tabankas* e *fogões* inquiridos.

Gráfico 14 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (arroz de bolanha)

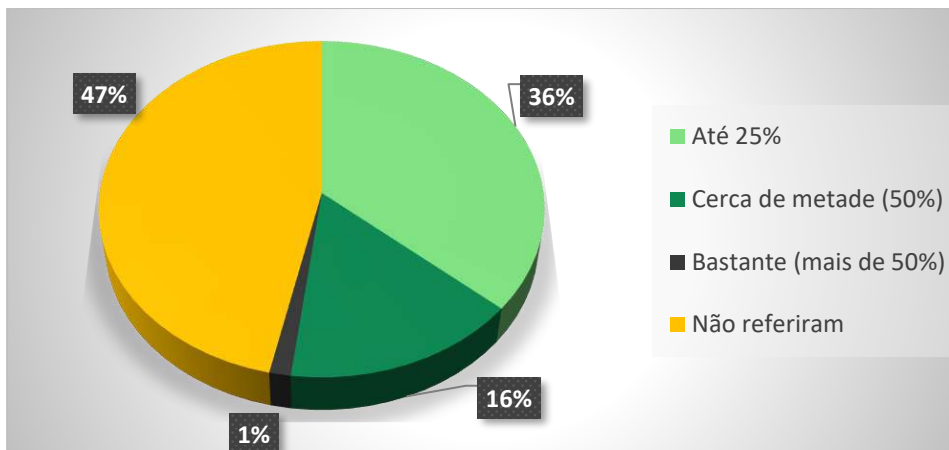


Gráfico 15 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (feijão)

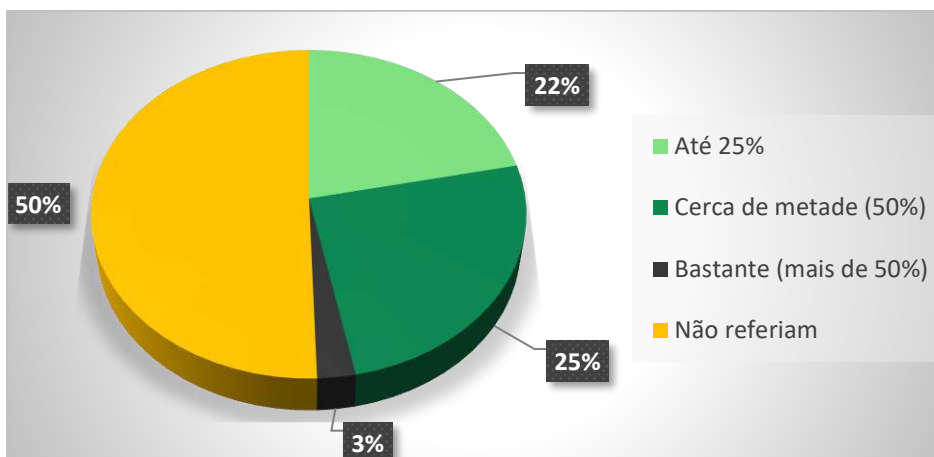


Gráfico 16 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (amendoim)

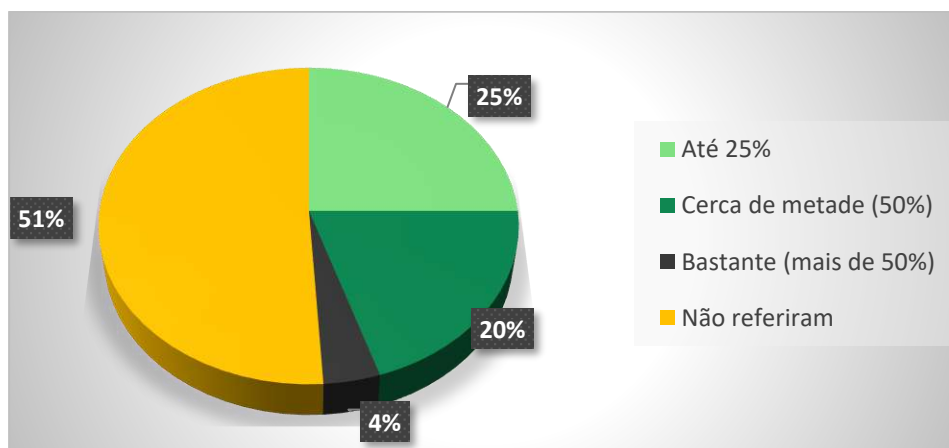
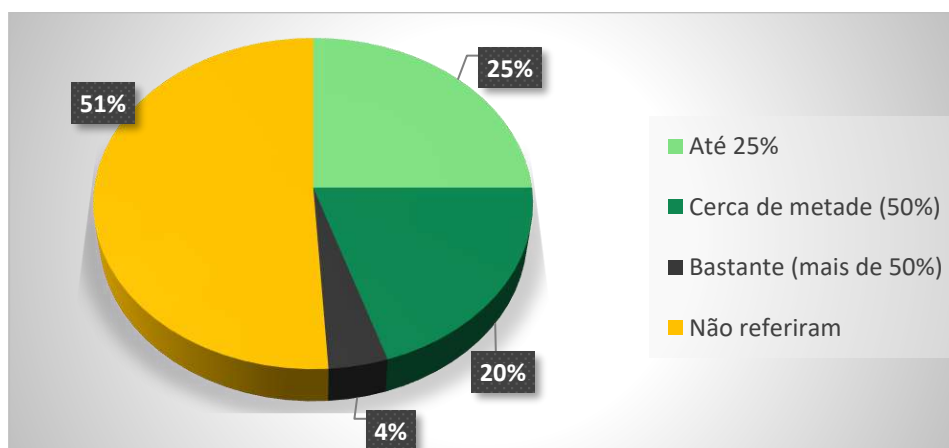


Gráfico 17 - Perdas de produção (%) no pós-colheita e armazenamento (milhos)

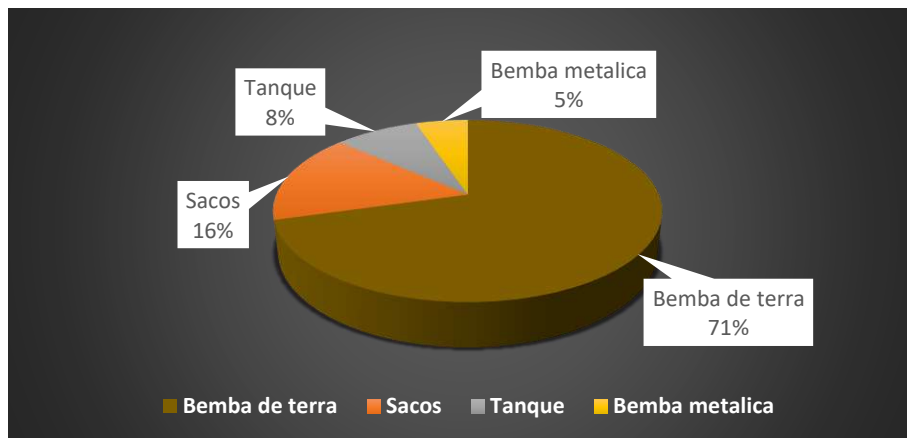


De um modo geral, as perdas mais acentuadas verificam-se nos cultivos que se produzem em maior quantidade ou que armazenam durante mais tempo. O arroz, por exemplo, é um produto alimentar armazenado durante vários meses frequentemente e por isso sofre mais perdas causadas essencialmente por pragas (bichos) no armazenamento. No entanto, é também o produto do qual as pessoas conhecem mais e melhores técnicas de armazenamento eficaz.

5.8.3. Armazenamento e cuidados pós-colheita

Verificou-se nos inquéritos realizados que a maioria dos agricultores indicou guardar o seu arroz produzido em **Bembas de terra**, representados no gráfico J.

Gráfico 18 - Local de armazenamento do arroz



Ainda que grande parte dos inquiridos tenha afirmado que as Bembas de terra são o local onde o arroz sofre menos ataques de pragas, alguns referiram que os bichos chegam a entrar nas bembas e, se não tiverem alguns cuidados, poderão mesmo perder uma boa parte de arroz.

Devido à grande suscetibilidade dos produtos alimentares ao ataque de bichos e ratos e falta de locais frescos e secos para armazenamento, as famílias praticam certos cuidados pós-colheita que ajudam na conservação dos seus produtos.

Os cuidados mais praticados, referidos nos inquéritos são:

- Limpeza das bembas
- Secagem dos produtos ao sol, antes do armazenamento

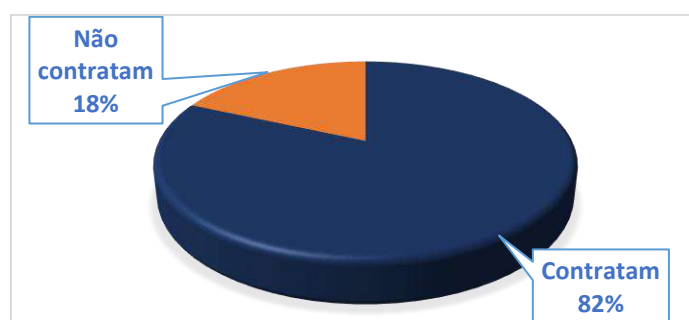
A limpeza das bembas é muitas vezes efetuada e/ou complementada com preparados de plantas naturalmente inseticidas. Frequentemente juntam folhas de limão e/ou laranja ou pilam-nas para colocar o preparado diretamente nas bembas, para o arroz, ou nos bidões, para o feijão e amendoim. Ocasionalmente colocam inseticidas químicos, apesar de se ter verificado não ser uma prática recorrente nem acessível. O quadro abaixo representado resume as principais dificuldades identificadas pelas pessoas inquiridas relativamente às atividades económicas principais.

ATIVIDADE	FINALIDADE	DIFICULDADES
Produção de arroz	Consumo	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de mão-de-obra • Reconstrução dos diques de cintura
Produção de caju	Venda	<ul style="list-style-type: none"> • Temperaturas altas • Falta de água
Produção de amendoim	Venda / Consumo	<ul style="list-style-type: none"> • Armazenamento • Animais selvagens

Produção de hortícolas	Consumo / Venda	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de água • Vedação insuficiente
Preparação de mampufna	Venda	<ul style="list-style-type: none"> • Exigência na preparação
Preparação de sal	Consumo / Venda	<ul style="list-style-type: none"> • Exigência na preparação • Distância do mangal

5.9. Pessoas que contratam para trabalhos agrícolas

Gráfico 19 - Pessoas que contratam para trabalhos agrícolas, média de todas as tabankas



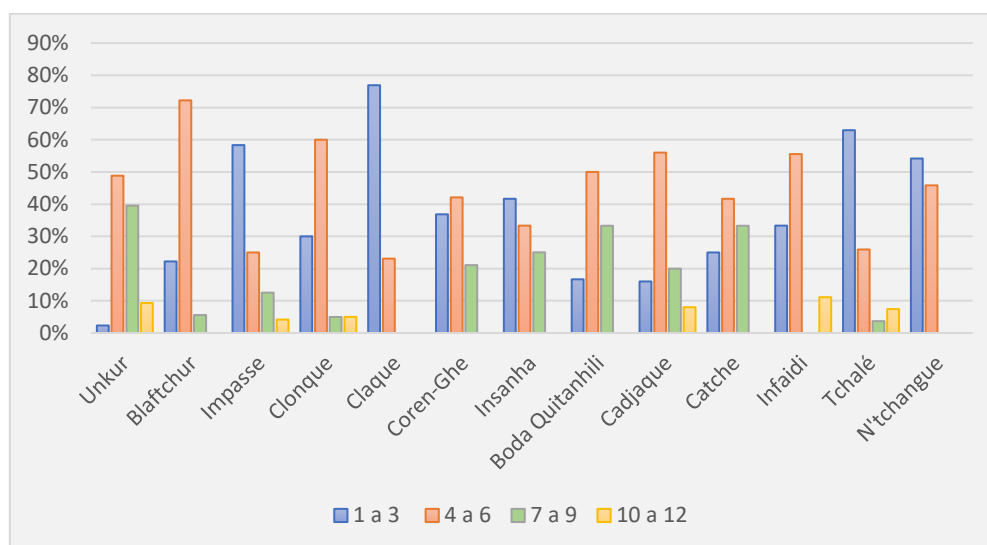
As atividades económicas agrícolas assumem uma importância significativa e relevante para a melhoria das condições de vida das famílias nas *tabankas*. Por este motivo, muitos optam inclusivamente por investir algum dinheiro para conseguirem atingir maiores produções e, conseqüentemente mais alimentos ou maior rendimento. O gráfico circular acima representado mostra a percentagem de pessoas que contratam para trabalhos agrícolas. A maioria dos inquiridos referiu que os trabalhos agrícolas destinados à contratação estão relacionados com a lavoura das bolanhas para a produção de arroz. No entanto, há também quem contrate para a desmatação e preparação de cajuais.

A frequência das contratações depende geralmente do poder económico de cada agricultor ou do dinheiro que cada um consegue arrecadar ou guardar para a campanha de lavoura. A contratação é feita sempre a grupos de jovens que se organizam em cada *tabanka* e a contratação destes depende da sua disponibilidade, da proximidade das *tabankas* ao rio e da prontidão do pagamento ao grupo. O pagamento é feito também em géneros, normalmente sob a forma de refeição (matança de um porco para a refeição do grupo ou para uma cerimónia do grupo). Os valores rondam os 1000 francos CFA por pessoa por dia de trabalho.

5.10. Duração do consumo do arroz produzido

Uma outra forma de avaliar o nível de vida das famílias é através do tempo de duração (armazenamento) do arroz produzido para consumo. Este tempo depende naturalmente do número de pessoas por fogão e da quantidade de arroz produzida.

Gráfico 20 - Duração (em intervalo de meses) do consumo de arroz produzido



O gráfico acima representa os intervalos de tempo (1 a 3 meses, 4 a 6 meses, 7 a 9 meses e 10 a 12 meses) mais referidos, sob a forma de percentagem, para cada uma das *tabankas* estudadas aprofundadamente.

Em Uncur, 48,8% dos inquiridos indicou um intervalo de 4 a 6 meses de duração relativamente ao arroz de consumo, assim como em Blaftchur (72,2%), ou seja, nestas *tabankas*, a maioria dos inquiridos consegue fazer um armazenamento de arroz durante 4 a 6 meses.

Em Impasse, Claque, Insanha, Tchalé e N'tchangue a maioria dos chefes de família inquiridos respondeu que armazena o seu arroz apenas durante 1 a 3 meses (58,3% em Impasse, 76,9% em Claque, 41,7% em Insanha, 63% em Tchalé e 54,2% em N'tchangue). À semelhança de Uncur e Blaftchur, nas *tabankas* de Clonque (60%), Coren-Ghe (42,1%), Boda Quintanhili (50%), Cadjaque (56%), Catche (41%) e Infaidi (55,6%), a maior percentagem de respostas foi para o intervalo de tempo de 4 a 6 meses de armazenamento e consumo de arroz de bolanha produzido.

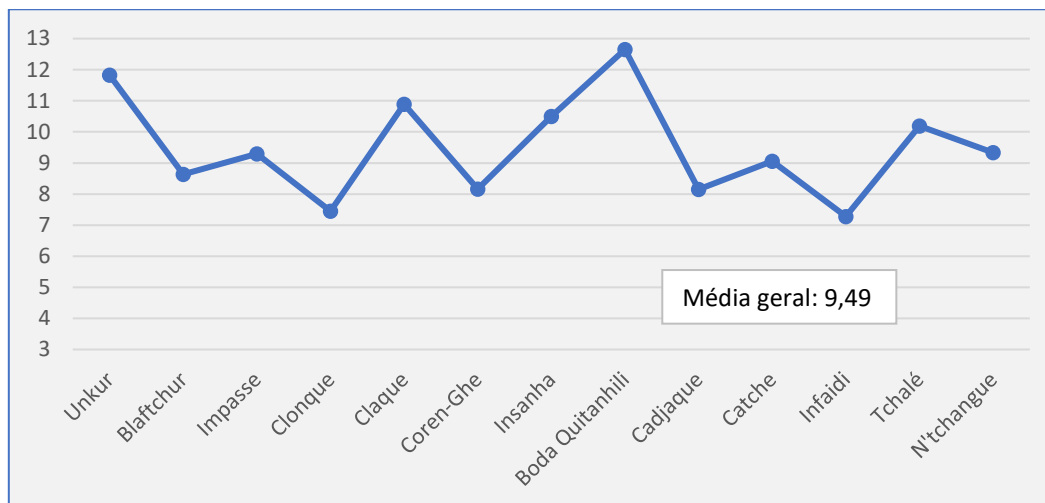
Os dados apresentados neste gráfico estão em conformidade com a produção média de arroz registada e apresentada no gráfico 5 onde se verifica que nas *tabankas* em que a média de produção por fogão é mais elevada (como é o caso de Uncur, Boda Quintanhili e Infaidi as famílias conseguem armazenar e consumir o arroz por um período superior.

Para a análise das informações que se apresentam neste gráfico, é de considerar, ainda, o número médio de pessoas por fogão, pela força de trabalho (mão-de-obra) que esse dado revela. No gráfico 21 apresentado em baixo, verifica-se que as *tabankas* que apresentam maior força de trabalho são nomeadamente Uncur e Boda Quintanhili. O gráfico 3 (subtópico 4.7 Êxodo Rural) reforça ainda mais esta consideração pois se verifica que o maior número (médio) de homens e mulheres de idades compreendidas entre os 18 e 35 anos corresponde à *tabanka* de Boda Quintanhili.

5.11. Número médio de pessoas por fogão

No gráfico 21 está, portanto, representada uma média das respostas dos inquiridos relativamente ao número de pessoas que comem em cada *fogão*, nas *tabankas* estudadas. Segundo as respostas dadas, o número médio de pessoas por fogão varia entre 7,3 (Infaidi) e 12,7 (Boda Quintanhili).

Gráfico 21 - Nº médio de pessoas no fogão, por tabanka



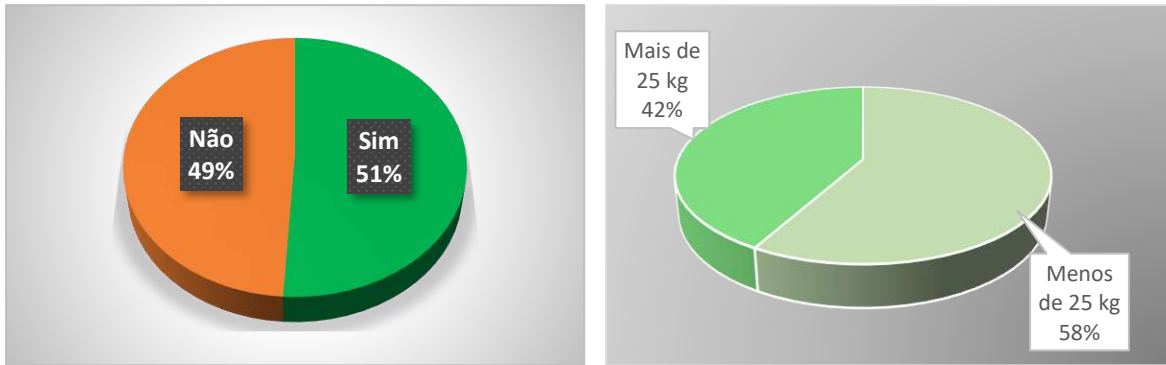
5.12. Arroz guardado para cerimónias

A Guiné-Bissau, como na maioria dos países africanos, é um país de crentes religiosos. Muitas etnias se identificam como muçulmanas, outras como cristãs, no entanto todas elas têm, ainda, uma forte ligação com uma cosmovisão ou crença animista. Segundo Favarato, 2019²⁴, *a importância dos mitos, símbolos valores e crenças não reside apenas em si mesmos, mas no que eles evocam, no significado que lhes é dado. Mitos, símbolos e rituais são uma característica essencial de todas as sociedades; as cerimónias periódicas são necessárias para afirmar as necessidades existenciais da sociedade e os valores morais com significado ideológico.* É por essa razão que a frequência de cerimónias e rituais é elevada. Ainda que a produção de arroz, na grande maioria dos casos, não seja suficiente para suprir as necessidades de consumo de um ano, parte da população reserva uma quantidade de arroz para contribuir em cerimónias.

Da análise dos inquéritos realizados, 49% dos inquiridos responderam que não guarda arroz para cerimónias e 51% afirmou que guardava. Dos inquiridos que efetivamente reservavam uma parte do seu arroz, 58% indicou que guarda menos de 25 kg de arroz e 42% referiu guardar menos de 25 kg de arroz para a realização de rituais tradicionais, como está demonstrado nos gráficos seguintes.

²⁴ Favarato, C. (2019), *A religião tradicional na cultura política da Guiné-Bissau*, Vol.9, Nº2 (Nov. 2018 – Abril 2019), pp. 98-113

Gráfico 22 e Gráfico 23 - Reserva de arroz para cerimónias



5.13. Melhoria das condições de vida

Em resposta à questão “O que poderia melhorar as suas condições de vida?” os inquiridos apresentaram respostas muito semelhantes e que se enumera na tabela seguinte, por ordem decrescente de número de respostas dadas.

O que poderia melhorar as suas condições de vida	
1. Hospital	6. Transportes
2. Furo de água /água potável	7. Máquinas de cultivo
3. Escola	8. Estradas
4. Alimentação	9. Melhorar diques / Fechar com tubo
5. Eletricidade	10. Dinheiro

6. ANÁLISE NUTRICIONAL

A análise nutricional foi realizada através de inquéritos aplicados à mulher do agregado familiar ou *fogão*. Esta análise cingiu-se principalmente a questões alimentares, como o número de refeições diárias e à diversidade alimentar dos inquiridos. O presente estudo não realizou qualquer intervenção de análise ou diagnóstico do estado nutricional da população inquirida, no entanto, foram tidos em conta outros aspetos com os quais uma avaliação da situação nutricional de uma comunidade está intrinsecamente ligada, como por exemplo o acesso a cuidados básicos de saúde. Outro aspeto que parece estar relacionado com estados de má nutrição nas crianças, é o facto de quando as crianças deixam de mamar, as mulheres deixarem os filhos ao cuidado dos irmãos, também eles crianças, enquanto vão trabalhar.

Devido à importância de perceber se existe ou não um acesso das comunidades em estudo aos cuidados de saúde básicos, e em que circunstâncias são deixadas as crianças quando as mães vão trabalhar, foram aplicadas na análise nutricional, para além das questões alimentares propriamente ditas, algumas

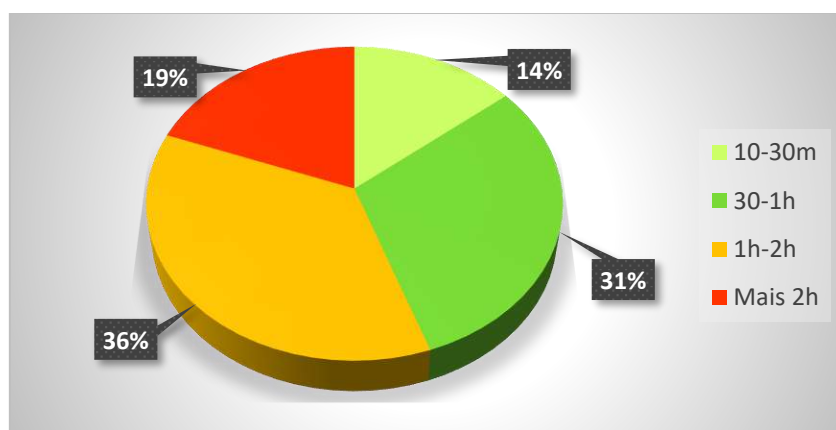
questões acerca da localização do centro de saúde mais próximo, do acesso a estes cuidados e de quem se ocupa das crianças pequenas quando as mães se ausentam.

6.1. Acesso a cuidados básicos de saúde

O acesso a cuidados de saúde é umas das maiores dificuldades, paralelamente com o acesso à água, das comunidades estudadas. O único Centro de Saúde acessível que oferece o acesso a alguns cuidados básicos é o Centro de Saúde de Encheia, que fica no centro da *tabanka* de N'Tchangue e que está a mais de duas horas de distância para algumas *tabankas*. Segundo informações recolhidas junto dos inquiridos, e comprovadas de forma superficial com uma visita ao Centro de Saúde, este está bastante limitado, quer a nível de pessoal capacitado, quer a nível de equipamentos (tanto de diagnóstico como de tratamento). Situações graves não podem ser ali tratadas e neste caso as pessoas vão para os hospitais de Bissorã, Mansoa ou Bissau.

Segundo informações obtidas junto da população, a falta de meios de transporte obriga a que as pessoas quando estão doentes se desloquem ao centro de saúde, principalmente a pé. O gráfico abaixo ilustra a média de tempo de caminho das *tabankas* estudadas até ao Centro de Saúde de Encheia.

Gráfico 24 - Média do tempo de caminho até ao Centro de Saúde mais próximo

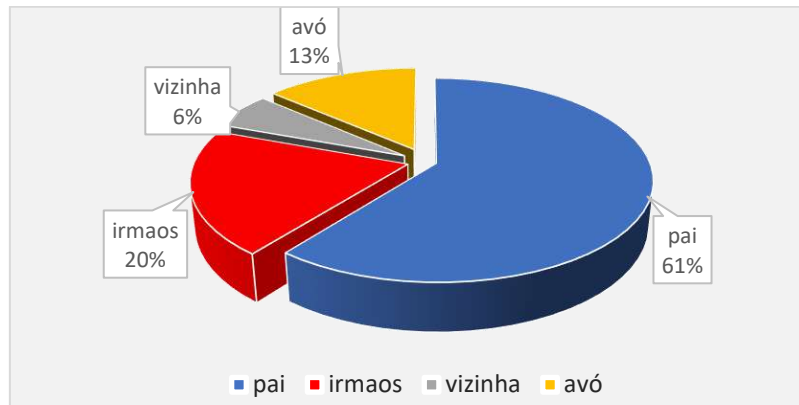


A maioria das pessoas inquiridas leva em média entre uma a duas horas de caminho. As *tabankas* em que afirmaram percorrer mais tempo de caminho até do Centro de Saúde, estão a mais de duas horas e são Boda Quintanhili, Catche e Impasse.

6.2. Quem cuida das crianças na ausência da mãe

Segundo os dados recolhidos nas *tabankas* estudadas, a maioria das mães inquiridas (61%) deixa os filhos ao cuidado do pai e 20% deixa-os ao cuidado dos irmãos. Ainda, um número considerável de mães - 13% - deixa as crianças ao cargo das avós quando sai da *tabanka*.

Gráfico 25 - Quem cuida das crianças na ausência da mãe

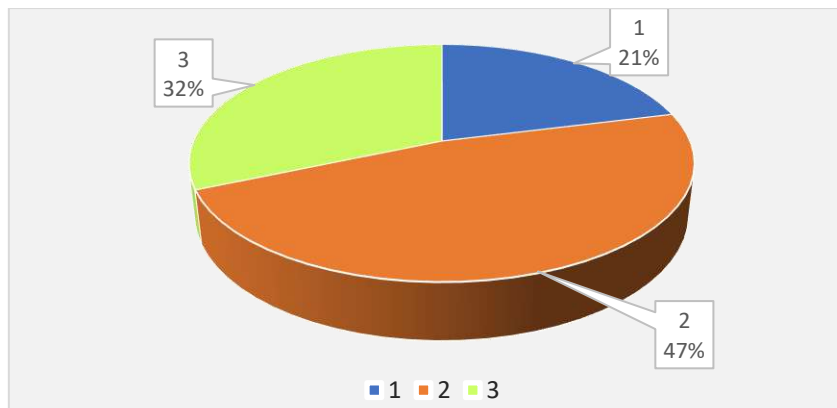


Há, ainda, a questão das crianças que tomam conta de outras crianças mais novas e que, segundo as respostas aos inquéritos, representa uma estimativa de 68% dos fogões inquiridos. Para além desta responsabilidade atribuída às crianças quando necessário, em 91% dos inquéritos é referido que as crianças ajudam nas tarefas da casa. Nos restantes 5% foi indicado que as crianças não contribuem para as tarefas, ou porque o agregado não era composto por nenhuma criança ou porque não era necessário.

6.3. Número de refeições por dia

Tal como demonstrado no gráfico abaixo, em cerca de metade dos fogões inquiridos afirmaram fazer duas refeições por dia, normalmente o pequeno-almoço (*mata-bicho*) e o almoço (*djanta*), ambas à base de arroz. Cerca de 32% afirmaram que comem três vezes por dia (pequeno-almoço, almoço e jantar) e 21% afirmaram que comem apenas uma vez por dia (almoço, a meio do dia). No entanto, todos relataram que, à parte das refeições cozinhadas, também comem frutas, bagas ou frutos silvestres, ervas e outros alimentos que se encontram na natureza e que são sazonais. Independentemente de tudo o que se possa comer ao longo do dia, apenas o arroz é considerado verdadeiramente como “alimento que mata a fome”.

Gráfico 26 - Percentagem do nº de refeições realizadas num dia (média todas tabankas)



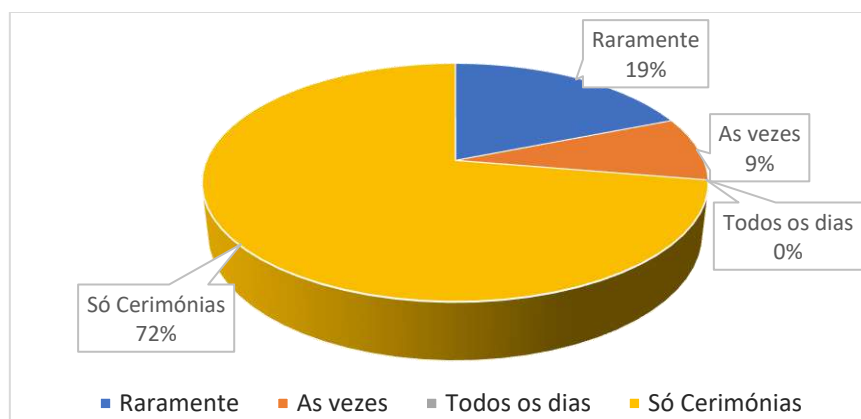
6.4. Diversidade Alimentar

Como mencionado atrás, o arroz é a base alimentar e é aquilo que é cozinhado sempre em todas as refeições. O arroz é visto, de certa forma à semelhança dos recursos naturais, como uma dádiva da natureza, é sempre partilhado e não se nega a ninguém. Tem também uma dimensão sagrada, pois é usado em todas as cerimónias tradicionais e oferendas aos espíritos, nomeadamente nas cerimónias para pedir chuva. Sendo um bem ou uma dádiva da natureza, não foi apresentado em nenhum momento como uma potencial fonte de rendimento, é possível vendê-lo pontualmente, mas fazer disso um negócio lucrativo pareceu-nos estar longe do pensamento dos agricultores inquiridos.

Consumo de carne

O gráfico 27 apresenta as respostas obtidas (%) para o consumo de carne. A grande maioria dos inquiridos (72%) afirmaram que só comem carne nas cerimónias.

Gráfico 27 - Percentagem do consumo de carne (média de todas as tabankas)



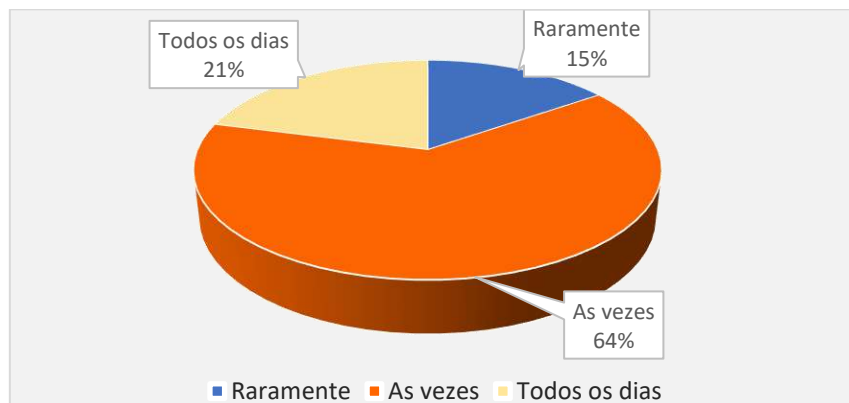
A etnia balanta tem cerimónias e rituais que marcam e definem os períodos da vida de um homem e de uma mulher desde que nasce até morrer. Podemos distinguir quatro rituais importantes e que se repetem ciclicamente: o fanado, o início e o fim da época das chuvas, o casamento e o choro (a celebração do enterro de um morto), sendo que o período em que se concentram mais cerimónias, parece ser antes da época das chuvas. De acordo com os inquéritos aplicados, o consumo de carne está intimamente relacionado com estas cerimónias. Para elas as pessoas oferecem arroz e são sacrificados animais. O consumo da carne de vaca, por exemplo, acontece apenas nestas cerimónias, não só por a vaca ser considerado um animal muito valioso para esta etnia, como também porque devido à falta de energia elétrica e de sistemas de refrigeração, só se pode matar um animal deste porte quando há muitas pessoas para o comer. Algumas pessoas afirmaram que de vez em quando matam uma galinha para comer, no entanto, a maioria defende que não é a carne que “enche a barriga” mas sim o arroz.

Consumo de peixe

O consumo de peixe e de crustáceos, como o caranguejo e o camarão, é bastante mais regular do que o consumo da carne. Devido à proximidade de muitas destas *tabankas* ao Rio Mansoa, ou às ramificações do rio, o peixe é um alimento relativamente acessível às pessoas destas comunidades. O gráfico abaixo

ilustra a média das respostas obtidas, em percentagem, em todas as *tabankas* relativamente à regularidade do consumo de peixe.

Gráfico 28 - Percentagem do consumo de peixe (média de todas as *tabankas*)

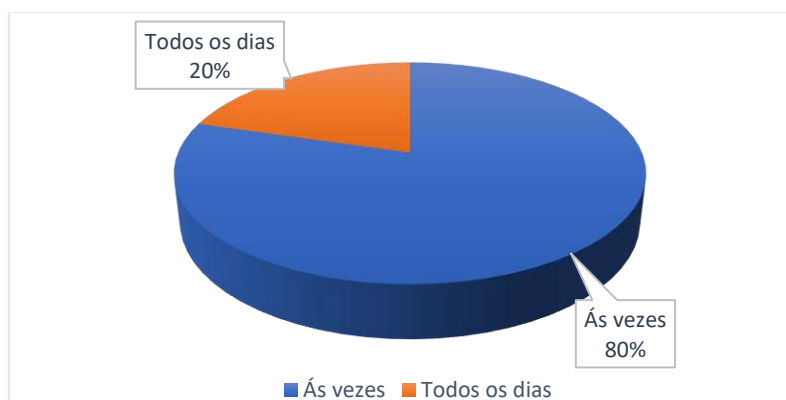


Consumo de frutas

O consumo de frutas é sazonal e por isso o seu consumo, em termos de quantidade e variedade depende da altura do ano. O período em que foi realizado o presente estudo (junho) é época da colheita de mangas, *forroba* e *fole* e nesta altura consome-se fruta diariamente. A *forroba* é usada para fazer sumo, mas também papa para as crianças comerem ao pequeno-almoço. Há, no entanto, épocas do ano em que, segundo as pessoas inquiridas, as frutas escasseiam e nessas alturas é consumida em pouca quantidade.

O gráfico abaixo ilustra as respostas obtidas relativamente ao consumo da fruta. Segundo o inquérito nutricional, 80% referiu consumir fruta às vezes e 20% dos inquiridos afirmaram consumir fruta todos os dias.

Gráfico 29 - Percentagem do consumo de frutas (média de todas as *tabankas*)

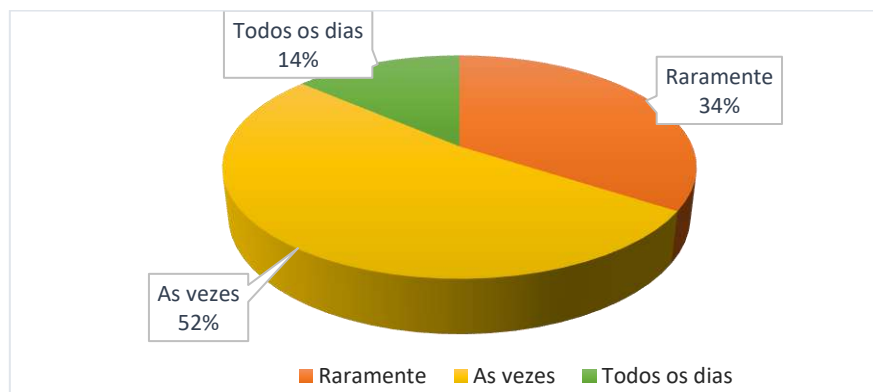


Consumo de legumes

O consumo de legumes depende da acessibilidade à água para regar as hortas, no momento em que foi realizado o estudo vivia-se uma grande escassez de água, pelo que o consumo de legumes era também

ele escasso. No entanto, quando há água para a rega, todas as mulheres cultivam na sua horta legumes como: quiabo, *djagatu*, malagueta, cebola, tomate, etc. De todas as pessoas inquiridas, 52% afirmaram comer legumes às vezes, 34% raramente e 14% todos os dias.

Gráfico 30 - Percentagem do consumo de legumes (média de todas as tabankas)



7. ANÁLISE AMBIENTAL

A zona de Encheia tem o clima típico da Guiné Bissau, com uma época seca de 6 a 7 meses sensivelmente (de Novembro a Maio), e uma época da chuva de Junho até Outubro (5 meses²⁵). A precipitação média é de 1500 mm por ano²⁶. As temperaturas são mais estáveis, variando principalmente entre os 25°C e os 30°C ao longo do ano.

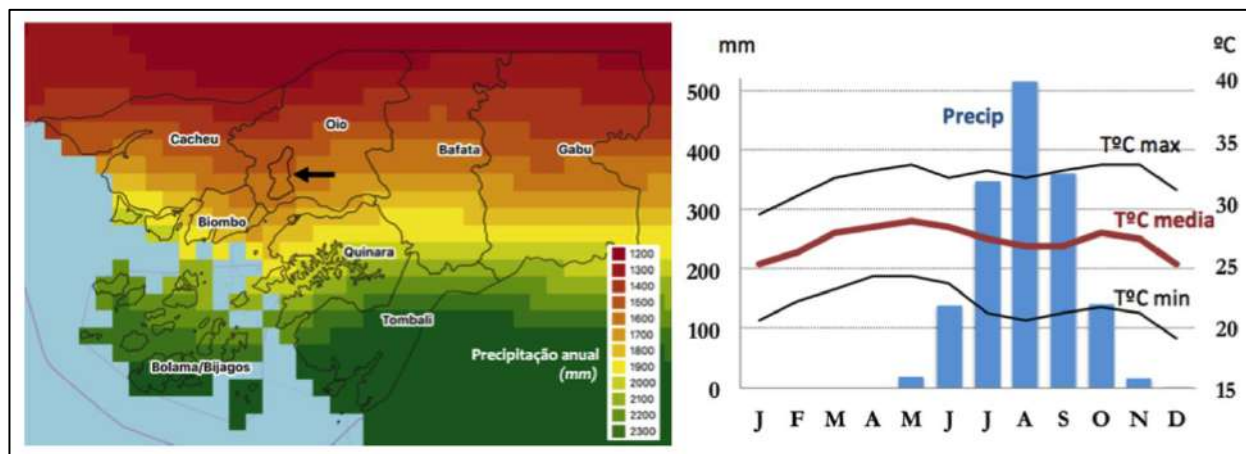


Figura 3. Esquerda: Precipitação anual média na Guiné Bissau. Fonte: Worldclim (ver texto).

Figura 4. Direita: Precipitação e temperatura na zona de estudo. Fonte: GPCC (ver texto)

²⁵ Fick, S. E., & Hijmans, R. J. (2017). WorldClim 2: new 1-km spatial resolution climate surfaces for global land areas. *International journal of climatology*, 37(12), 4302-4315.

²⁶ Becker, A., Finger, P., Meyer-Christoffer, A., Rudolf, B., & Ziese, M. (2011). GPCC full data reanalysis version 6.0 at 1.0: monthly land-surface precipitation from rain-gauges built on GTS-based and historic data. *Global Precipitation Climatology Centre (GPCC): Berlin, Germany*.

O rio Mansoa e a sua rede de entradas secundárias têm um papel preponderante na zona de estudo: o mangal desenvolve-se nas suas margens (Figura 5). A qualidade dos solos para as atividades agrícolas varia conforme a salinidade, a fertilidade e a drenagem, que dependem da localização dos terrenos em relação a rede hidrográfica (Figura 6).

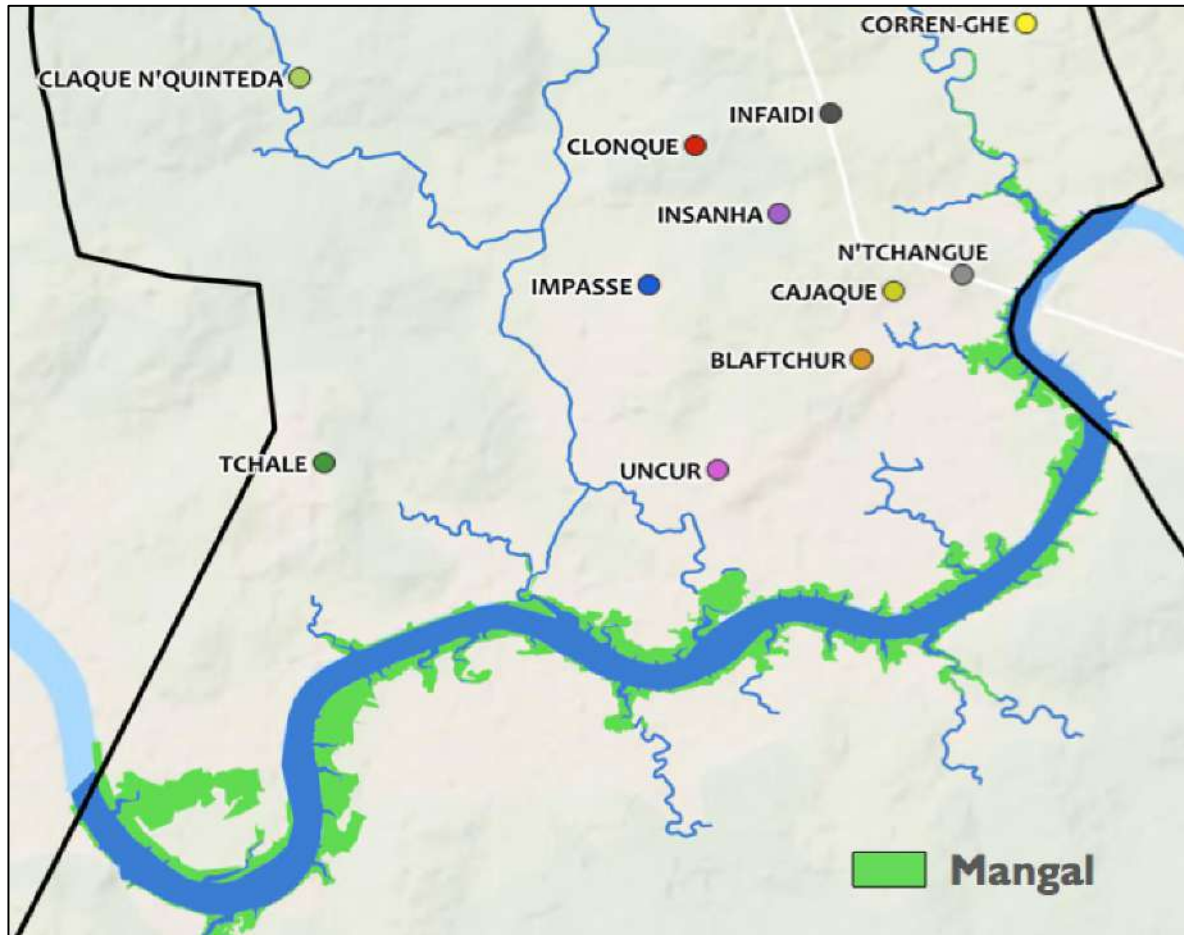


Figura 5. Áreas de mangal na zona de Encheia, digitalizadas a partir de imagens de alta resolução.

Nota: A área total para a zona de estudo é de 406 hectares. Incluem umas manchas residuais de mangal mais a norte, perto da *tabanka* de Catché. Foram omitidas aqui por serem muito pequenas e para ter um zoom maior nas principais áreas de mangal

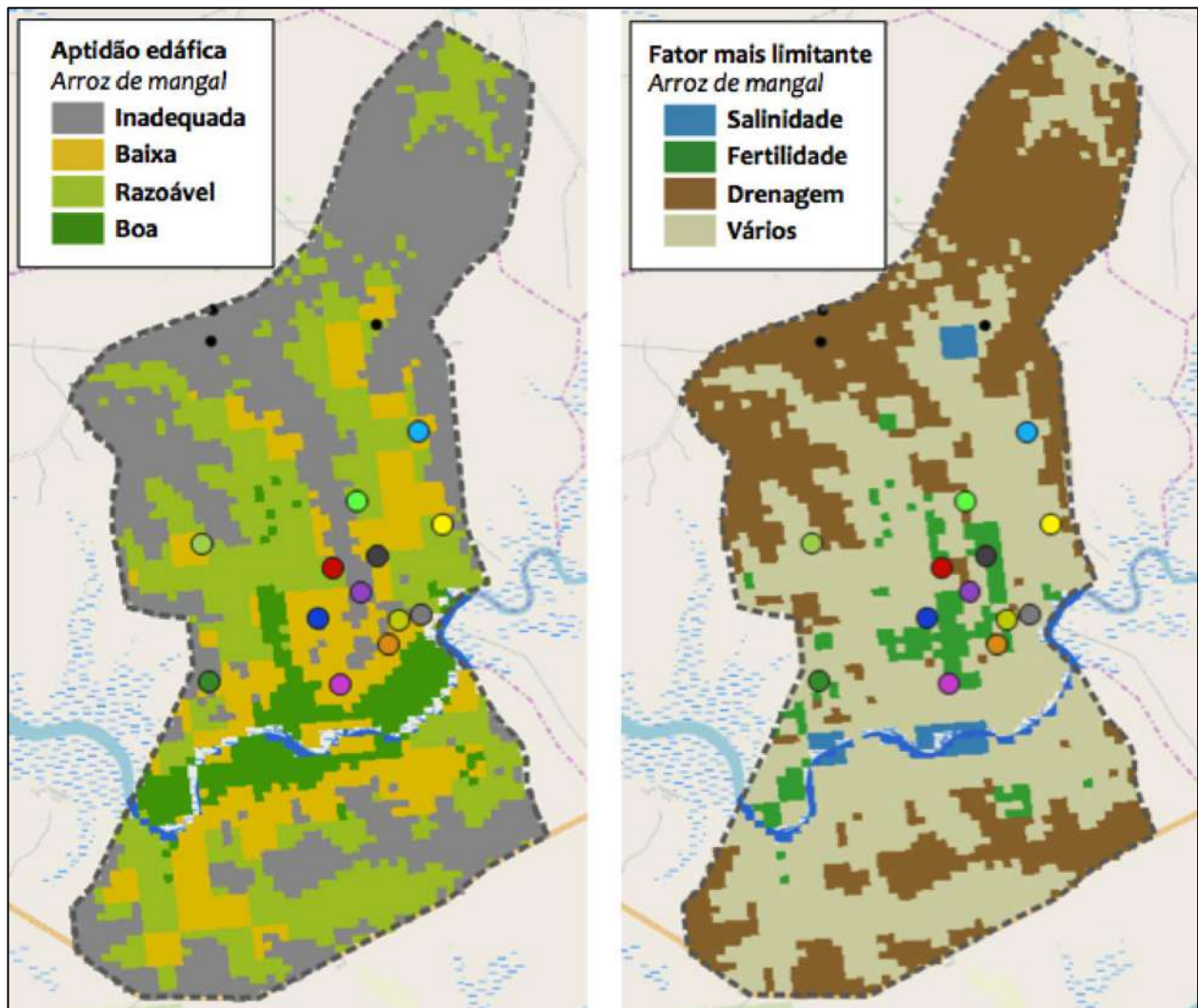


Figura 6. Esquerda: Aptidão dos solos para o cultivo do arroz de mangal.

Figura 7. Direita: fator mais limitante para o cultivo do arroz de mangal.

- *crop failure in some parts of the country. Most of the rain during the 2017 season was in July–September, with the highest amounts of 130.8 mm recorded in August at Jenoi in the lower river region of The Gambia.”²⁷*
- A entrada súbita de água do mar (marão), que destrói os diques e as culturas. O ano de 2015 foi muitas vezes mencionado.
- Foram também referidos pontualmente a degradação do mangal, a baixa fertilidade dos solos, e as pragas.

²⁷ Blunden, J., Arndt, D. S., & Hartfield, G. (2018). State of the Climate in 2017. *Bull. Amer. Meteor. Soc*, 99(8).

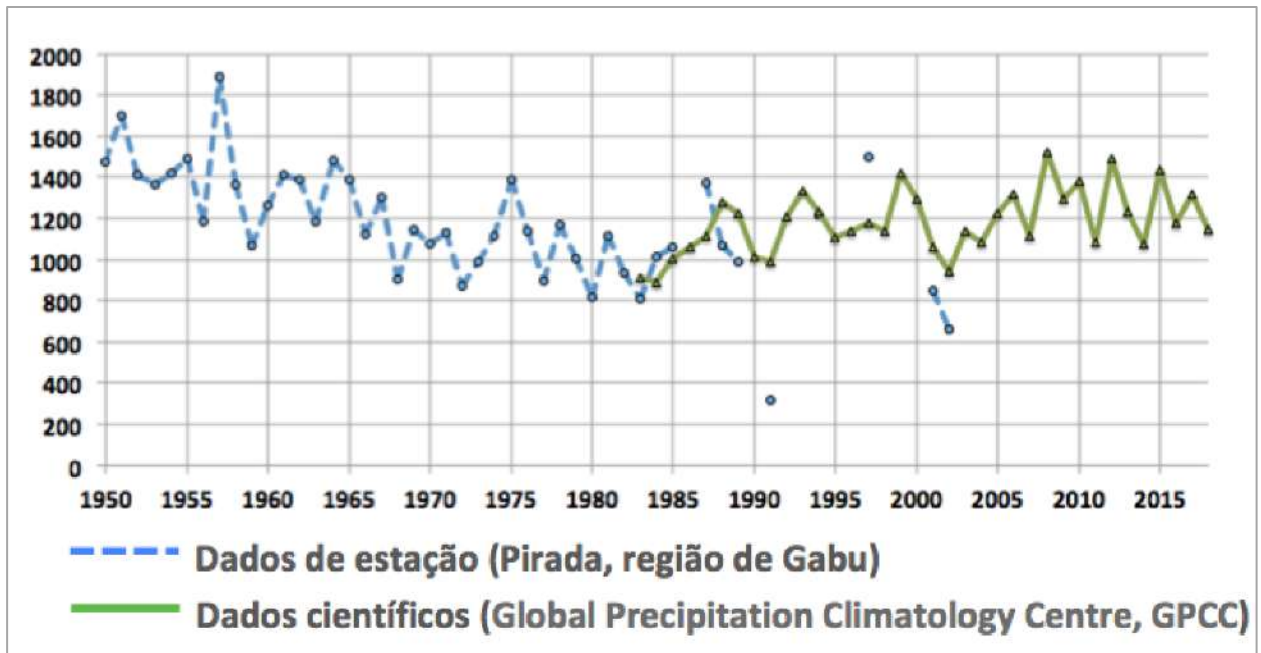


Figura 8. Dados históricos de precipitação.

Setenta e três por cento das pessoas inquiridas afirmaram cortar mangal, sendo que a maioria corta antes das chuvas ou quando precisa. Os vinte e sete por cento que não cortam mangal pertencem, normalmente, às *tabankas* que já não têm este recurso acessível. Os gráficos abaixo apresentam a média de inquiridos de todas as *tabankas* que cortam o mangal e aqueles que não cortam e, ainda, a época em que afirmaram normalmente cortar.

Gráfico 31 - Percentagem de pessoas que cortam o mangal

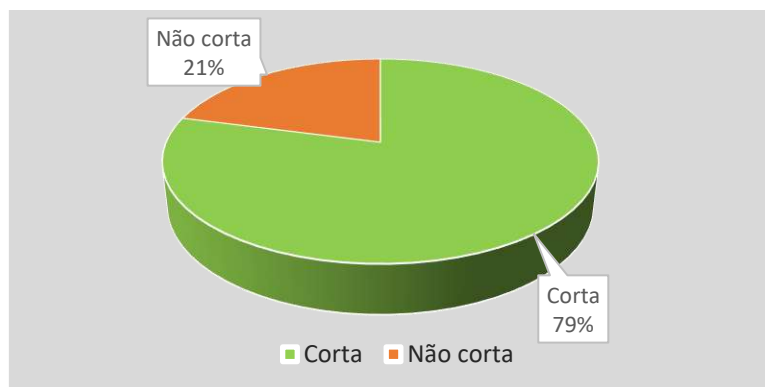
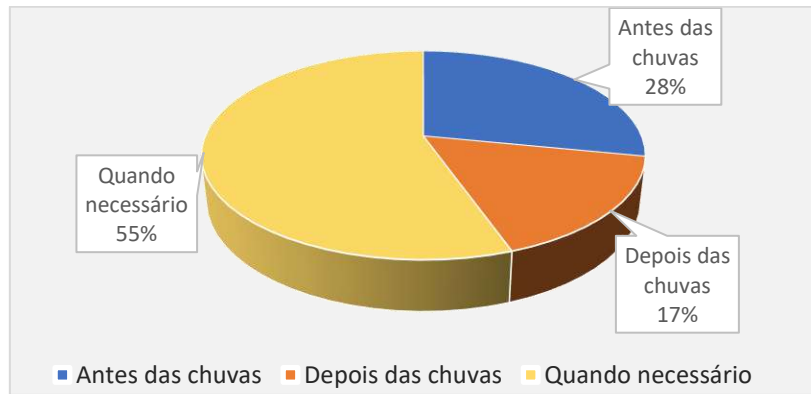


Gráfico 32 - Média de todas as tabankas acerca do período em que o mangal é cortado



Foram reportadas as seguintes atividades pelas quais é cortado o mangal:

- Corte para expansão das bolanhas,
- Corte para produção de lenha,
- Corte para produção de madeira de construção,
- Pesca (peixe, caranguejo, camarão, ostras),
- Produção de sal.



Figura 9. Cartografia do uso do mangal.

8. ANÁLISE TERRITORIAL - CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA

A cartografia participativa foi uma ferramenta utilizada para aferir a percepção espacial dos entrevistados relativamente à localização da sua *tabanka*, ao rio, às bolanhas e canais.

A cartografia participativa foi um exercício muito interessante que nos permitiu obter conhecimentos importantes, tais como o conflito entre Uncur e Blaftchur, a localização dos diques, sobretudo daqueles que são construídos e partilhados por mais do que uma *tabanka* e outras informações importantes relativamente às bolanhas.



Foto 4 - Cartografia participativa com o Comité, em Blaftchur

As cartografias participativas foram desenhadas principalmente pelos comités ou jovens de referência, com ajuda das pessoas de outras pessoas da comunidade, como *homens grandes* que se encontravam por perto no momento (Anexo 4 – Cartografias Participativas).



Foto 5 - Cartografia participativa com *homem grande* e Comité na *tabanka* de Catche

9. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O estudo de referência foi conduzido de acordo com o que estava previsto nos termos de referência e na proposta técnica, com alguns ajustes efetuados no terreno de acordo com as necessidades apresentadas pela equipa de projeto e com aspetos específicos relativos à disponibilidade das comunidades em estudo.

As datas e objetivos das visitas das equipas do estudo às *tabankas* foram apresentadas na reunião na *tabanka* de Uncur (mencionada na metodologia deste relatório). Acreditamos que esta introdução foi muito importante para a boa receção das comunidades das *tabankas* que mostraram sempre hospitalidade e vontade de participar no Estudo de Referência. Inclusivamente, foi transmitida uma grande abertura para o projeto IANDA GUINÉ ARRUS e, até mesmo, ânsia das populações para o início da intervenção do projeto no que respeita à recuperação das bolanhas.

A população tomou, ainda, como referência o trabalho já realizado em Uncur pela LVIA, referindo a importância deste para o desenvolvimento das *tabankas* e para a melhoria das condições de vida da comunidade, manifestando um enorme interesse em beneficiar do mesmo tipo de intervenção. O trabalho de recolha de dados foi, assim, bastante facilitado pelas comunidades que se mostraram disponíveis para colaborar e participar nos inquéritos.

De referir que, devido ao trabalho já realizado em Uncur, notou-se em várias entrevistas um certo condicionamento nas respostas no sentido da contribuição para a inclusão da *tabanka* na zona de intervenção do projeto. Nestes casos foi importante uma explicação mais detalhada da abordagem interventiva do projeto e do que se pretende no âmbito da colaboração com as comunidades.

Foram encontradas dificuldades no que diz respeito a:

- Obtenção de dados demográficos
- Obtenção de números exatos e fiáveis no que se refere às questões que solicitavam dados quantificáveis (idade, número exato de sacos ou quilos de produtos produzidos)

Com já foi referido no ponto 3 do presente relatório os únicos dados demográficos oficiais datam de 2009. Nos últimos dez anos não existem registos oficiais. No entanto, existem em todas as *tabankas* abrangidas pelo estudo Agentes de Saúde Comunitária (ASC) que fazem, trimestralmente, a recolha de dados demográficos. Os dados são recolhidos nos seguintes intervalos: número total de homens, número total de mulheres, número total de crianças dos 0 aos 5 anos, número total de mulheres em idade fértil (MIF:14-50). As equipas do estudo de referência estabeleceram contactos com vários destes ASC e tiveram acesso aos seus dados, tal como referido atrás, no entanto a exatidão destes dados também deixa bastante a desejar, uma vez que existem mais do que um ASC por *tabanka*, cada um responsável por uma zona específica, e a compilação dos dados parece apresentar erros e alguma desorganização no próprio registo. De qualquer modo são os únicos dados existentes e por si mesmos já contribuem para se poder obter uma ideia geral e dados aproximados, atualizados numa base regular, da população naquela área.

Quanto às questões que solicitavam respostas numéricas exatas, há que salientar que o nível de analfabetismo nas *tabankas* estudadas era aparentemente elevado, pelo que as pessoas tinham uma enorme dificuldade em quantificar nos padrões que a pesquisa solicitava.

Ainda que a fluência em crioulo guineense fosse geral abrangendo todos os membros das equipas que elaboraram o trabalho de terreno, houve necessidade de, por vezes, recorrer a tradutores locais para a língua balanta (língua materna da população de Encheia), na aplicação das ferramentas. Embora em

ambas as equipas do estudo houvesse um inquiridor fluente em balanta, estes inquiridores não podiam estar presentes na aplicação de todos os inquéritos.

Apesar dos constrangimentos quer na obtenção de dados mais específicos e quantificáveis, quer na comunicação na língua materna local, acredita-se que os resultados do estudo são bastante fiáveis na medida em que estabelecem uma média aproximada e permitem obter um conhecimento aprofundado da área de intervenção do projeto, pelo que consideramos que foram alcançados os objetivos principais estabelecidos para a execução do estudo de referência.

Numa perspetiva construtiva e de contribuição positiva para o decorrer do projeto *Ianda Guiné Arrus* recomenda -se:

- Estabelecer e manter contactos com os agentes de saúde comunitária para obter dados demográficos atualizados, pois estes são os únicos que os registam;
- Selecionar dois ou três pontos focais ou pessoas de referência para o projeto por *tabanka*, tendo em conta a divisão por grupos existente nas comunidades, a saber, *homens grandes/comité*, jovens e mulheres;
- Trabalhar a questão do género junto dos homens e das mulheres, promovendo o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelas mulheres, das tarefas que desempenham e da carga de trabalho que gerem.
- Sensibilizar para a proteção do mangal e divulgação das vantagens que poderá ter no aumento de produção do arroz;
- Reconhecer e divulgar estratégias ancestrais para a proteção de recursos naturais;
- Fomentar a participação e a união de *tabankas* para os trabalhos de recuperação dos diques;
- Implementar ações de formação para reconstrução de diques de forma durável e sustentável em termos de recursos disponíveis e materiais acessíveis;
- Criar estratégias de responsabilização junto dos beneficiários do projeto para a manutenção das estruturas concebidas, apoiando na implementação de sistemas de gestão de competências e fundos de maneo no âmbito do projeto.
- Implementar ações paralelas para o aumento do acesso à água potável e de rega em todas as *tabankas* de intervenção do projeto (fator inerente importante para o desenvolvimento económico);
- Uso de programas de rádio, ao nível das rádios comunitárias, para a divulgação, promoção e sensibilização em matérias relevantes para os objetivos do projeto.

10. PROPOSTA DE INDICADORES E VALORES DE REFERÊNCIA

Com base na análise dos dados recolhidos durante o Estudo de Referência, e tendo em consideração os principais resultados esperados do Projeto *Ianda Guiné Arrus*, a tabela abaixo indica algumas propostas de indicadores para medir o impacto do projeto, identificando aqueles para os quais o estudo apresentou valores de referência.

PRINCIPAIS RESULTADOS ESPERADOS	INDICADORES PROPOSTOS
1. Produção familiar de arroz de mangal aumentada de maneira sustentável à escala do país	<ul style="list-style-type: none"> • Número de parcelas cultivadas ao nível do agregado familiar (valores de referência disponíveis no Anexo 5) • Número de meses de armazenamento de arroz ao nível do agregado familiar (valores de referência disponíveis no Anexo 5)
2. Rendimentos dos agricultores familiares aumentados de forma durável por agregação de valor à fileira do arroz	<ul style="list-style-type: none"> • Percentagem de aquisição de materiais de trabalho agrícola ao nível da <i>tabanka</i> (materiais para lavrar, pilar e descascar) • Número de casas melhoradas: aquisição de painel solar e/ou zinco (valores de referência disponíveis no Anexo 5) • Percentagem de famílias que contrataram de mão-de-obra para os trabalhos agrícolas no último período de lavoura e colheita (Valores de referência disponíveis do estudo de referência – gráfico 19)
3. Níveis de segurança alimentar e nutricional das famílias abrangidas pela componente Agricultura de mangal melhorados de forma durável	<ul style="list-style-type: none"> • Número de refeições cozinhadas diariamente (valores de referência disponíveis no Anexo 5) • Percentagem do consumo de proteína, leguminosas e vegetais ao nível do <i>fogão</i> (valores de referência disponíveis no Anexo 5) • Percentagem da população com acesso a fontes melhoradas e eficientes de água (valores de referência disponíveis no Estudo de Referência, Gráfico 1)

ANEXOS

Anexo 1. Pessoas de referência identificadas pelo Estudo

Anexo 2. Termos de Referência

Anexo 3. Plano de Formação Inquiridores

Anexo 4. Inquéritos e entrevistas

Anexo 5. Cartografias participativas

Anexo 6. Dados consolidados em ficheiro excel

Anexo 1: Pessoas de Referência identificadas pelo Estudo

Tabanka	Nome
Claque	Paulo Pan (comerciante) – 956071529 Tereza – 966326001/966498372
Impasse	Castigo Jorge (Grupo de jovens) - 966487894 António Damne (ASC) – 966585937
N'Tchangue	Jeremias (Jovem) – 955504822 Agostinho Fona – Referenciado pela população como sendo o “especialista de arroz de bolanha salgada”
Infaidi	Cadogo (Jovem) – 965079419
Clonque	Julio Afu (Filho do Comité) – 966987308 Kenhanque – 966166163

Anexo 2. Termos de Referência

PRO-GB “Agricultura de mangal”

Termos de Referência para Estudo de Referência

Análises demográfica, social, econômica e ambiental da zona de intervenção da
PRO-GB “Agricultura de mangal”
Abril de 2019

1. Contexto do estudo

O estudo faz parte do componente "Agricultura de mangal" do PRO-GB. O objetivo específico desta componente é “aumentar a resiliência, os rendimentos e os níveis de segurança alimentar e nutricional das famílias abrangidas pelo desenvolvimento durável da fileira do arroz de mangal em áreas selecionadas da Guiné-Bissau”.

Três principais resultados são esperados:

1. Produção familiar de arroz de mangal aumentada de maneira sustentável à escala do país
2. Rendimentos dos agricultores familiares aumentados de forma durável por agregação de valor à fileira do arroz
3. Níveis de segurança alimentar e nutricional das famílias abrangidas pela componente Agricultura de mangal melhorados de forma durável

Para atingir estes resultados, 9 atividades principais estão planeadas:

- A.1.1 Modernização das bolanhas de água salgada através da sua reabilitação e proteção
- A.1.2 Melhoria da gestão de água nas parcelas das bolanhas de água salgada
- A.1.3 Adaptação das técnicas culturais às alterações climáticas
- A.1.4 Recuperação de mangais
- A.2.1 Apoio à transformação e conservação do arroz
- A.2.2 Apoio à comercialização e acesso aos mercados
- A.2.3 Apoio ao surgimento de mecanismos interprofissionais nas fileiras
- A.3.1 Apoio à diversificação produtiva e a iniciativas de produção agrícola sensíveis à nutrição (Atividade coordenada com os componentes horticultura, avicultura e “serviços de proximidade” do PRO-GB)
- A.3.2 Educação nutricional das famílias (Atividade coordenada com a componente Nutrição, horticultura, e “serviços de proximidade” do PRO-GB)

2. Finalidades e objetivos do estudo de referência

Este estudo de referência centra-se na análise do contexto territorial da zona de Encheia, zona de intervenção do componente "Agricultura de mangal" do programa PRO-GB.

Finalidade

Este estudo visa fornecer conhecimento quantitativo e qualitativo necessário para:

- compreender melhor o contexto territorial para facilitar a tomada de decisões
- construir o dispositivo de monitoria e avaliação do projeto (indicadores, valores de referência)

Objetivos

Os objetivos do estudo são :

- Aportar conhecimentos (demográficos, sociais, econômicos, ambientais, espaciais e territoriais) da área de intervenção do projeto
- Propor indicadores e seus valores de referência (T0) que permitam seguir a evolução do contexto e os principais resultados esperados do projeto. Esses indicadores devem levar em conta as particularidades do contexto local. Eles devem possibilitar a visualização das evoluções do contexto de acordo com as atividades e impactos do projeto (Como está o contexto antes do projeto? Como está o contexto após o projeto?)

Mais especificamente, para entender e seguir o contexto da área de estudo, o estudo deve fazer as seguintes análises:

1. ANÁLISE DEMOGRÁFICA: estado atual e dinâmica
2. ANÁLISE SOCIAL: organização social, gestão da terra e gestão de água de cultivo
3. ANÁLISE ECONÔMICA: ao nível da Tabanka, Morança e Fugon
4. ANÁLISE AMBIENTAL: Recursos Naturais e Mudanças Climáticas
5. ANÁLISE ESPACIAL: uso da terra dentro e ao redor do território da tabanka
6. ANÁLISE TERRITORIAL DA ÁREA DE INTERVENÇÃO

☒ Os objetivos específicos de cada análise são detalhados abaixo.

Principais orientações metodológicas

- O estudo deve considerar as seguintes escalas de análise: Tabanka, Morança e Fugon
- Cada análise deve considerar a dinâmica temporal (como os eventos evoluem com o tempo?) e a dinâmica espacial (onde estão os eventos localizados, como eles evoluem no espaço?).
- As análises devem ser baseadas em dados quantitativos e qualitativos. Eles também devem integrar as percepções dos atores locais.

☒ O quadro metodológico é detalhado mais adiante.

Local do estudo

O estudo será realizado na seção de Encheia, sector de Bissorã, na região de Oio. A área de estudo apresenta uma superfície de cerca de 4.000 hectares, cerca de 25 tabankas e aproximadamente 12.000 habitantes. Os limites da zona do estudo serão determinados com mais exatidão durante a reunião de enquadramento com a equipa do projeto.

3. Objetivos específicos

Para cada tabanka na área de intervenção, o estudo deve, pelo menos, fornecer os seguintes dados: Outras informações / dados podem ser identificados à medida que o estudo avança, dependendo de sua relevância para a compreensão do contexto territorial.

1. ANÁLISE DEMOGRÁFICA: estado e dinâmica

- Qual é a história da criação de tabanka? Qual é a história da primeira Morança? Quais são os principais fatos históricos da tabanka? Qual é o número total de habitantes? Como eles são divididos em termos de sexo?
- Como eles são divididos em termos de classe etária por sexo? (a ser definido) Qual é a dinâmica populacional: a população aumenta ou diminui? Quais são os principais fatores que explicam a dinâmica demográfica (taxa de natalidade, fluxos migratórios, etc.)?
- Quais são as particularidades culturais (etnia, religião, língua, etc.) da população?
- Quantas Moranças e fugons existem? Qual é a composição dos fugons? (número de pessoas, distribuição por sexo e idade, número de pessoas ativas, etc.) ?
- Qual é a história da Morança ? (fundação, origem, evolução demográfica)?

2. ANÁLISE SOCIAL: organização social, gestão da terra e gestão de água do cultivo

- Qual é a organização administrativa da tabanka?
- Quais são os principais órgãos costumeiros?
- Quais são as moranças mais importantes sobretudo em termos de poder de decisão, dentro da tabanka?
- Como é construída as relações entre os diferentes atores sociais? Quais são as interações entre os diferentes atores? Quais são as relações entre os atores sociais da tabanka e os de outras tabankas?
- Quais são as estruturas de gestão presentes na tabanka? Quantos são eles? O que é que gerem? Quais são seus modos de operação? Eles têm relacionamentos? Se sim, quais?
- Quais são as relações sociais e de tomada de decisão entre as tabankas da área de intervenção do projeto?

FOCO 1 : Como é organizada a gestão da terra das bolonhas?

Quem é o dono? Quais são os modos de transmissão, posse e utilização da terra? Existem conflitos? Em caso afirmativo, quais? Entre quem? Em caso negativo: quais são os mecanismos de mitigação/gestão dos conflitos?

Também é necessário identificar pessoas capacitadas

FOCO 2 : Como é organizada e gestão da água de cultivo nas bolonhas ?

Existem estruturas de gestão de água? Quais? Como eles funcionam? Existem problemas em torno do gerenciamento da água? Se sim, quais? Em caso negativo: quais são os mecanismos de mitigação/gestão dos conflitos? Que mão-de-obra é mobilizada para obras de gestão de água? Como é mobilizado?

Também é necessário identificar pessoas capacitadas

Anexo 3. Plano de Formação Inquiridores

PLANO GERAL DE FORMAÇÃO

Módulos	Conteúdos	Objetivos específicos de aprendizagem	Abordagens Pedagógicas	DIAS	HORAS
Módulo 0. Introdução	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Boas vindas e apresentação ▪ Apresentação do “PRO-GB “Agricultura de mangal” 	<ul style="list-style-type: none"> - Os participantes apropriam-se do plano de formação e estabelece-se um ambiente de aprendizagem motivador. - Os participantes compreendem o enquadramento do Estudo no Projeto “Agricultura de Mangal do PROGB” 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação dos participantes ▪ Apresentação do projeto pela equipa de Projeto ▪ Apresentação do programa de formação pelas formadoras 	Dia 1. Manhã	8H30/ 9H30
Modulo 1. O trabalho e o perfil do Inquiridor	<p>1.1 Em que consiste o trabalho dos inquiridores neste estudo</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Onde se realizará o estudo. ▪ Equipas ▪ Itinerário de trabalho <p>1.2. O Perfil do Inquiridor</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Atitude e competências do Inquiridor 	<ul style="list-style-type: none"> - Os participantes conhecem o âmbito do estudo (onde, quando e como) - Os participantes refletem acerca do perfil do Inquiridor e compreendem o que se espera deles neste estudo 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação Oral e com PPT ▪ Leitura e explicação do Código de Conduta ▪ Assinatura do Código de Conduta 	Dia 1. Manhã	9H30/ 10H30
Módulo 2. Ferramentas de Pesquisa	<p>2.1. Inquéritos, Questionários, Entrevistas e Grupos Focais</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Em que consiste cada ferramenta ▪ Análise das questões e abordagens ▪ Aplicação das ferramentas ▪ O papel do Inquiridor em cada uma das ferramentas ▪ Conceitos chave 	<ul style="list-style-type: none"> - Os participantes compreendem em que consistem os inquéritos, questionários, entrevistas e grupos focais e o que se pretende com cada uma destas ferramentas de estudo - Os participantes familiarizam-se com a utilização e o manuseamento das ferramentas - Os participantes compreendem o papel do inquiridor na aplicação das ferramentas 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação, explicação e análise dos questionários, entrevistas e grupos focais (PPT) ▪ Análise de conceitos chave presentes nas ferramentas de pesquisa PPT ▪ Apresentação e comentários (Role plays: divisão dos 6 participantes em 3 em grupos de 2, cada grupo recebe 1 inquérito, 1 questionário e 1 grupo focal. Leem o enunciado e representam a sua utilização, sendo que um faz de inquiridor e o outro de inquirido. No final os outros grupos comentam e avaliam) ▪ Discussão 	Dia 1. Manhã e Tarde	10h45/ 13H e 14H15/ 17h
Módulo 3. Testagem das ferramentas no Terreno	<p>3.1. Inquéritos, Entrevistas e Grupos Focais</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Os participantes aplicam as ferramentas no terreno 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Trabalho de campo 	Dia 2/3 Manhã	8h/14h
Modulo 4. Conclusões e Avaliação	<p>5.1 Esclarecimento de dúvidas e ajustamentos</p> <p>5.2. Avaliação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Os Participantes esclarecem dúvidas - Os participantes avaliam a formação 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Esclarecimento de dúvidas e ajustamentos em sala de aula ▪ Dinâmica de avaliação 	Dia 3 / Tarde	16h/17

Anexo 4. Inquéritos e entrevistas

ANÁLISE SOCIAL

INQUÉRITO (HABITANTES DA TABANKA)			
TABANKA Nº:	TABANKA:	Morança:	
Nome:		Género M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>	Idade:
Profissão:		Inquiridor:	

1	<p>Como são tomadas as decisões na tabanka?</p> <p>Reunião ___ Quem participa? _____</p> <p>Outro _____</p>
2	<p>Existem conflitos entre aqueles que tomam as decisões?</p> <p>Nunca ___ Raramente ___ Às vezes ___ Muitas vezes ___</p> <p>Porquê? _____</p>
3	<p>De que forma essas decisões são comunicadas à população?</p> <p>Reunião ___ Quem participa? _____</p> <p>Outro _____</p>
4	<p>Qual é a morança onde a população se reúne para fazer cerimónias ou festas?</p> <p>_____</p>
5	<p>As mulheres têm poder de decisão nalguns temas?</p> <p>Gestão do dinheiro ___ Organização da casa ___ Escola dos filhos ___ Vacinação das crianças ___</p> <p>Gestão das terras de cultivo ___ Outro _____ Não tem ___</p>
6	<p>Quais são as riquezas da tabanka ?</p> <p>Água de beber ___ Terra ___ Mangal ___ Floresta ___</p> <p>Outro <input type="checkbox"/> _____</p>
7	<p>Quem é que decide sobre a gestão dessas riquezas?</p> <p>Estado <input type="checkbox"/> Chefe da Tabanka <input type="checkbox"/> Comité <input type="checkbox"/> Proprietário ___</p> <p>Outro <input type="checkbox"/> _____</p>
8	<p>Existem bolanhas/ parcelas abandonadas na tabanka? Sim ___ Não ___</p> <p>Se sim, quantas _____ Porquê? _____</p>
9	<p>A quem pertencem essas bolanhas?</p> <p>Habitantes da Tabanka <input type="checkbox"/> Naturais da tabanka mas a residir fora <input type="checkbox"/> Onde _____</p> <p>Estado <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> _____</p>
11	<p>Lavra na bolanha? Como adquiriu a bolanha?</p> <p>Herança <input type="checkbox"/> Compra <input type="checkbox"/> Aluguer <input type="checkbox"/> Empréstada <input type="checkbox"/> Outro</p>
12	<p>Quando é necessário fazer obras nas bolanhas, quem faz essa obras?</p> <p>Proprietário ___ Mulher ___ Filhos ___ Contratados ___</p> <p>Outro _____</p>
13	<p>Quem faz a gestão do mangal?</p> <p>Proprietário ___ Chefe de Tabanka ___ Comité ___ Estado ___ Ninguém ___</p>
14	<p>Existe corte de mangal ? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/></p> <p>Para que fins? Bolanha nova ___ Madeira ___ Outro _____</p>
15	<p>Quando é que cortam o mangal?</p>

	Antes da chuvas ____ Depois das chuvas ____ Quando precisam ____
16	Quem corta o mangal? Habitantes da Tabanka ____ Habitantes de outras tabankas ____ Outros _____
17	Têm relações com as Tabankas vizinhas? Sim ____ Não ____
18	De que tipo: Económicas: Vendem produtos <input type="checkbox"/> Compram produtos <input type="checkbox"/> Trocam produtos <input type="checkbox"/> Trabalham para <input type="checkbox"/> Especifique _____ os produtos <input type="checkbox"/> _____ Sociais: São amigos
19	Diga o nome das Tabankas com quem mantêm relações

ANÁLISE ECONÓMICA

QUESTIONÁRIO (ADULTOS HOMENS E MULHERES POR FUGON)			
TABANKA Nº:	TABANKA:	MORANÇA:	
Nome:		Género M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>	Idade:
Profissão:		Inquiridor:	

1	Quantas pessoas comem neste fugon? M ___ F ___ M ___ F ___ M ___ F ___ M ___ F ___ M ___ F ___ (0-9 anos) (10-18 anos) (18-35 anos) (35-50 anos) (>50)										
2	Cultivos (lavouras) ao nível da FAMÍLIA:										
	Produto	Onde pratica		Há quanto tempo lavra (anos)			Equipamentos			Quem trabalha no Cultivo³⁾	Tarefa
		Na tabanka	Outra tabanka ¹⁾	<5	5 a 10	> 10	Enxada	Aradi	Outro ²⁾		
	Arroz b. Salgada										
	Arroz b. Doce										
	Arroz pam-pam										
	Caju										
	Mancarra										
	Feijão										
	Milho-preto										
	Milho basil										
	Hortaliças										
Notas: ¹⁾ Indicar nome e região ²⁾ Indicar qual ³⁾ Homens, mulheres e/ou filhos											
3	Costuma contratar pessoas para os trabalhos de lavoura? Sim ___ Não ___ Se sim: De onde são? Tabanka ___ Tabankas vizinhas ___ Imigrantes ___ Outro _____ Quanto recebem? _____										
4	Teve outra atividade que lhe tivesse dado rendimento antes? Sim ___ Não ___ Qual? _____										
5	Por quanto tempo? Menos de 1 ano ___ 1 a 5 anos ___ Mais de 5 anos ___										
6	Porque deixou?										

7 Cultivos (lavouras) ao nível da PRODUÇÃO:								
Produto	Nº de parcelas cultivadas	Produção ²⁾		Mês de colheita	Até quando armazena (mês)?	Vende? ¹⁾	Troca? ¹⁾	Troca por que produtos
		Sacos	Kilos					
Arroz b. salgada								
Arroz b. doce								
Arroz pam-pam								
Caju								
Mancarra								
Feijão								
Milho-preto								
Milho basil								
Hortaliças								

NOTAS: ¹⁾ Sim ou não ²⁾ Última produção

8	Deixou de cultivar alguma(s) parcela(s) de arroz? Se sim quantas? _____ Porquê? _____
---	--

9 Cultivos (lavouras) – PROBLEMAS NA PRODUÇÃO:						
Produto	Cultivo ¹⁾	Colheita ¹⁾	Conservação ¹⁾	Transporte ¹⁾	Venda	Outro
Arroz bolanha						
Arroz pam-pam						
Caju						
Mancarra						
Feijão						
Milho-preto						
Milho basil						
Hortaliças						

NOTAS: ¹⁾ Especificar de que tipo (falta/excesso de água, entrada de água do mar, oriques estragados, pragas, doenças, falta de meios de transporte, etc).

10	O que é que poderia ajudar nos problemas das lavouras que indicou ?					
11	Utiliza pesticidas e inseticidas na produção de arroz de bolanha? Sim____ Não____ Em que altura? Antes da plantação____ Depois da plantação____ Ambas____					
12	Cultivos (lavouras) – PÓS-COLHEITA E ARMAZENAMENTO					
	Produto	Onde armazena ¹⁾	Indique problemas pós-colheita ²⁾	Estimativa de perda pós-colheita		
				Um pouco (até 25%)	Cerca de metade (50%)	Bastante (50-75%)
	Arroz					
	Caju					
	Mancarra					
	Feijão					
	Milho- preto					
	Milho basil					
NOTAS: ¹⁾ Sacos, Bemba de terra, Bemba metálica, Bemba de palha, Bidons de 5 ou 20 litros, etc. ²⁾ Dificuldades/perdas no transporte até casa, pragas (bichos), roubos, humidade, ratos, etc.						
13	Quais os cuidados pós-colheita que adopta? <input type="checkbox"/> Limpeza do Celeiro/Bemba antes do armazenamento <input type="checkbox"/> Aplicação de Pesticidas <input type="checkbox"/> Secagem dos produtos ao sol <input type="checkbox"/> Processamento dos alimentos <input type="checkbox"/> Outros: _____					
14	Alguma vez recebeu orientações sobre como deve tratar e conservar os seus produtos depois da colheita? <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não <i>a) Caso tenha respondido "Sim" à questão anterior, indique de quem recebeu?</i> <input type="checkbox"/> Governo <input type="checkbox"/> ONG's <input type="checkbox"/> Familiares/vizinhos <input type="checkbox"/> Outro: _____					
15	Guarda alguma parte do arroz para cerimónias tradicionais? SIM ____ NÃO____ Especifique _____					
16	Que quantidade de arroz é cozinhada por dia neste fugon? Até 4 kg ____ 5 - 9 kg ____ Mais de 10 kg ____					
17	Produz sal? Sim____ Não ____ Para que fim? Venda____ Troca ____ Consumo doméstico ____					

18	Quantos ANIMAIS tem na morança?						
	Animais	Galinhas	Cabras	Carneiro	Porcos	Vacas	Burros
	Nº						
19	Tem família a viver fora da Tabanka ? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Onde? Membro da família? _____						
20	De que é feita a casa? Adobe <input type="checkbox"/> Cimento <input type="checkbox"/> Telhado de Palha <input type="checkbox"/> Telhado de Zinco <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> Especifique _____						
21	Qual a energia utilizada na casa/morança? Eletricidade (painel solar) <input type="checkbox"/> Gerador <input type="checkbox"/> Velas <input type="checkbox"/> Lanterna <input type="checkbox"/> _____						
22	Onde é que a família vai buscar água? Poço <input type="checkbox"/> Bomba <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Especifique _____						
23	O poço seca na época seca? Sim ___ Não ___ Qual a distância entre a casa e a fonte de água mais próxima quando o poço está seco? Menos de 15m <input type="checkbox"/> 15-30min <input type="checkbox"/> 30-60 min <input type="checkbox"/> Mais de 1h <input type="checkbox"/>						
24	Qual o seu nível de escolaridade? Sem escolaridade <input type="checkbox"/> 1º a 4 ano <input type="checkbox"/> 5º a 6 ano <input type="checkbox"/> 7º a 9º ano <input type="checkbox"/> 9º a 11º ano <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/>						
25	As crianças estudam? Quantas? _____ Onde? Tabanka <input type="checkbox"/> Tabanka vizinha <input type="checkbox"/> Especifique _____ Cidade <input type="checkbox"/> Especifique _____						
26	As crianças ajudam nalguma tarefa ou trabalho? Tarefas da casa ____ Tomam conta de outras crianças ____ Não contribuem ____						
27	O que compram fora da Tabanka? E onde? Carvão <input type="checkbox"/> Lenha <input type="checkbox"/> Alimentos <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> _____ Sabão <input type="checkbox"/> Roupas <input type="checkbox"/> Materiais de lavoura <input type="checkbox"/> Onde? _____						
28	O que poderia melhorar as condições de vida da família?						

ANÁLISE NUTRICIONAL

QUESTIONÁRIO (MULHERES POR FUGON)			
TABANKA:	Nº	FUGON Nº	
NOME:		Género M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>	Idade:
Morança:	Inquiridor:		

Nº	Questão
1	Onde são tratadas as pessoas da comunidade quando ficam doentes?
	Centro de Saúde <input type="checkbox"/> Curandeiro <input type="checkbox"/> Outro <input type="checkbox"/> Especifique _____
2	Onde fica o centro de saúde mais próximo?
	Na tabanka <input type="checkbox"/> Na tabanka vizinha <input type="checkbox"/> Especifique quanto tempo de caminho _____ Na cidade <input type="checkbox"/> Qual? _____
3	Onde fica o curandeiro mais próximo?
	Na tabanka <input type="checkbox"/> Na tabanka vizinha. <input type="checkbox"/> Especifique quanto tempo de caminho _____ Na Cidade <input type="checkbox"/> Qual? _____
4	Quem cuida das crianças?
	Mãe <input type="checkbox"/> Pai <input type="checkbox"/> Irmãos <input type="checkbox"/> Outro _____
5	Quando a mãe/pai/irmãos vai trabalhar no campo quem fica com as crianças?
	Pai <input type="checkbox"/> Vizinha <input type="checkbox"/> Irmãos <input type="checkbox"/>
6	Quantas vezes come:
	a) Frutas: Todos os dias ____ Às vezes ____ Raramente ____ Só em cerimónias e festas ____ b) Arroz: Todos os dias ____ Às vezes ____ Raramente ____ Só em cerimónias e festas ____ d) Carne: Todos os dias ____ Às vezes ____ Raramente ____ Só em cerimónias e Festas ____ e) Peixe: Todos os dias ____ Às vezes ____ Raramente ____ Só em cerimónias e festas ____ f) Hortaliças: Todos os dias ____ Às vezes ____ Raramente ____ Só em cerimónias e Festas ____
7	Quantas vezes comem por dia? (número) R: _____
8	Quantas pessoas comem neste fugon? R: _____
9	Houve alguma morte de criança (0-5 anos) neste fugon, este ano (desde janeiro 2019)?
	Não <input type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Quantas? <input type="checkbox"/> Causa _____

ANÁLISE DEMOGRÁFICA

ENTREVISTA (CHEFE DA TABANKA E/OU FIGURA DE AUTORIDADE LOCAL)	
TABANKA Nº:	NOME DA TABANKA:
Inquirido(Nome e Cargo na Tabanka):	
Inquiridor(Nome):	

Nº/R	Questão
1	Qual é a história da criação da Tabanka?
R1	
2	Qual é a história da primeira Morança?
R2	
3	Quais são os principais fatos históricos da tabanka?
R3	
4	Qual é o número total de habitantes?
R4	
5	Quantas crianças dos 0-5 anos? Quantos meninos e quantas meninas.
R5	
6	Quantas crianças 6-12 anos? Quantos meninos e quantas meninas.
R6	
7	Quantas crianças 13-18 anos? Quantos meninos e quantas meninas.
R7	
8	Quantos adultos 19-35 anos? Quantos homens e quantas mulheres.
R8	
9	Quantos adultos 36-50 anos? Quantos homens e quantas mulheres.

R9	
10	Quantos adultos 50-80 anos? Quantos homens e quantas mulheres.
R10	
11	Nos últimos anos a população aumentou ou diminuiu?
R11	
12	Porquê? (Quais são os principais fatores que explicam a dinâmica demográfica)
R12	
13	Qual a etnia, língua e religião da população da tabanka?
R13	Grupos Étnicos
	Línguas
	Religiões
14	Quantas Moranças existem?
R14	
15	Quantos Fugons existem?
R15	

ANÁLISE AMBIENTAL: clima/solos/cultivo do arroz de mangal

ENTREVISTA (CHEFE DA TABANKA)	
TABANKA Nº:	NOME DA TABANKA:
Nome:	Gênero M <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> Idade:
Profissão:	Inquiridor:

1	O que acha da chuva e da temperatura atual para os cultivos em geral? Muito bons__ Bons__ Suficientes__ Maus__
2	E do solo? muito bom__ Bom__ Suficiente__ Mau__
3	O que acha da chuva e da temperatura atual para o cultivo do arroz de mangal? Muito bons__ Bons__ Suficientes__ Maus__
4	E do solo do mangal? Muito bom__ Bom__ Suficiente__ Mau__
5	Qual é o maior problema para a produção de arroz de mangal ? Falta de água <input type="checkbox"/> Salinidade <input type="checkbox"/> Fertilidade do solo <input type="checkbox"/> Diques em mau estado <input type="checkbox"/> Doenças Pragas <input type="checkbox"/> Outro _____
6	Tem notado alterações na chuva e na temperatura no últimos 20-30 anos ? Sim__ Não__
7	Se sim, como ? (várias respostas possíveis) Menos chuva __ Início da chuva mais tarde __ Fim da chuva mais cedo __ Chuvas irregulares __ Chuvas fortes e inundações __ Aumento do nível da água do mar __ Mais calor __ Entradas de água salgada (Marão) __ Outros _____
8	Lembra se de anos particularmente difíceis? Sim __ Não __ Se sim, quais? Anos: _____
8	Esta preocupado com alterações da chuva, temperatura e do nível da água do mar? Sim __ Não __
9	A tabanka tem planos comunitários para se precaver destas alterações? Sim __ Não __
10	Se sim, como? (várias respostas possíveis)? Melhorar gestão da água da chuva __ Melhorar diques __ Proteger mangal c/ árvores de tarrafe __ Sistemas de irrigação __ Cultivo de outros cereais (resistentes à seca) __ Ex: _____ Outro _____
11	Sabe de famílias que têm implementado medidas de prevenção nas suas bolanhas? Sim __ Não__ Se sim quais ? (várias respostas possíveis) Melhorar gestão da água da chuva __ Melhorar diques __ Proteger mangal c/ árvores de tarrafe __ Sistemas de irrigação __ Cultivo de outros cereais (resistentes à seca) __ Ex: _____ Outro _____

12	<p>A tabanka tem sido sensibilizada para as alterações do clima (chuva, temperatura, mar)? Sim ___ Não ___ Se sim, de quem? (várias respostas possíveis)</p> <p>Instituições do estado ___ IBAP ___ Organizações nacionais ___ Organizações internacionais ___ Outro _____</p>
13	<p>De que forma? (várias respostas possíveis)</p> <p>Cartazes expositivos ___ Anúncios na rádio ___ Distribuição de variedades de arroz resistentes ___ Capacitação/formações ___ Apoio técnico ___ Outro _____</p>
14	<p>Quais são os principais usos do mangal?</p> <p>Cultivo do arroz ___ Lenha ___ Pesca (peixe) ___ Pesca (ostras) ___ Outro _____</p>
15	<p>Existe alguma autoridade que regula o corte da madeira do mangal (ao nível da tabanka) ? Sim ___ Não ___ Se sim, por quem?</p> <p>Chefe da tabanka ___ Comité ___ Estado ___ Outro _____</p>
16	<p>Tem notado: Degradação do mangal ___ Diminuição da área do mangal ___</p>
17	<p>Acha que as arvores do mangal protege as plantações de arroz? Sim ___ Não ___</p>
18	<p>A tabanka tem medidas de gestão e proteção do mangal e dos seus recursos? Sim ___ Não ___</p>
19	<p>Acha que as pessoas da tabanka sentem necessidade de proteger o mangal agora para que haja arroz e lenha no futuro?</p> <p>Muita necessidade ___ Alguma necessidade ___ Nenhuma necessidade ___</p>
20	<p>Acha que as pessoas da tabanka sentem necessidade de proteger o mangal agora para que haja animais selvagens e natureza (paisagem bonita)?</p> <p>Muita necessidade ___ Alguma necessidade ___ Nenhuma necessidade ___</p>
21	<p>A tabanka tem sido sensibilizada para a proteção do mangal? Sim ___ Não ___ Se sim, de quem? (várias respostas possíveis)</p> <p>Instituições do estado ___ IBAP ___ Organizações nacionais ___ Organizações internacionais ___ Outro _____</p>
22	<p>De que forma? (várias respostas possíveis)</p> <p>Cartazes expositivos ___ Anúncios na rádio ___ Distribuição de variedades de arroz resistentes ___ Capacitação/formações ___ Apoio técnico ___ Outro _____</p>

ANÁLISE TERRITORIAL

CHEFE DA TABANKA E/OU COMITÉ			
TABANKA Nº:	NOME DA TABANKA:		
Nome:	Género M <input type="checkbox"/> F <input type="checkbox"/>	Idade:	
Profissão:	Inquiridor:		

Nº	Questão
1	Qual é a maior tabanka neste sector?
2	Qual é a tabanka mais importante?
3	Como qualificaria a importância da vossa tabanka neste sector ? Alta <input type="checkbox"/> Média <input type="checkbox"/> Normal <input type="checkbox"/>
4	Qual a cidade mais importante? Mansoa <input type="checkbox"/> Bissorã <input type="checkbox"/> Bissau <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/>
5	Qual a cidade que mais atrai os jovens? Mansoa <input type="checkbox"/> Bissorã <input type="checkbox"/> Bissau <input type="checkbox"/> Outra <input type="checkbox"/>
6	Como é partilhada a água para a Agricultura com as outras tabankas Não é partilhada <input type="checkbox"/> Ha poços partilhados mas sem gestão concertada <input type="checkbox"/> É partilhada com gestão concertada <input type="checkbox"/> Outro (especifique) <input type="checkbox"/>
7	A partilha da água gera conflitos ? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>
8	Existem relações entre tabankas para a agricultura ? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se sim, quais? Entre ajuda nos trabalhos agrícolas <input type="checkbox"/> Partilha/troca de sementes <input type="checkbox"/> Co-gestão certos campos com colheita partilhada <input type="checkbox"/> Conflitos <input type="checkbox"/> Outros <input type="checkbox"/> (especifique)
9	Existem relações entre tabankas para a gestão do mangal ? Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Se sim, quais: Entreajuda nos cortes <input type="checkbox"/> Entreajuda na pesca <input type="checkbox"/> Gestão concertada para a sustentabilidade dos recursos <input type="checkbox"/> Conflitos <input type="checkbox"/> Outros (especifique) <input type="checkbox"/>
10	CARTOGRAFIA PARTICIPATIVA Pedir para desenhar em papel um mapa da tabanka e das redondezas, especificamente: O contorno aproximativo da tabanka; O norte (ou onde nasce o sol); O rio; Bissorã; A localização dos campos de arroz de mangal, se possível com alguns atributos (quais as mais/menos produtivas); A localização geral das outras culturas; A localização das zonas de mangal, se possível com alguns atributos (quais são utilizadas para lenha etc.); A localização das tabankas vizinhas, se possível com alguns atributos (relações). Tirar uma foto do mapa final e anotar umas informações básicas: Quem participou e (elaborar depois uma avaliação da perceção espacial geral) Qual a reação/facilidade em interpretar um mapa da zona de Encheia (em preparação).

